



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

JORDANA COUTINHO CALIRI

FOLHAS DA PROVÍNCIA:
A IMPRENSA AMAZONENSE DURANTE O PERÍODO IMPERIAL (1851-1889)

MANAUS
FEVEREIRO DE 2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

JORDANA COUTINHO CALIRI

FOLHAS DA PROVÍNCIA:
A IMPRENSA AMAZONENSE DURANTE O PERÍODO IMPERIAL (1851-1889)

ORIENTADORA:
PROF^a DR^a MARIA LUIZA UGARTE PINHEIRO

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

MANAUS
FEVEREIRO DE 2014

TERMO DE APROVAÇÃO

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Maria Luiza Ugarte Pinheiro
Presidente – UFAM

Prof^a. Dr^a. Carla Monteiro de Souza
Membro Externo – UFRR

Prof. Dr. Almir Diniz de Carvalho Júnior
Membro Interno – UFAM

DEDICATÓRIA

À Iris Caliri, que foi sem nunca ter ido, sempre presente em minha vida. In Memoriam.

Ao Eder e Rafael, meu porto seguro.

AGRADECIMENTOS

No decorrer deste trabalho, diversas pessoas contribuíram, de tantas formas, opinando, apoiando, incentivando, e, até mesmo me dedicando um pouco do seu tempo em conversas inesperadas, que me renderam boas reflexões. Agradeço a todos.

À Secretaria de Estado de Educação e Qualidade de Ensino (SEDUC) e Secretaria Municipal de Educação (SEMED), que me possibilitaram o afastamento de minhas atividades em sala de aula, proporcionando as condições necessárias para realização desse trabalho.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas (FAPEAM), por ter me concedido 12 meses de bolsa.

Ao Laboratório de História da Imprensa no Amazonas (LHIA), na figura dos professores Maria Luiza Ugarte Pinheiro e Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro, pelo acesso aos periódicos.

Ao Centro Cultural Povos da Amazônia, na figura do Nonato, funcionário sempre disposto a ajudar.

Agradeço especialmente à minha orientadora, professora Maria Luiza Ugarte Pinheiro, sempre disposta a orientar e conversar sobre os caminhos da pesquisa, momentos agradáveis e de muito aprendizado sobre a história da imprensa e o trabalho do historiador. Pela amizade e paciência a mim dedicados durante esses dois anos e meio, também pelo profissionalismo e pela leitura minuciosa do trabalho, contribuindo de forma valiosa para o produto final do mesmo e no qual muito aprendi sobre o processo de escrita do historiador. Só tenho a agradecer.

Ao professor Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro, pela amizade e pelo incentivo a mim dedicados, desde os tempos de graduação. Também pelo encaminhamento das questões discutidas em sala de aula, que muito contribuíram para o meu amadurecimento intelectual.

Pelas valiosas questões trabalhadas em sala, agradeço também aos professores Patrícia Silva, Eloína Monteiro e Almir Diniz. A este último, juntamente com o professor Otoni Mesquita, agradeço também pelas críticas e sugestões feitas durante o exame de Qualificação.

Aos amigos, que tornaram esse processo menos árduo.

À Luciane, amiga sempre presente.

À Lívia, amiga de longa data, pelas conversas constantes, sempre me apoiando e incentivando, acreditando em mim mais do que eu mesma, sua amizade foi fundamental.

À Cristiana Grobe, que se fez minha grande amiga no decorrer do mestrado, por compartilhar comigo os anseios e dúvidas sobre esse processo. À Priscila Daniele, a quem tive a grande alegria de reencontrar no mestrado, pelas longas conversas sobre a imprensa, sobre o mestrado e sobre a vida. Pela leitura dos textos, e por suas importantes considerações. Pelo carinho e incentivo de vocês, obrigada amigas!

Aos amigos do mestrado, Bianca, Gisele, Vanessa, Amilcar, Frederico, André, Raimundo, Rafael, Glauciene, Sebastião, Kleber, Carol, pelos debates sempre frutíferos em sala e pelo convívio fora delas. À Alba e ao Tenner, pelas importantes dicas e contribuições.

À família, que é a base de tudo. Às mulheres que me inspiram, guerreiras, que viveram o sonho de sair do interior para viver na cidade grande, Maria, Horacia e Rosa, a quem devo tudo que sou. À Ivy, minha irmã, que com sua doçura, sempre esteve ao meu lado. E especialmente, à Rosa, minha avó, que me apoiou em todos os momentos da minha vida, e que mesmo sem compreender direito a dimensão deste trabalho, sempre me dedicou carinho e paciência, sempre dizendo : *tudo bem, minha filha, da próxima vez você vem me visitar!* Obrigada Vó!

Ao Rafael, meu pequeno Dom Quixote, por ser minha fonte de alegria nesses dois anos e meio, não me deixando esmorecer em nenhum momento. Boa notícia, meu filho : enfim a mamãe vai desligar o computador pra brincar mais com você!

Ao Eder, meu grande companheiro e melhor amigo, sua importância para esse trabalho não se pode traduzir em palavras. Mesmo trilhando o mesmo caminho do mestrado, não cansou de me ouvir falar sobre os meus jornais, sobre as minhas angústias, nem mesmo cansou de ler os meus textos, mesmo sendo a História esse estranho desconhecido. Pelo seu apoio, incentivo, carinho e amor, muito obrigada!

RESUMO

Com o processo de criação da Província do Amazonas em 1850, surgiram os primeiros jornais amazonenses, e nas décadas que se seguiram, foram publicados cerca de 141 periódicos. Nosso estudo vem no sentido de analisar a produção destes periódicos surgidos entre 1851 até 1889, fase correspondente ao período imperial. Procuramos estabelecer o papel desempenhado por esses periódicos na sociedade amazonense e ainda estabelecer as relações entre eles, e deles com o cotidiano da cidade e de seus habitantes. Os produtores dos jornais começaram a delimitar seus espaços na sociedade amazonense já nesse momento. A cidade vinha à tona pelos jornais através de denúncias e reclamações publicadas em suas páginas. Dentre as características apresentadas pelos jornais temos o posicionamento crítico em relação à sociedade e ao governo, fato que motivou ações de censura aos produtores de jornais. As desavenças entre os órgãos de imprensa também foi um fator presente no período. Foi preocupação ainda neste trabalho traçar um perfil dos leitores e leitoras nesse processo de constituição da Imprensa. Está presente também nesta dissertação uma imersão na trajetória dos jornais o *Amazonas* e o *Commercio do Amazonas*, dois jornais importantes e de grande circulação no período.

Palavras-chave: Imprensa, História da Cidade e Leitores.

ABSTRACT

With the process of creating the Province of Amazonas in 1850 , the first Amazonians newspapers appeared , and in the decades that followed, were published about 141 journals . Our study in order to analyze the production of these journals arising between 1851 to 1889 , corresponding to phase imperial period . We seek to establish the role played by these journals in Amazonian society and also establish the relationships between them , and with them the life of the city and its inhabitants . Producers of newspapers began to define their spaces in Amazonian society now at this moment . The city came to light through the newspapers published reports and complaints on their pages . Among the features presented by the newspapers have the critical position in relation to society and the government , a fact that motivated the actions of censorship newspaper producers . Disagreements between the organs of the press was also a factor in this period. Was still concern in this paper to draw a profile of our readers in this process of incorporation of the Press . Is also present in this paper an immersion in the trajectory of the newspapers Comercio Amazon and the Amazon , two major newspapers and mass circulation period.

Keywords : Media , History of the City and Readers

LISTA DE GRÁFICOS E IMAGENS

Gráfico 1: Jornais Publicados no Amazonas (1881-1889)	41
Figura 1: Anúncio da Tipografia do Amazonas	54
Figura 2: Anúncio da Loja O Brinquinho	82
Figura 3: Anúncio da Sociedade Harmonia Amazonense	109
Figura 4: Lista de Amazonenses que participaram na Guerra	112
Figura 5: Homenagem do <i>Abolicionista</i> ao fim da Escravidão na Província do Amazonas	116
Figura 6: Homenagem do jornal <i>A Imprensa Unida</i> ao fim da Escravidão	117
Figura 7: Anúncio da Revista <i>A Estação</i>	124
Figura 8: Anúncio da loja Ville Du Havre	127

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	11
CAPÍTULO 1	
A IMPRENSA NO IMPÉRIO	16
1.1. A Imprensa na História	16
1.2. A Imprensa na Historiografia Brasileira	26
1.3. A Historiografia sobre a Imprensa no Amazonas	34
1.4. A Imprensa na Província	36
CAPÍTULO 2	
RADIOGRAFANDO OS JORNAIS AMAZONENSES	45
2.1. No interior das tipografias	45
2.2. Perfil dos jornais	55
2.2.1. Os jornais da Capital e os moradores do Interior	69
2.3. Em cena <i>o Amazonas</i>	72
2.4. Pelo <i>Commercio do Amazonas</i>	83
2.5. A Diversidade em questão	89
CAPÍTULO 3	
DESCORTINANDO OS JORNAIS	97
3.1. Radiografando o Urbano	97
3.2. A Guerra do Paraguai e os Jornais do Amazonas	111
3.3. Embates pela Abolição e República	114
3.4. Os Leitores	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
FONTES	133
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	135
ANEXOS	139

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Imprensa passou por diferentes caminhos no âmbito da Historiografia ao longo do século XX e hoje se constitui como um material valioso para o trabalho do historiador, sendo largamente utilizada na atualidade tanto como fonte como também sendo o próprio objeto de pesquisa. A reflexão sobre Imprensa e História é um diálogo que tem sido constantemente renovado pelos estudiosos.

O primeiro contato com os jornais aconteceu ainda na Graduação quando, através de uma bolsa de Iniciação Científica, no ano de 2002, pesquisei a atuação dos jornais na construção do projeto de modernidade que se queria para a cidade de Manaus¹, no início do século XX, fruto dos anseios das elites enriquecidas com a exportação da borracha. Dessa forma, pude familiarizar-me com a prática da pesquisa e particularmente com os jornais como fontes históricas, que exerceram em mim uma grande motivação para dar continuidade ao mesmo projeto no curso de mestrado.

Esse projeto de pesquisa, do qual fiz parte foi fruto de um conjunto de ações que visava incentivar o desenvolvimento de pesquisas no curso de História da UFAM desde 2001. Essas pesquisas foram coordenadas pelos professores Maria Luiza Ugarte Pinheiro e Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro. A primeira dessas ações foi a implantação da disciplina *História e Periodismo* no curso de História. A segunda foi a constituição de um projeto Integrado de Pesquisa, do qual participaram alunos e professores, cada um deles atuando em sub-projetos, que se articulavam a partir de duas linhas de pesquisa: *Imprensa & Cultura Letrada* e *Imprensa & Mundos do Trabalho*. A terceira etapa foi a institucionalização do Laboratório de Imprensa no Amazonas (LHIA), no ano de 2005.²

Ao ingressar no mestrado em História, optamos por trabalhar de forma mais direcionada com os órgãos de Imprensa, constituindo-os como objeto de pesquisa. Como percebemos que o Período Provincial (1850-1889) ainda permanecia uma lacuna na História da Imprensa local, estava lançado o desafio. No entanto, qual seria a questão a ser formulada? Qual seria o cerne da pesquisa, já que estaríamos lidando com um

¹ CALIRI, Jordana Coutinho. *Uma poética do concreto: a imprensa e a construção da cidade imaginada*. Programa de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Manaus: UFAM/CNPq, 2003.

² PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto e PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Gavroche*: Boletim de Pesquisa do Laboratório de História da Imprensa no Amazonas. Manaus, vol. 1, nº 1, 2005, p. 5.

objeto que era reflexo de anseios e desejos de seus produtores, interesses que nem sempre seriam convergentes?

A proposta então seria analisar o conjunto de jornais que surgiu nesse período, momento em que a Imprensa amazonense dava seus primeiros passos. Estudar um grupo de jornais a partir de seus primeiros passos, acompanhar sua trajetória e consolidação como meio de comunicação na sociedade manauara e perceber até que ponto a caracterização como imprensa áulica era total durante esse período.³

Significativo, ao se escrever sobre os primeiros jornais surgidos na cidade de Manaus, é destacar o processo de emancipação política pelo qual havia passado a região. Em 1850, o Amazonas conseguiu sua autonomia em relação à província do Pará, fato que era há muito almejado pelos habitantes locais. Devido a dificuldades estruturais, a instalação só ocorreu efetivamente dois anos depois. E como capital da nova Província, a antiga Vila da Barra, que alguns anos antes havia sido elevada à categoria de cidade, precisou passar por algumas mudanças para atender a condição de capital na nova Província.

Nossa intenção foi perceber de que forma os jornais se estabeleceram enquanto veículos de comunicação e como se relacionavam com a cidade, que também estava em seu processo de formação e consolidação. Perceber de que forma esses jornais agiam, como se posicionavam frente ao contexto político e econômico, com que grupos econômicos se relacionavam.

Partindo do que Darnton denominou *circuito de comunicação*⁴, nossa intenção também foi identificar todos os envolvidos no processo de produção dos jornais, proprietários, trabalhadores, chegando até aos leitores, que também tiveram um papel fundamental nesse processo. Interessou perceber de que forma atuaram estes produtores dentro e fora das tipografias, e que vínculos foram estabelecidos com a sociedade da qual faziam parte.

³ Como esse momento inicial da Imprensa amazonense ainda permanecia uma lacuna na historiografia Regional, na medida em que não havia nenhum trabalho extensivo sobre o tema, em um primeiro momento foi vista como uma imprensa áulica, denominação que se referia a uma imprensa restrita a publicação dos atos oficiais e a anúncios de fugas de escravos. FREIRE, José Ribamar Bessa (Coord.). *Cem Anos de Imprensa no Amazonas (1851-1950)*. Catálogo de Jornais. Manaus: Editora Calderaro, 1990, p. 19.

⁴ Constituído por um modelo geral de análise de como os impressos surgem e se difundem na sociedade, e que leva em consideração todos os agentes envolvidos nesse processo, o autor, o editor, o impressor, o distribuidor, o vendedor e até chegar ao leitor. DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

A partir da abordagem da *História Social*⁵, pretendemos trazer à tona memórias de grupos que não estavam presentes nos discursos oficiais, e dessa forma, analisar o universo de lutas e conflitos sociais no qual os jornais foram produzidos. Também estava entre nossos objetivos recuperar memórias que não foram preservadas pela História, as das pessoas comuns. Essas memórias também estavam presentes nos jornais de grande circulação e, para isso, foi necessário criar uma nova sensibilidade para compreendê-los.

Exemplar no estudo da imprensa é a utilização do conceito de representação⁶, relação que vem ganhando força entre os pesquisadores da atualidade. Considerável foi tentar perceber, através da construção de narrativas presentes nos jornais, de que forma os homens daquele momento representavam a si mesmos, de que forma a sociedade do período construía suas imagens, quais as escolhas a serem eternizadas através desses registros escritos.

Os jornais constituíram-se na principal fonte da pesquisa. Diante da exigüidade do tempo e indisponibilidade das fontes, definimos trabalhar com 42 títulos de periódicos. Entre estes estavam tanto os diários de grande circulação e longevidade, como o *Amazonas e o Commercio do Amazonas*, quanto aqueles que publicavam poucos títulos e possuíram vida curta, como *A Epocha, Evolução*, entre outros. Esse material foi disponibilizado pelo LHIA, que no interior de seu laboratório, investiu na compra de microfimes da Biblioteca Nacional e na digitalização dos mesmos. Para nossa infelicidade, muitos dos títulos referenciados no *Catálogo de Cem Anos de Imprensa no Amazonas*⁷ para o período Provincial simplesmente “sumiram” de nossos arquivos manauaras, o que significou uma perda lastimável para nossa História.

⁵ Um dos maiores expoentes da História social é Edward Thompson. Este reformulou alguns conceitos do marxismo, por exemplo o conceito de classe social. De acordo com Thompson, a classe não é uma categoria estática, que passa a existir após a exploração capitalista, ela existe quando as pessoas se sentem e atuam como classe. Além disso, acrescentou a *experiência* como um fator ausente no marxismo e ao mesmo tempo determinante no estudo dos homens ao longo do tempo. Através da *experiência*, pode-se recuperar a história de vida daqueles cujas vozes foram silenciadas no passado, e assim, eles tornam-se sujeitos de suas histórias. Assim, de acordo com Thompson com este conceito, trata-se de reinserir o sujeito, sua visão de mundo, seus problemas cotidianos e principalmente sua cultura, na História. THOMPSON, Edward Palmer. *A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros: Uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 180-200.

⁶ Roger Chartier, um dos principais nomes da História Cultural, afirma que o principal objetivo da História Cultural está em identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Assim, o conceito central dentro da História Cultural é o conceito de *representações*, que são construídas através de esquemas intelectuais que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado. CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 17.

⁷ FREIRE, Op. cit.

Trabalhar com estes jornais foi uma agradável surpresa, pois, com um olhar mais apurado permitiu entrever que havia uma diversidade de ideias e projetos e que os mesmos produziram diferentes percursos dos órgãos da Imprensa Amazonense. Cabe salientar que trabalhamos com uma parte da totalidade de jornais produzidos durante o período citado, sendo essa parte valiosa para apreender as características que conformavam o periodismo à época provincial.

Além dos jornais, outras fontes também foram utilizadas, destacando entre elas os relatórios provinciais, os expedientes do governo, os códigos de postura, alguns publicados nos próprios jornais, que nos forneceram um contexto mais amplo sobre o período trabalhado, e que foram relevantes na medida em que permitiram cruzamentos de leituras diferenciadas sobre o mesmo objeto.

Nesse momento, essencial também foi a leitura dos relatos de viajantes e memorialistas, pessoas que vivenciaram a cidade em outras épocas e que deixaram vestígios carregados de memória. Viajantes e memorialistas nos trazem informações importantes sobre o passado, apesar de sempre termos que analisar esses escritos com cuidado por se tratarem de pessoas imersas em outro ambiente cultural, por vezes impregnados de olhares preconceituosos.

Por fim, a dissertação está estruturada em três capítulos. No primeiro Capítulo, *A Imprensa no Império*, iniciamos tecendo algumas considerações sobre a relação entre a Imprensa e a História, discutindo questões a serem observadas ao se trabalhar com a Imprensa. Dialogamos ainda com as principais obras que abordam a Imprensa durante o período Imperial e, por último, apresentamos brevemente o panorama da Historiografia Regional sobre a Imprensa no Amazonas, destacando o processo de implantação da primeira tipografia e os principais jornais do período.

No segundo capítulo, *Descortinando os Jornais*, procuramos desconstruir o processo de produção dos jornais, tentando perceber quem eram os sujeitos por trás desses periódicos, apresentando um perfil dos proprietários e dos trabalhadores da imprensa, bem como o universo de trabalho e sociabilidade desses personagens. No espaço do trabalho, buscamos discorrer brevemente sobre os trabalhadores dos periódicos. Apresentamos uma reflexão sobre os periódicos procurando mostrar as principais características, as divergências produzidas no meio jornalístico e assim, o lado aparente dos jornais que torna possível caracterizá-los. A partir do estudo de dois diários de grande circulação, o *Amazonas* e o *Commercio do Amazonas*, buscamos fazer uma imersão mais profunda no mundo do periodismo da época, visto que foram jornais

que tiveram peso e influência sobre a sociedade. Ainda neste capítulo, fazemos uma análise dos jornais que caracterizaram-se como efêmeros, devido ao pouco tempo de publicação, no entanto, apresentaram uma diversidade de discursos, formatos e projetos.

No terceiro e último Capítulo, *Radiografando os Jornais Amazonenses*, a partir da leitura dos jornais procuramos trazer à tona as representações da cidade produzidas pelo olhar da Imprensa, ou seja, de que forma a cidade era apresentada pelos jornais. Abordamos, também, neste capítulo, de que forma acontecimentos decisivos para a história do país como a Guerra do Paraguai, a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República também tiveram grande repercussão nos jornais amazonenses. E, ao final, procuramos estabelecer relações entre as publicações e o universo dos leitores, na tentativa de destacar características próprias dos leitores. Ao final do trabalho, apresentamos em anexo um quadro com os jornais publicados durante o período provincial.

CAPÍTULO 1

A IMPRENSA NO IMPÉRIO

1. 1. A IMPRENSA NA HISTÓRIA

Até o início do século XX, predominava na historiografia a concepção de que as fontes eram templos da verdade, e assim, deveriam ser utilizadas no estudo da História somente fontes que não trouxessem dúvidas quanto a sua objetividade, imparcialidade e neutralidade. De acordo com essa perspectiva, eram utilizados principalmente os documentos oficiais, como relatórios, editais, decretos e outros. A Imprensa, nesse momento, não se encaixava nessa concepção de documento, uma vez que era carregada de subjetividade e parcialidade, e, dessa forma, foi considerada como uma fonte suspeita para a recuperação do passado.

Somente após 1930, com a *Escola dos Annales*, essa concepção de documento sofreu uma revisão. O culto ao documento como símbolo da verdade foi duramente criticado e abandonado. Ao historiador cabia trabalhar com os documentos não mais para recuperar a verdade sobre o passado, e sim, recuperar uma das faces que compunham o processo histórico e, dessa forma, o documento deixou de ser visto como o espelho da verdade, e passou a significar uma construção dos homens em um determinado momento do passado.

A concepção de documento modificou-se. Não há documento-verdade, objetivo, inócuo. (...) A tarefa do historiador consiste em desmitificar o seu significado aparente, explicitando que sua roupagem resulta de uma construção. Demoli-la implica analisar as condições em que o documento foi produzido. (...) O respeito sagrado pelo documento “verdadeiro” desaparece e com ele o mito do historiador-cientista, dono da verdade absoluta.⁸

Por volta de 1970, a historiografia passou por um processo de diversificação de fontes e temáticas. Novos objetos passaram a ser estudados pelos historiadores, e vários aspectos da vida dos homens, que antes eram relegados ao segundo plano, foram trazidos à tona diante dessas novas abordagens. Assim também, novas temáticas passaram a ser exploradas intensamente pelos historiadores, como o gênero, a sexualidade, a infância, dentre outros. Como afirma Peter Burke:

⁸ CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Contexto/Edusp, 1994, p. 24.

A nova história passou a se interessar por virtualmente toda a atividade humana (...) Nos últimos trinta anos nos deparamos com várias histórias notáveis de tópicos que anteriormente não se havia pensado possuírem uma história (...) O que antes era previamente considerado imutável é agora encarado como uma “construção cultural”, sujeita a variações, tanto no tempo quanto no espaço.⁹

Diante dessas mudanças, o conceito de fonte também ampliou-se e diversificou-se. Se antes, havia uma hierarquia e uma predileção pelas fontes escritas e oficiais, a partir desse momento, a concepção de fonte passa a ser todo vestígio deixado pelo homem, seja ele escrito, falado ou visualizado.

Nesse momento, a Imprensa passou a constituir um rico material para a análise historiográfica, na medida em que expôs as vivências e relações sociais estabelecidas na sociedade. A Imprensa mostrou-se também uma fonte imprescindível para discutir e problematizar novos objetos e novas temáticas, uma vez que cenas do cotidiano emergem das páginas dos jornais. Embora as notícias sejam escolhas dos produtores dos periódicos, neles podemos encontrar tanto as notícias que são do interesse de grupos específicos, como também notícias e publicações que fazem parte da vida da população em geral. Dessa forma, a Imprensa passou a ser utilizada em larga escala tanto como fonte de pesquisa como também sendo o próprio objeto da análise historiográfica.

Diante dessas novas abordagens historiográficas sobre a imprensa, seja ela tomada como fonte de pesquisa ou mesmo como objeto, consideramos relevante em nosso estudo destacar alguns pontos significativos na relação entre História e Imprensa. Em primeiro lugar, os jornais são produtos de seu tempo, fazem parte de um dia a dia que pode ser estranho aos olhos do historiador do presente. As tramas engendradas, os discursos narrados, as propagandas veiculadas e as histórias contadas estão entrelaçados em um universo que ganha sentido nas vivências de uma época, sendo algumas vezes, de difícil compreensão para o historiador que se dispõe a desvendá-los. Nesse sentido, é sugestiva a afirmação de Darnton, ao comentar sobre as maneiras de pensar na França do século XVIII:

Mas uma coisa parece clara a todos os que voltam do trabalho de campo: os outros povos são diferentes. Não pensam da maneira que pensamos. E, se queremos entender sua maneira de pensar, precisamos começar com a ideia de captar a diferença. (...) nada é mais fácil do que deslizar para a confortável suposição de que os europeus pensavam e sentiam, há dois séculos, exatamente como o fazemos agora – acrescentando-se as perucas e sapatos de madeira. Precisamos de ser constantemente alertados contra uma falsa

⁹ BURKE, Peter. (org.) *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da UUNESP, 1992, p. 11.

impressão de familiaridade com o passado, de recebermos doses de choque cultural.¹⁰

Palavras que só encontram sentido no viver de um período específico, não podendo o historiador do presente simplesmente absorvê-las de acordo com os significados do seu tempo, correndo o risco de anacronismo. Muitas vezes, a própria linguagem torna essa tarefa quase inalcançável, pois algumas palavras e frases não fazem mais sentido ou deixaram de ser ditas no presente. Como afirma Barbosa sobre o estudo da imprensa do século XIX:

A forma como enxergamos hoje a imprensa do século XIX muitas vezes está impregnada de um olhar anacrônico. Os parâmetros que possuímos de notícia, de fato jornalístico e das relações desses impressos com as múltiplas temporalidades que emergem das narrativas influenciam os conceitos que empregamos em relação aos periódicos do século XIX e, sobretudo, muitas de nossas interpretações.¹¹

Assim, podemos afirmar que a imprensa está inserida na sociedade da qual faz parte. Não podemos estudar os jornais dissociados do social, como se eles não fossem constituídos por pessoas e relações sociais carregadas de subjetividade. Em suas páginas, os jornais apresentam as aspirações, contradições e os conflitos sociais dos homens de seu tempo, e, dessa forma, não podemos compreendê-los isoladamente, descontextualizados da sociedade em que foram produzidos. Como afirma Cruz:

Trata-se de entender a Imprensa como linguagem constitutiva do social, que detém uma historicidade e peculiaridades próprias, e requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendando, a cada momento, as relações imprensa /sociedade, e os movimentos de constituição e instituição do social que esta relação propõe (...). Importante problematizar e superar pela análise a ideologia da objetividade e da neutralidade da imprensa que, construída historicamente, se nos confronta como um dado de realidade: a imprensa não se situa acima do mundo ao falar dele.¹²

Portanto, ao utilizar a Imprensa como fonte ou como objeto de pesquisa, precisamos conhecer o contexto social e cultural de onde ela fala. Alguns autores falam em “historicizar” a Imprensa¹³, ou seja, relacionar esses periódicos com as conjunturas sociais e econômicas próprias de sua realidade e seu tempo. Sabendo que os jornais são

¹⁰ DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986, p. XV.

¹¹ BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil, 1800-1900*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010, p. 13.

¹² CRUZ, Heloísa de Faria. “Na Oficina do Historiador: Conversas sobre História e Imprensa”. *Projeto História*, São Paulo, nº 35, 2007, p. 258.

¹³ Tânia de Luca afirma que historicizar a fonte requer ter em conta, as condições técnicas de produção vigentes e a averiguação, dentre tudo que se dispunha, do que foi escolhido e por quê. LUCA, Tânia Regina de. História Dos, Nos e Por Meio Dos Periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 132.

produtos de uma construção social, é fundamental conhecer os meios que deram as condições para que esses periódicos fossem veiculados.

Para que os jornais circulassem nas cidades, diversas relações sociais e econômicas foram estabelecidas, seja entre o poder público e os donos dos jornais, seja entre os jornais e seus leitores, ou mesmo entre os trabalhadores da Imprensa. Cabe ao historiador desvendar essas relações de naturezas diversas que foram criadas entre a Imprensa e a Sociedade. Essas relações podem aparecer tanto de forma direta e aparente, como em artigos sobre a cidade e seus habitantes, como também de forma indireta através da materialidade dos jornais, uma vez que os jornais podiam se apresentar através de diversos formatos, por exemplo, grandes, pequenos, impressos ou manuscritos, e essa forma de apresentação está diretamente ligada às condições físicas e financeiras dos seus produtores. Importante é:

trazer para cada conjuntura e problemática que se investiga os desdobramentos teóricos e metodológicos que ela encaminha, articulando a análise de qualquer publicação ou periódico ao campo de lutas sociais no interior do qual se constitui e atua. Nessa concepção propõe-se, no estudo da imprensa, um deslocamento que nos conduza da história dos meios de comunicação para o campo da história social.¹⁴

Desde as últimas décadas do século XX, na História da Imprensa, vêm crescendo a importância do viés cultural em seu interior. Podemos citar como expoentes dessa tendência Robert Darnton e Daniel Roche, dois estudiosos que se destacaram no estudo sobre o poder e a importância dos impressos durante a Revolução Francesa.

Robert Darnton esboça as características de uma disciplina particular, a *História do Livro*, na tentativa de que esta ofereça uma dimensão histórica aos estudos dos meios de comunicação¹⁵. Darnton afirma que esta disciplina poderia se chamar História Cultural e Social dos Meios de Comunicação, visto que a finalidade da mesma é entender como as ideias eram transmitidas por vias impressas e como a palavra impressa afetou o comportamento dos homens nos últimos quinhentos anos. Para se conseguir uma visão do objeto como um todo, uma vez que esse estudo é interdisciplinar e algumas vezes fragmentado, o autor propõe um modelo geral para analisar como os impressos surgem e se difundem na sociedade. Modelo que ele denomina de *circuito de comunicação*, e que leva em consideração todos os agentes envolvidos nesse processo, o autor, o editor, o impressor, o distribuidor, o vendedor até

¹⁴ LUCA, Op. cit., p. 257.

¹⁵ DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

chegar ao leitor.

Com esse modelo, Darnton não quer reduzir a História dos meios de comunicação a um esquema que deve ser aplicado em todos os seus estudos. Através dele, quer demonstrar que as etapas que caracterizam o processo produtivo são diversas e complexas e que devem estar relacionadas entre si, formando um conjunto coerente e coeso.

Pela sua própria natureza, portanto, a história dos livros deve operar em escala internacional e com método interdisciplinar. Mas não precisa ser privada de coerência conceitual, porque os livros fazem parte de circuitos de comunicação que funcionam segundo modelos homogêneos, por mais complexos que sejam. Exumando esses circuitos, os historiadores podem mostrar que os livros não se limitam a relatar a história: eles a fazem.¹⁶

Ao discorrer sobre sua experiência como jornalista no *The New York Times*, Darnton descreve como se construía uma notícia dentro das salas de redação da Imprensa. Demonstra como essa produção nunca se dava de forma ingênua e desinteressada. Os artigos passavam por várias pessoas antes de sua publicação final, e sempre atendendo a interesses culturais pré-estabelecidos e formatos editoriais estereotipados, limitando, muitas vezes, a criatividade do jornalista e cerceando a sua liberdade. Ao intitular um dos capítulos com a frase “toda notícia que couber a gente publica”, o autor afirmava que as matérias jornalísticas precisavam caber em concepções culturais previamente relacionadas com a notícia.¹⁷

Outra questão a ser destacada no estudo da Imprensa é o seu aspecto enquanto agente dentro da sociedade. Antes, os periódicos eram considerados como reflexo da realidade, como se eles fossem apenas portadores dos fatos que aconteceram no passado. Mas hoje, diante do conhecimento acerca do processo de produção dos jornais, sabemos que eles são construídos e carregados de subjetividade, o que implica tratar os jornais não mais como reflexos da sociedade e sim como agentes que intervêm no processo social, ajudando a moldar comportamentos e influenciar nos acontecimentos.

Existe, por parte de muitos, a escolha de ler a imprensa como se esta fosse o espelho do mundo, a solução para o entendimento sobre o que está acontecendo, uma fonte secundária, um apoio. Penso que, assim, nos tornamos leitores dos “produtos acabados”... por outro lado, existe a posição de tomar a imprensa como objeto, discutida teórica e metodologicamente, problematizando sua natureza social, suas relações sociais, seus processos de

¹⁶ Ibid., p. 85.

¹⁷ Ibid.

instituição. Essa última posição exige um processo de aprendizagem, porque implica escolhas políticas fundamentais.¹⁸

No livro *Revolução Impressa*¹⁹, uma coletânea organizada por Robert Darnton e Daniel Roche, os autores analisam o papel dos impressos durante a Revolução Francesa, e observam que a palavra impressa não foi apenas um registro dos fatos ocorridos, e sim, um ingrediente fundamental e decisivo para a eclosão dos acontecimentos. Dessa forma, os autores posicionam os produtos da prensa tipográfica, dentre eles os jornais, como uma força ativa na História. Darnton afirma que sem a Imprensa os revolucionários podiam tomar o poder, mas não derrubar o Antigo Regime, e que para isso precisavam tomar a palavra e difundi-la através dos mais diversos tipos de impressos, como jornais, almanaques, panfletos, cartazes e outros para uma grande parte da população²⁰. E, quando isso ocorreu, eles enviaram um novo fluxo de energia através do corpo político. Assim, os autores nos dão uma comprovação do poder que a imprensa desempenhou naquele momento.

Outro ponto importante a ser destacado, quando nosso objeto de pesquisa é o jornal, é a relação entre Imprensa e Memória. Michael Pollack, em seu artigo sobre *Memória e Identidade Social*²¹, afirma que os elementos que constituem a memória individual ou coletiva são três: os acontecimentos, que podem ser vividos pessoalmente ou por tabela; as pessoas ou personagens e os lugares, que podem referir-se a uma lembrança pessoal ou mesmo aos lugares públicos. Além disso, a memória pode ser referenciada através das seguintes características: a memória é seletiva, ou seja, nem tudo fica gravado; a memória é herdada; e, por último, a memória é um fenômeno construído.

Quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização.²²

Quando as notícias eram construídas, o papel dos jornais, que não era ingênuo, era o de selecionar o que deveria ficar registrado nas lembranças e o que deveria ser

¹⁸ BARBOSA, Marta Emília J. Sobre História: Imprensa e Memória. In: ALMEIDA, Paulo R.; KHOURY, Yara A.; MACIEL, Laura A. (Orgs.). *Outras histórias: memórias e linguagens*. São Paulo: Olho D'Água, 2006, p. 267.

¹⁹ DARNTON, Robert e ROCHE, Daniel (Ed.). *Revolução Impressa: A Imprensa na França, 1775-1800*. São Paulo: Edusp, 1996.

²⁰ Ibid.

²¹ POLLAK, Michel. Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 5, jul. 1992.

²² Ibid., p. 204.

esquecido. Dessa forma, um simples fato ocorrido pode ter tido o seu grau de importância aumentado ou diminuído dependendo da forma como foi noticiado pelos jornais, e sempre atendendo as determinações de quem atuava no processo produtivo, fossem eles os donos, os jornalistas, ou mesmo os fotógrafos. A edição de uma matéria é uma construção permeada de subjetividade, em que os fatos são selecionados, recortados e montados de acordo com as preferências de seus produtores, sendo que esses fatos ficavam eternizados na memória e na História.

Funcionando como uma espécie de memória escrita de uma determinada época, o jornal retém o excepcional. E mesmo quando os fatos mais quotidianos aparecem fixados sob a forma de notícias, há sempre um nexo da narrativa que transpõe esses mesmos acontecimentos do lugar do comum para o do extraordinário(...) tornar-se senhores dos lugares, das agências da memória é, ao mesmo tempo, ser senhor da memória e do esquecimento.²³

Outra relação que tem sido bastante explorada direta ou indiretamente pelos historiadores da Imprensa na atualidade é a relação entre Imprensa e poder. Marialva Barbosa, no livro *Os Donos do Rio*²⁴, analisa as relações de poder estabelecidas entre os principais diários que circulavam na cidade e a sociedade carioca no início do século XX, indicando que a importância dos mesmos era tamanha que os seus donos se tornaram respeitados e temidos dentro da sociedade. Dessa forma, podemos afirmar que a Imprensa, como parte da comunicação escrita, possui uma interligação com as práticas de poder²⁵, apesar de nem sempre as mesmas aparecerem de forma direta e aparente em suas páginas, tornando-se assim, necessário ler nas entrelinhas para perceber a simbologia contida nos jornais.

Uma forma comum de perceber essas relações de poder era através das relações sociais que eram firmadas através da Imprensa. Torna-se pertinente relacionar a atuação dos donos dos jornais na sociedade, na medida em que os mesmos também inseriam-se fora do ambiente das tipografias. Além dos proprietários, a Imprensa também deve ser investigada através de seus jornalistas, editores, fotógrafos, redatores e todos aqueles envolvidos em seu processo de produção, visto que ela foi e ainda é um meio de comunicação muito eficaz para a ascensão social de muitos deles. Sobre a importância

²³ BARBOSA, Marialva. *Os Donos do Rio: imprensa, poder e público*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2000, p. 117.

²⁴ Ibid.

²⁵ Sobre a relação entre escrita e poder, ver: WILLIAMS, Raymond, *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. O autor demonstra como os conceitos de cultura, língua, literatura e ideologia, foram construídos ao longo do tempo atrelados a práticas de poder e que são conceitos que carregam problemas em suas definições, e nos ajuda a compreender quando trabalhamos com a Imprensa, compreendemos que a escrita e o poder estão entrelaçados.

que os jornalistas assumiram dentro da sociedade, destacamos o estudo de Sevcenko²⁶, que analisou o envolvimento e a influência de uma geração de intelectuais, chamados de “mosqueteiros intelectuais” que atuaram maciçamente nos principais jornais do país, no final do século XIX e início do XX, e que desempenharam um importante papel, na medida em que assumiram a postura de portadores de novos ideais de civilização e progresso que a nação deveria seguir:

No Brasil, esses intelectuais postulavam-se como os lumes, “os representantes dos novos ideais de acordo com o espírito da época”, a indicar o único caminho seguro para a sobrevivência e o futuro do país. Seu orgulho, o do papel que arrogavam, beirava à soberba quando advertiam a nação vacilante a seguir-lhe os passos.²⁷

Portanto, o processo de constituição da imprensa passa pelos projetos e idealizações de seus produtores, que podem estar diretamente ligados à sociedade através de práticas de poder. Como afirma Capelato:

A Imprensa constitui um instrumento de manipulação de interesse e intervenção na vida social. A categoria abstrata imprensa se desmitifica quando se faz emergir a figura de seus produtores como sujeitos dotados de consciência determinada na prática social.²⁸

A relação entre Imprensa e poder também pode ser percebida através de artifícios para conquistar os leitores²⁹. Os donos de jornais usavam de artifícios de sedução os mais variados. De acordo com Barbosa³⁰, a criação de colunas destinadas a públicos específicos foi um desses artifícios para atrair o público leitor, e entre esses podemos citar as mulheres, os populares e a elite. Como exemplos de publicações para as mulheres podemos destacar as seções destinadas aos afazeres domésticos e as propagandas de moda; de publicações aos populares podemos citar as colunas, onde os mesmos poderiam fazer suas habituais queixas relacionadas aos problemas citadinos; e também, às pessoas da elite, as notas que traziam informações sobre os eventos da cidade. Mudanças editoriais que poderiam parecer sutis aos olhos dos leitores dos jornais, mas que representavam um conjunto de novos significados nos bastidores da Imprensa.

²⁶ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

²⁷ *Ibid.*, p. 82

²⁸ CAPELATO, Op. Cit., p. 21.

²⁹ BARBOSA, Op. Cit.

³⁰ *Ibid.*

A fotografia contribuiu também de forma fundamental nesse processo de construção da memória, pois apresentava-se como um fator que possibilitava eternizar o registro sobre os acontecimentos. Ana Maria Mauad e Marcos Lopes afirmam que a partir do século XX, uma das delimitações do circuito social da fotografia foi a esfera pública, que cumpria funções políticas, garantindo assim, a visibilidade das estratégias do poder, embora para o momento em que trabalhamos a fotografia ainda não fazia parte das publicações, pois ainda não havia tecnologia que permitisse o uso delas nos jornais, somente pequenas gravuras se faziam presente nos jornais desse período.

Assim sendo, a imprensa, principalmente a de publicação diária, estava ligada ao poder, tanto através da vinculação direta de seus produtores com a sociedade, como também através de seus discursos, no momento em que criava estratégias para atrair os leitores e deixar seus registros eternizados em suas memórias. No entanto, cabe ressaltar que essas memórias criadas pela e através da Imprensa, constituíam apenas uma parte das memórias que construíram a história. Não encontramos na imprensa somente a voz dos poderosos, também podemos encontrar a voz das minorias, que também participavam desse processo. Maciel afirma que nos grandes diários também podemos encontrar notas escritas por pessoas que não faziam parte da elite, e na cidade viviam muitos outros cidadãos que não tinham suas aspirações representadas em grandes diários³¹. Precisamos recuperar as vozes e aspirações destes que foram silenciados pela história e ter a clareza de que eles construíram outras memórias, que foram veiculadas através da criação de pequenos jornais, que traziam em suas páginas ideias e projetos de um grupo específico, tomando como exemplo os jornais operários³², e também através da inserção direta ou indireta dessas pessoas nos grandes jornais, sendo necessário, para isso, criar uma nova sensibilidade para compreender os periódicos ou lê-los nas entrelinhas.

Ao trabalhar a dimensão política da escrita e da cultura letrada na perspectiva da História Social, não nos interessa apenas recuperar autores populares ou fazer inventários de temáticas abordadas, estilos e escolas literárias, mas resgatar motivações pelas quais pessoas comuns, trabalhadores urbanos escreviam e publicavam. Por isso, o interesse pelos que sobreviviam à margem (...), e por aqueles que se engajavam na vida e imersos nela fizeram

³¹ MACIEL, Laura Antunes. De “Do Povo não Sabe Ler a uma História dos Trabalhadores da Palavra”. In: ALMEIDA, Paulo R.; KHOURY, Yara A.; MACIEL, Laura A. (Orgs.). *Outras histórias: memórias e linguagens*. São Paulo: Olho D’Água, 2006.

³² Pinheiro cita como exemplo de jornais operários em Manaus entre o final do século XIX e início do século XX: *Gutenberg, Operário, Tribuna do Caixeiro, A Lucta Social* e outros. PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Folhas do Norte: Letramento e Periodismo no Amazonas (1880-1920)*. Tese de Doutorado em História. São Paulo: PUC-SP, 2001.

do ato de escrever (e as práticas do discurso na escrita e na fala...) uma estratégia de luta por espaço e expressão para aqueles que retratavam ou em nome de quem falavam e escreviam.³³

Outro papel a ser resgatado nesse processo de pesquisa com a imprensa é o dos leitores. Entendemos que estes também eram agentes nesse processo, uma vez que a construção da notícia era feita para atingir o número máximo de leitores possíveis. Dessa forma, compreendemos que os leitores não eram apenas receptores passivos nessa forma de comunicação e também que as ideias divulgadas pelos jornais, apesar do grande poder destes, nem sempre tornou-se hegemônica no seio da população.

Chartier, ao estudar as formas com que o escrito impresso modificou as formas de sociabilidade nas sociedades do Antigo Regime, utiliza um conceito de grande importância para a compreensão do seu estudo: a noção de apropriação. De acordo com esse conceito, os mesmos materiais, ideias, textos são apropriados de formas diferentes e produzidos por práticas específicas em uma determinada sociedade. Assim, a leitura não é somente uma abstração, é uma inserção no espaço, daí a necessidade de se reconstruir as maneiras de ler de cada comunidade de leitores.³⁴

Pensar deste modo as apropriações culturais permite também que não se considerem totalmente eficazes e radicalmente aculturante os textos ou as palavras que pretendem moldar os pensamentos e as condutas. As práticas que deles se apoderam são sempre criadoras de usos ou de representações que não são de forma alguma redutíveis à vontade dos produtores de discursos e de normas. O acto de leitura não pode de maneira nenhuma ser anulado no próprio texto, nem os comportamentos vividos nas interdições e nos preceitos que pretendem regulá-los.³⁵

Além de fazer um mapeamento para saber quem eram esses leitores, é fundamental também saber de que forma estes se apropriavam dessas narrativas, concebendo que as mesmas eram apreendidas de formas diferentes dentro de um determinado espaço social e cultural. Como afirma Barbosa:

Reconstruir essa leitura, é, sobretudo, apreender a lógica da narrativa – de forma simbólica – num espaço cultural onde o leitor se insere. Remontando essas formas de apreensão do texto num espaço social demarcado e as formas simbólicas de sua apreensão estaremos reconstruindo a leitura.³⁶

No início do século XX, no Brasil, em cidades com um elevado índice de analfabetismo, como na cidade do Rio de Janeiro e também Manaus, esses jornais não

³³ MACIEL, Op. Cit., p. 279

³⁴ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

³⁵ Ibid., p. 136.

³⁶ BARBOSA, Op. Cit., p. 198.

eram apenas lidos como também ouvidos, em um momento em que as pessoas se reuniam em grupos para ler os jornais, e dessa forma, não era necessário saber ler para se apropriar da escrita dos jornais³⁷. Da mesma forma, esse fato também ocorria no Amazonas, e entre nossos objetivos estava em perceber como ocorriam essas práticas de leitura no Amazonas. Tarefa difícil foi recuperar a dimensão dos leitores em cada jornal, mas um caminho foi através das cartas enviadas para os jornais, sendo este número supostamente multiplicado pelo número de pessoas que ouviam o jornal.

1.2. A IMPRENSA NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA

De acordo com Marco Morel³⁸, a Historiografia sobre a Imprensa no Brasil pode ser dividida em três momentos: um primeiro momento, meados do século XIX, onde os estudos sobre a Imprensa tratavam-na como espelho da verdade, como um registro que trazia à tona o real acontecido, sem problematizar a sua produção, fundamentados no positivismo que utilizava-se dos documentos como sinônimos da verdade³⁹. Esse período, que se estendeu até início do século XX, foi caracterizado pela preocupação em produzir inventários sobre os impressos publicados no Brasil, listar os nomes e datas e classificá-los de acordo com sua posição mais evidente. As revistas foram as pioneiras nesse tipo de produção. O autor cita como expoentes desse momento, o cônego Fernandes Pinheiro⁴⁰, Mello de Moraes⁴¹, Moreira de Azevedo⁴² e outros. Coloca como exceção para esse período o livro de Barbosa Lima Sobrinho⁴³, *o Problema da Imprensa*, pelo fato de já naquele momento problematizar, ainda que de forma incipiente, o processo de modernização da imprensa.

³⁷ Ibid.

³⁸ O prefácio do livro *História cultural da Imprensa : Brasil, 1800-1900*, de autoria de Marialva Barbosa, foi escrito por Marco Morel, no qual, este autor, faz um importante balanço sobre a Historiografia relacionada à imprensa no Brasil.

³⁹ BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil, 1800-1900*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

⁴⁰ FERNANDES PINHEIRO, J. C. *A imprensa no Brasil*. Jornal Ilustrado, Rio de Janeiro, 1(4), 1859, 217-224.

⁴¹ MELLO MORAES, A. J. de. *A Independência do Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Typ do Globo, 1877.

⁴² AZEVEDO, Manoel Duarte Moreira de. *Origens e desenvolvimento da imprensa no Rio de Janeiro*. RIHGB, Tomo 28, Rio de Janeiro, 1865.

⁴³ LIMA SOBRINHO, Alexandre José Barbosa. *O problema da imprensa*. Rio de Janeiro: Álvaro Pinto, 1923.

Esse tratamento da imprensa como sinônimo da verdade foi o que ocasionou na primeira metade do século XX, ainda de acordo com Morel, um segundo momento na historiografia brasileira sobre a Imprensa, caracterizada pela ausência de estudos significativos, uma vez que ocorreu certa rejeição aos jornais como fontes confiáveis, pois passaram a serem vistos como fontes parciais e como construções subjetivas, e dessa forma foram considerados como fontes suspeitas. Também esse momento produziu algumas exceções, como os estudos de Carlos Rizzini⁴⁴, Hélio Viana⁴⁵, Marcello e Cybelle Ipanema⁴⁶. Destaca-se, entre essas exceções, nesse período de abandono da utilização da imprensa como fonte, Nelson Werneck Sodré, com sua obra *História da Imprensa no Brasil*, de 1966. Nesse livro, ainda hoje muito utilizado como referência na pesquisa, o autor faz um estudo aprofundado sobre a produção da Imprensa brasileira, desde sua criação, em 1808 até a década de 1960⁴⁷, dando destaque aos principais periódicos surgidos nas grandes capitais brasileiras.⁴⁸

Fazendo parte do já mencionado, no primeiro tópico deste trabalho, movimento de ampliação e diversificação das fontes no âmbito da Historiografia e concomitante com a expansão da pós-graduação *stricto sensu* no Brasil⁴⁹, o terceiro momento ocorre por volta de 1970, quando a Imprensa volta a ser amplamente explorada dentro dos estudos históricos. Nesse momento proliferaram trabalhos no âmbito da academia. Destaque nesse período é o trabalho pioneiro de Maria Helena Rolim Capelato e Maria Ligia Prado em *O Bravo Matutino*⁵⁰. A partir de então, os jornais passam a ser estudados também em suas relações com a sociedade, inclusive, diversos trabalhos foram produzidos⁵¹ sobre os produtores dos jornais, sobre as tipografias, sobre os

⁴⁴ RIZZINI, Carlos. *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil*. Rio de Janeiro: Kosmos, 1946.

⁴⁵ VIANNA, Hélio. *Contribuição à História da Imprensa Brasileira (1812-1869)*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945.

⁴⁶ IPANEMA, Marcello de; IPANEMA, Cybelle de. *História da comunicação*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1967.

⁴⁷ Na última edição, o autor faz um adendo com um capítulo sobre a imprensa na atualidade.

⁴⁸ Obra de fôlego, fruto de muitos anos de pesquisa. O historiador marxista afirma em seu trabalho que o desenvolvimento do capitalismo teve influência no poder que a difusão impressa exerceu sobre o comportamento das massas e dos indivíduos, e dessa forma, foi no final do século XIX, que ocorreu a grande transformação da imprensa, passando da fase artesanal para a fase industrial⁴⁸. O autor destaca também, a importância e atuação dos literatos que se sobressaíram como jornalistas e fizeram dos jornais importantes veículos de difusão de suas ideias. Cabe destacar que, esse atrelamento da Imprensa ao desenvolvimento do Capitalismo, é um fato hoje bastante questionado entre os historiadores do presente.

⁴⁹ PINHEIRO, Geraldo Sá Peixoto. *Imprensa, Política e Etnicidade: portugueses letrados na Amazônia (1885-1936)*. Tese de Doutorado em História. Porto: Universidade do Porto, 2012.

⁵⁰ CAPELATO, Maria Helena Rolim e PRADO, Maria Ligia. *O Bravo Matutino. Imprensa e Ideologia: o jornal O Estado de São Paulo*. São Paulo: Alfa-ômega, 1980.

⁵¹ JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. *João Francisco Lisboa: Historiador e jornalista*. Tese (Doutorado em História). São Paulo: USP, 1971; CAPELATO, Maria Helena Rolim. *O Pensamento Liberal de "O Estado de São Paulo" (1927-1932)*, Dissertação (Mestrado em História Social). São Paulo:

intelectuais que trabalharam nas oficinas dos jornais, sobre órgãos específicos, sobre as revistas, enfim, uma diversidade de temáticas e recortes, que consolidaram a importância da Imprensa como rica fonte de pesquisa para os estudos da História do Brasil. Diante do aprofundamento e refinamento das pesquisas e análises, percebe-se não só a complexidade, mas a grandeza oceânica do tema.⁵²

Em meados de 1980, os estudos com a Imprensa foram definitivamente incorporados pela academia, o que garantiu maior sofisticação às abordagens e maior aprofundamento e delimitação dos objetos de pesquisa. Os estudos sobre as implicações teóricas e metodológicas do uso da imprensa na pesquisa histórica também despontaram nesse momento.⁵³

Obra de destaque desse período é o livro de Marialva Barbosa, *Os Donos do Rio: Imprensa, Poder e Público*⁵⁴, no qual a autora faz uma análise sobre a atuação dos principais jornais diários na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX, no momento em que esta se transformava para atender aos anseios de uma elite. A autora, através de um extenso estudo embasado em fontes que vão além dos jornais, como as memórias de jornalistas, relatórios das empresas jornalísticas e outros documentos, demonstra que o poder que os jornais exerciam sobre a população, que muitas vezes era simbólico, também ultrapassava as redações de jornais, refletindo nos donos desses periódicos, que passaram a ser temidos e respeitados dentro da sociedade.

Após o período de renovação historiográfica, poucas obras de caráter abrangente sobre a História da Imprensa foram produzidas. Há um grande número de trabalhos que abordam a Imprensa dentro de uma visão específica e segmentada, embora a obra História da Imprensa no Brasil, organizada por Tânia de Luca e Ana Luiza Martins⁵⁵, venha na contramão destes estudos fragmentados. Através de metodologias atuais e abordagens inovadoras, as autoras procuram preencher este espaço na História da Imprensa com o estudo interdisciplinar de diversos especialistas sobre o assunto, e não somente historiadores de ofício. Além de fazer uma análise mais abrangente e

USP, 1974. PRADO, Maria Lígia. *O Pensamento Liberal do Jornal "O Estado de São Paulo", 1932-1937*. Dissertação (Mestrado em História Social). São Paulo: USP, 1974. GEBARA, Ademir. *Republicanism, Imprensa e Sociedade: Campinas, 1869 a 1876*. Tese (Doutorado em História). São Paulo: USP, 1975. FERREIRA, Maria de Nazareth. *Imprensa e Sociedade: O trabalhador gráfico*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). São Paulo: USP, 1976.

⁵² BARBOSA, Marialva. Op. Cit., p. 8.

⁵³ PINHEIRO, Geraldo Sá Peixoto. Op. Cit., p. 68.

⁵⁴ BARBOSA, Marialva. Op. Cit.

⁵⁵ MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de (Org.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo, Contexto, 2008.

sistemática, as autoras não se limitariam a fazer apenas um inventário dos principais jornais surgidos no país ao longo do tempo e sim, problematizam o fazer-se da imprensa ao longo de sua História, desconstruindo conceitos que simplificavam as produções de periódicos a situações conjunturais políticas e econômicas.

Trabalhando com os impressos a partir do “circuito de comunicação” e analisando-se os diversificados processos de produção, assim como os meios de circulação e difusão e as múltiplas formas de apropriação por parte do leitor⁵⁶, nos últimos trinta anos, a influência da nova História Cultural nos estudos sobre a Imprensa torna-se cada vez mais presente também aqui no Brasil, em especial as contribuições trazidas por Roger Chartier e Robert Darnton.

Dentro dessa perspectiva, uma obra de destaque é *História Cultural da Imprensa*, de Marialva Barbosa. A autora, jornalista e historiadora, faz uma análise dos 200 anos da História da Imprensa produzida no Brasil, dividindo esse estudo em dois momentos, 1800-1900 e 1900-2000⁵⁷. Partindo do conceito de circuito de comunicação apresentado por Darnton, a autora procura remontá-lo em nosso país, fazendo uma análise de todas as etapas que fazem parte desse processo de produção dos impressos. A obra distancia-se de uma história linear dos impressos, buscando apontar não só as rupturas como também as continuidades. Partindo da ideia de que premissas consagradas pela historiografia não podem limitar o trabalho do historiador, Barbosa rompe com afirmativas que eram tomadas como verdade na História da Imprensa.

Barbosa, ao escrever a *História da Imprensa no Brasil* sob o viés da História Cultural, busca reconstruir os significados presentes na narrativa que caracterizava os jornais. Podemos compreender através dessa perspectiva, a forma com que os homens do passado representavam o mundo e a si mesmos, e, a partir dessas impressões, construía os textos presentes nos jornais. Portanto, cabe ao historiador desvendar esses significados que transformaram a realidade de uma época passada em uma escrita que pode parecer estranha aos homens do presente.

Quando falamos em história cultural, estamos considerando como premissa principal a questão interpretativa ou de “invenção da narrativa”, possibilitada pela construção textual que reconstrói, no presente, uma dada realidade passada. É a interpretação que permite visualizar como os homens do passado consideravam as múltiplas representações da imprensa. A expressão dos

⁵⁶ PINHEIRO, Geraldo Sá Peixoto. Op. Cit. p. 70.

⁵⁷ BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil, 1800-1900*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010; BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

indivíduos, nesse tipo de abordagem, ocorre sempre dentro de um “idioma geral” fornecido pela cultura.⁵⁸

Através desses novos olhares e novas abordagens sobre a História da Imprensa do Brasil, torna-se imprescindível para nosso trabalho tecer algumas considerações sobre a trajetória da Imprensa no Brasil, desde o momento de sua fundação, em 1808, e no decorrer do Período Imperial, que se entendeu até 1889. São ponderações acerca da trajetória dos periódicos no país que podem ajudar a compreender o universo dos jornais na Província do Amazonas, na medida em que apontam semelhanças ou diferenças.

Marco Morel⁵⁹ demonstra que os primeiros periódicos surgidos no Brasil, ainda no período colonial, faziam parte de um complexo sistema de comunicações e relações sociais em desenvolvimento. O autor procura desconstruir visões que vinculam o surgimento da imprensa no Brasil ao atraso e oficialismo, afirmando que esses conceitos não são suficientes para explicar a complexidade envolvida na produção da imprensa.

A ideia de que os primeiros impressos foram produzidos em meio a um vácuo cultural é um fato questionável, pois a imprensa foi inserida e se inseriu dentro de um universo de relações sociais que já existiam, de uma cena pública complexa que ela ajudou a ordenar. A historiografia sobre a imprensa consolidou uma imagem, acerca dos impressos, que vinculava a produção dos mesmos ao oficialismo e a um país desprovido de cultura, pois os grandes jornais estavam ligados ao governo imperial através da criação da Imprensa Régia. Porém, cabe destacar que a produção de jornais envolve agentes que estão ligados a um complexo sistema de comunicação muito mais abrangente e complexo do qual o país já fazia parte.⁶⁰

Com a formação de um entendimento mais abstrato por parte do público leitor foi que a Imprensa passou a fincar raízes na sociedade, e, apesar da vinda da família real para o Brasil ter criado o suporte econômico e material necessário para a instalação dos primeiros jornais, demorou muitas décadas para que a Imprensa se estabelecesse de fato no país⁶¹. Barbosa critica a divisão feita por alguns historiadores sobre dois tipos de imprensa desse período: as gazetas e os jornais, sendo que as gazetas possuíam caráter oficial e os jornais veiculavam notícias de caráter geral. No entanto, ao olhar mais detidamente o conteúdo das gazetas, vê-se que elas faziam parte de um sistema de comunicação que começava longe, geralmente em jornais publicados em outros países,

⁵⁸ Barbosa, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil, 1800-1900*. Op. Cit., p. 16.

⁵⁹ MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de (Org.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo, Contexto, 2008.

⁶⁰ *Ibid.*

⁶¹ Barbosa, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil, 1800-1900*. Op. Cit.

pois muitos periódicos que circulavam no país publicavam notícias de outros jornais, eram chamados por isso de “compiladores”, com isso, provavelmente buscavam atrair o público leitor. Logo, essa divisão entre gazetas e jornais não era tão rígida.⁶²

Com o surgimento dos primeiros jornais, no Brasil, ainda no período colonial, tivemos também o nascimento da opinião pública como fato de grande importância para a política do país. Os jornais foram responsáveis pela veiculação das posições políticas que não estavam atreladas ao governo e que entraram na esfera do espaço público muitas vezes para transformar visões de determinados setores da sociedade em consenso geral, ou seja, servia como um poder simbólico para legitimar ideias. De acordo com Morel, essa opinião tinha dois sentidos básicos na época de seu surgimento: ou era vista como “rainha do mundo”, ou como consenso da maioria da população. Esse tipo de imprensa criou um personagem que persistiu até a primeira metade do século XX: o redator panfletário, saído do meio dos letrados, era um escritor patriota e difusor de ideias. A maioria dos escritores dessa época escrevia nesse estilo, o que representou uma das fases mais criativas da imprensa brasileira.⁶³

A partir de 1830, os jornais sofreram mudanças, tanto no aspecto material quanto no conteúdo de suas publicações. Entrou em cena o debate político e logo o jornal se viu palco de intrigas e discussões políticas, consolidando na sociedade o papel da imprensa, enquanto difusora de ideias e opiniões. Insultos que dentro de um contexto social específico podiam tanto ofender como divertir, e que, além disso, se estendiam também a outros jornais, jornalistas e por diversas ao próprio imperador. A partir de então, o espaço público era visualizado para a sociedade através da imprensa, caracterizando-se como um momento significativo de surgimento de uma cultura política. E como vertente dessa postura deriva um tipo de jornalismo que faz do ataque pessoal a mola-mestra de sua produção textual, sendo esta a característica mais contundente dessa imprensa chamada pasquineira.⁶⁴

Devemos pensar a imprensa no Brasil do século XIX não de modo simplista, classificando aleatoriamente todos os periódicos surgidos até 1850 como oficiais ou como oficiosos, estando inteiramente a serviço da corte. Observando, nota-se que essa homogeneização não existe.⁶⁵

⁶² BARBOSA, Op. Cit., 2010.

⁶³ MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. Op. Cit.

⁶⁴ BARBOSA, Op. Cit., 2010, p. 52.

⁶⁵ Ibid., p. 55.

Também, nesse momento, aumentou a interação dos leitores com os jornais, no momento em que a escrita e a leitura conferiam status a quem as dominasse. Por isso, os leitores eram colocados em um patamar superior e deveriam ser prioridade nas publicações, e dessa forma, figuravam também como autores e co-autores dos jornais. A partir de então, diversas técnicas são desenvolvidas, até os dias de hoje, para atrair o leitor, como criação de colunas específicas para determinado público ou a continuação das informações no número seguinte.⁶⁶

Além da existência de uma imprensa que apoiava e divulgava as ideias do imperador durante o Segundo Reinado, surgia também uma imprensa combativa que se espalhou pelas principais cidades do Império, que criticava esse regime nas páginas dos jornais, seja através de artigos de opinião, seja através de imagens, com o surgimento da caricatura, elemento de crítica voraz marcante que surgiu nesse período. Outro ponto de mudança nos jornais foi a criação dos folhetins, das crônicas e dos contos, importantes elementos de inserção dos literatos na imprensa e que ao mesmo tempo buscava atrair o público.⁶⁷

Outro ponto a ser destacado ao se escrever sobre a Imprensa do período Imperial foi a relação entre imprensa e escravidão, sempre presente nos jornais do período imperial, era estreita e não pode ser resumida ao estudo de jornais abolicionistas que surgiram a partir da segunda metade do século XIX ou através de anúncios de compra e venda de escravos, como frequentemente é abordado na historiografia sobre a escravidão. Os escravos precisam ser estudados como atores que deixaram marcas de suas vivências nos jornais do século XIX, além disso, devido à proximidade com o patrão, podiam ser considerados leitores de primeira, segunda ou terceira natureza. Diversos indícios apontam que os escravos estavam submersos no universo do letramento, que não era unívoco e se dava de diversas formas.⁶⁸ Barbosa demonstra ainda que, nos jornais abolicionistas, apesar da campanha ensejada contra a escravidão, as representações veiculadas sobre os escravos ainda pertenciam aquela atmosfera de preconceito e desumanidade do negro que fazia parte do século XIX. O negro ainda era tratado como uma peça, como um objeto, apesar das campanhas contra a escravidão,

⁶⁶ BARBOSA, Op. Cit., 2010.

⁶⁷ MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em tempos de Império. In: MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de (Org.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo, Contexto, 2008.

⁶⁸ Por exemplo, em anúncios que se referiam a escravos que sabiam ler e escrever.

veiculadas principalmente nos jornais, e que a partir da década de 1880 são intensificadas e disseminadas pelo país.⁶⁹

A partir da década de 1880, os jornais ganharam novas configurações, temos o surgimento das grandes empresas jornalísticas e diversas tipografias espalhadas pelo país, e dessa forma, tivemos um aumento significativo no número de jornais publicados no Brasil, jornais que a partir de então, priorizavam em seus conteúdos a veracidade e a imparcialidade dos fatos, informações em detrimento das opiniões; além disso, reverenciava-se a novidade dos assuntos publicados, e a rapidez com que os fatos eram publicados passou a ser outra marca desse período. Momento que marca a entrada em cena de dois atores desse período: o jornalista de profissão, a pessoa encarregada de selecionar e eternizar os fatos; e o literato, que encontrou nos jornais um meio eficaz de publicar seus escritos. Outro papel de destaque foram os donos dos jornais, que tornaram-se temidos e respeitados na sociedade, pois tanto podiam favorecer como destruir alguém. Interessante que, apesar dessa transformação dos jornais, essas mudanças não se deram de forma abrupta, da imprensa dita artesanal para a empresa jornalística, foram acontecendo gradualmente ao longo do século XIX.⁷⁰

Um ponto primordial a ser destacado para este período é a forte presença da oralidade nos escritos, fato que era constatado de diversas formas seja por expressões dentro do próprio texto, como “por ouvir dizer”, “por se falar”, ou seja através dos símbolos publicados nas notícias que expressavam um público ainda não familiarizado com a escrita. Barbosa afirma que a oralidade e a escrita não são duas práticas antagônicas, e sim complementares⁷¹. Importante ponderação a ser feita para a Província do Amazonas, na medida em que a oralidade predominava na região como forma de comunicação, herança dos povos indígenas que aqui habitavam.

Outro aspecto dessa Imprensa era o conceito de notícia, este não estava ligado ao conceito de novidade, e sim de erudição e conhecimento, sendo a maior parte dessas publicações de quarta ou quinta natureza, na medida em que eram compilações de outros jornais. Além disso, o sensacionalismo não pode ser considerado uma característica somente dos jornais do século XX, pois indícios demonstram que os primeiros jornais já apresentavam um tom sensacionalista em suas páginas, da mesma forma em que observamos indícios em jornais da Província do Amazonas.

⁶⁹ BARBOSA, Op. Cit., 2010.

⁷⁰ BARBOSA, Op. Cit., 2010.

⁷¹ Ibid.

1.3. A HISTORIOGRAFIA SOBRE IMPRENSA NO AMAZONAS

O estudo sobre a imprensa no Amazonas é um evento mais recente, iniciou-se por volta da década de 1990, e ainda carece de muitas pesquisas, visto a grande quantidade de jornais que foram publicados no estado, principalmente no início do século XX, e que se constituem como fonte primordial para recuperação da nossa História.

Sobre a apresentação dos primeiros periódicos surgidos no Amazonas, ainda durante o período Imperial, cabe destacar o significativo papel do catálogo lançado pelo governo do estado em 1908, intitulado *A Imprensa no Amazonas*, por ocasião de seu Centenário. Foi escrito por João Batista de Faria e Souza e Monteiro de Souza⁷², responsáveis por um notável levantamento sobre os primeiros cinquenta anos da imprensa no Amazonas.

Outro trabalho essencial, dessa vez no âmbito da academia, foi o já citado *Cem Anos de Imprensa no Amazonas*, coordenado por José Ribamar Bessa Freire⁷³, e que lista os principais periódicos produzidos no Amazonas entre 1851 a 1950, além de informações pertinentes referentes aos jornais. A obra também tem sua importância para o resgate da história da imprensa no Amazonas. Na apresentação no início do trabalho, os autores falam sobre a importância da imprensa e seus estudos e também o mesmo constitui-se como um catálogo essencial que faz um inventário dos jornais produzidos no estado, servindo de base para diversas pesquisas relacionada à Imprensa no Amazonas.

Além desses trabalhos que se tornaram referências para quem se dedica ao estudo dos periódicos amazonenses, importante mencionar o trabalho *Folhas do Norte: letramento e periodismo no Amazonas (1880-1920)*, de Maria Luiza Ugarte Pinheiro⁷⁴. Nele, a autora faz uma análise sobre a produção das chamadas pequenas folhas, jornais que não pertenciam ao grupo dos grandes diários, veiculados na cidade de Manaus entre 1880-1920, período em que a circulação de jornais atingiu seu auge. Entre seus objetivos estava perceber de que forma esses jornais se posicionavam frente ao contexto político, econômico e social. A autora demonstra que esses jornais representavam as

⁷² FARIA E SOUZA, João Batista de. *A Imprensa no Amazonas: 1851 a 1908*. Manaus: Tipografia da Imprensa Oficial, 1908.

⁷³ FREIRE, Op. cit.

⁷⁴ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Folhas do Norte: Letramento e Periodismo no Amazonas (1880-1920)*. Tese de Doutorado em História. São Paulo: PUC-SP, 2001.

aspirações de grupos que foram alijados do processo de modernização da cidade de Manaus.

Dando continuidade a iniciativas como a de Ribamar Bessa, com a constituição de grupos de pesquisadores, para o resgate da História da Imprensa Amazonense, na primeira década do século XXI, foi realizado um conjunto de ações que visavam a incentivar o desenvolvimento de pesquisas no curso de História da UFAM desde 2001, coordenadas pelos professores Maria Luiza Ugarte Pinheiro e Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro. A primeira dessas ações foi a implantação da disciplina História e Periodismo no curso de História. A segunda foi a constituição de um projeto Integrado de Pesquisa, do qual participassem alunos e professores, cada um deles atuando em sub-projetos, que se articulavam a partir de duas linhas de pesquisa: Imprensa & Cultura Letrada e Imprensa & Mundos do Trabalho⁷⁵. A terceira etapa foi a institucionalização do Laboratório de Imprensa no Amazonas (LHIA), no ano de 2005.⁷⁶

A criação do curso de mestrado em História, em 2005, vem consolidando também esse trabalho produzindo um grande número de dissertações⁷⁷, que utilizaram como objetos de pesquisa os jornais publicados no Amazonas nos séculos XIX e XX. A partir de então, os jornais do Amazonas tem sido utilizados nos estudos para o resgate da História em diversas dimensões, em suas relações com os trabalhadores, com os imigrantes, com o poder, dentre outros, e através de abordagens recentes da historiografia, o que representou uma valorosa contribuição para a História da Imprensa no Amazonas, apesar de saber que ainda há muito a ser produzido.

Ponderoso destacar que, apesar do maior volume de trabalhos de produções relacionadas à Imprensa, constatamos a necessidade de pesquisas que abordem a imprensa no período compreendido entre 1851, período de surgimento do primeiro

⁷⁵ Podemos citar entre os sub-projetos, os seguintes trabalhos de Iniciação Científica: TELES, Luciano Everton Costa. *De Zé Povo e Barnabés: representações do trabalho e do trabalhador urbano na imprensa amazonense da década de vinte*. 2003; CALIRI, Jordana Coutinho. *Uma Poética do Concreto: A Imprensa e a Construção da Cidade Imaginada*. 2003; CAMPOS, Luciane Maria Dantas de. *Educação e Ação: A Imprensa Estudantil e a Política Estadual (1900-1930)*. 2003; CORDEIRO, Gisele Rodrigues. *A Disciplina do Corpo Sadio: Os Jornais de Esporte e a Preparação do Homem Moderno*. 2003; CORREIA, Fabiana Libório. *A Revista Sintonia e o Amazonas Durante a Batalha da Borracha*. 2004.

⁷⁶ PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto e PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Gavroche: Boletim de Pesquisa do Laboratório de História da Imprensa no Amazonas*. Manaus, vol. 1, nº 1, 2005, p. 5.

⁷⁷ OLIVEIRA, Erivonaldo Nunes de. *A Imigração Nordestina na Imprensa Manauara, 1877-1917*. Dissertação (Mestrado em História). Manaus: UFAM, 2010; CORREIA, Fabiana Libório. *Janelas do Mundo: As Revistas de Variedades em Manaus (1900-1950)*. Dissertação (Mestrado em História). Manaus: UFAM, 2010; ALVES, Hosenildo Gato Alves. *Imprensa e Poder: A Propaganda Varguista na Imprensa Amazonense (1937-1945)*. Dissertação (Mestrado em História). Manaus: UFAM, 2009; TELES, Luciano Everton Costa. *A Vida Operária: Imprensa e Mundos do Trabalho (1920)*. Dissertação (Mestrado em História). Manaus: UFAM, 2008.

jornal, até 1889, fim do período imperial. Nesse sentido, é de nosso interesse resgatar esse momento inicial da trajetória da imprensa amazonense. Analisar o caminho trilhado por estes jornais, além de compreender as relações estabelecidas entre a imprensa desde seus primórdios e sua relação com os outros periódicos, com a cidade e seus habitantes é de nosso interesse.

1.4. A IMPRENSA NO AMAZONAS DURANTE O IMPÉRIO

No ano de 1850, a Comarca do Alto Amazonas foi elevada à categoria de Província, e assim, deixou de ser subordinada ao Pará, fato que era há muitos anos um desejo de muitos de seus moradores. Possuía como capital a cidade da Barra do Rio Negro, uma cidade de pequenas dimensões, de poucas casas, poucas ruas, cortada por igarapés, e que tinha entre suas características as feições regionais e a presença marcante da natureza.⁷⁸

Durante o período provincial, a cidade da Barra do Rio Negro, posteriormente denominada de cidade de Manaus, recebeu a visita de diversos viajantes e cronistas, que aqui estiveram e escreveram suas impressões sobre a região. Dentre eles, podemos citar Robert Avé-Lallemant⁷⁹, o casal Agassiz⁸⁰, Alfred Wallace⁸¹, e outros. Os relatos deixados por esses viajantes e cronistas, em geral, eram carregados de uma visão de mundo por vezes preconceituosa em relação aos povos indígenas e a cidade que visitavam. Portanto, a cidade impressionava pelo seu tamanho, por suas características indígenas, e ao mesmo tempo por sua falta de civilização.

A região como um todo recebeu ao longo do século XIX uma quantidade enorme de viajantes e naturalistas que deixaram registradas impressões pouco lisonjeiras, para não dizermos negativas e até mesmo preconceituosas. Em geral, atribuíam-lhe um caráter mal disfarçado de aldeia, materializado nas poucas e deterioradas casas, na assimetria das ruas e na população rarefeita e desprovida de hábitos ocidentalizados.⁸²

⁷⁸ ARANHA, Bento. *Um Olhar pelo Passado*. Manaus: Imprensa Oficial, 1987.

⁷⁹ AVÉ-LALLEMANT Robert. *No Rio Amazonas* (1859). Itatiaia; São Paulo: Ed. universidade de São Paulo, 1980.

⁸⁰ AGASSIZ, Luis; AGASSIZ, Elisabeth. *Viagem ao Brasil, 1865-1866*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo, ed. da Universidade de São Paulo, 1975.

⁸¹ WALLACE, Alfred Russel. *Viagens pelos rios Amazonas e Negro*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia. 1979.

⁸² PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A Cidade Sobre os Ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus, 1889-1925*. Manaus: Valer, 2001, p. 33.

Durante o período provincial, apesar ser grande a falta de recursos econômicos, a cidade de Manaus começava a ser pensada e sonhada por seus administradores, tendo como modelo as cidades européias, principalmente Paris, já nesse momento, durante meados do período provincial. Podemos citar como parte desses projetos algumas mudanças no perímetro urbano, estas, ainda que sutis, foram realizadas durante todo o período provincial, como o calçamento das ruas, arborização e a construção de pequenas edificações. Dessa forma, quando Manaus tornou-se um grande centro de exportação da borracha e uma cidade moderna, no início do século XX, não podemos afirmar que as transformações aconteceram repentinamente, saindo de uma cidade que era um pequeno amontoado de casas para uma cidade moderna e cosmopolita. Uma vez que as mudanças, ainda que em fase inicial, vinham acontecendo e estavam sendo pensadas durante todo o período provincial.

as transformações e melhoramentos urbanos que vinham, de forma lenta e gradual, operando-se ao longo de toda a segunda metade do século XIX. As ingerências do poder público já se faziam sentir nas edificações, nos nivelamentos, calçamentos e aterros, e nas tentativas de suprir demandas tipicamente urbanas, como as ligadas ao abastecimento, iluminação de ruas e praças, e melhoramentos no sentido de favorecer a entrada e saída das embarcações.⁸³

A cidade provincial que estava sofrendo mudanças atendia aos interesses de um governo que queria, mesmo com dificuldades, deixar o passado “atrasado” para trás. A cidade que se queria era bem distante daquela cidade de casebres mal construídos, ruas irregulares e onde predominavam as feições indígenas. Para tanto, podemos dizer que as construções foram realizadas pensando no que era importante apenas para uma parcela da população. Podemos citar como exemplo desse direcionamento das medidas adotadas pelo governo, a criação, em 1872, do Código de Posturas Municipal, que regulava além de hábitos e costumes, as pequenas mudanças locais que estavam sendo feitas na cidade de forma que acabavam excluindo uma parte da população.

A adequação das construções e do traçado urbano seguia a signos demarcados por valores, formatos e planos identificados pelas noções de beleza e progresso, distantes da realidade manauara, ou mesmo, não reconhecidos como tal.(...)É possível também perceber que com esta normatização das construções passou a haver uma hierarquização social, que buscava excluir os que não dispunham de posses de ocupar determinados espaços.⁸⁴

⁸³ Ibid., p. 35.

⁸⁴ RABELO, Ana Paula de S. *Do tempo de Taipa ao Templo de Pedra: a construção da Igreja Matriz de Manaus (1858-1878)*. 2008. Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM 2008, p. 35.

É significativo destacar que Manaus, mesmo com algumas mudanças realizadas em seu espaço físico, ainda era uma cidade carente de recursos, de serviços públicos, além de pequena no espaço físico e no número de pessoas que aqui habitavam. Como afirmava Bento Aranha:

A parte mais edificada da cidade era a dos bairros de S. Vincente, Espírito Santo e República. Em geral as casas eram cobertas de palha e separadas uma das outras por quintaes cercados com troncos da palmeira Jará ou Hyará. Algumas casas cobertas de telhas que haviam eram velhas, á excepção de cinco á seis novas.⁸⁵

Mas, talvez suas limitações, juntamente com sua história marcada pela cultura indígena, lhe conferissem uma identidade própria, que a diferia das demais cidades brasileiras. Dessa forma, durante o período provincial, podemos afirmar que ela não era ainda a cidade dita moderna que viria a ser no início do século XX, porém, já dava os primeiros passos para se distanciar daquele pequeno povoado do período da elevação do Amazonas à categoria de Província.

Um vilarejo de pequeno formato, de aspecto bucólico, que mesclava, pelo menos duas tendências culturais. Não se podia afirmar que se tratasse de uma aldeia tapuia, nem tampouco de uma cidade européia contemporânea. Sua população não era branca, nem inteiramente indígena, assim como sua cultura estava em processo de miscigenação.⁸⁶

Vai ser nessa cidade pequena e acanhada, que vão se produzir os primeiros jornais do Amazonas. Diferente da província do Rio de Janeiro e de outras províncias brasileiras, que conheceram a produção dos primeiros periódicos a partir de 1808, a Imprensa no Amazonas teve um atraso de algumas décadas.

Com a criação da província, seu primeiro presidente, João Batista Figueiredo de Tenreiro Aranha, convidou diversas pessoas para ajudar-lhe na tarefa de consolidação da administração, e entre essas pessoas, estava o Sr. Manoel da Silva Ramos, empregado de uma grande tipografia no Pará. A este senhor, coube a tarefa de montar uma tipografia onde seria impresso o primeiro jornal do Amazonas, *O Cinco de Setembro*, fundado em 1851, um ano antes da instalação da província. Dessa forma, a Imprensa no Amazonas deu seus primeiros passos juntamente com a autonomia da província⁸⁷. No ano seguinte, o jornal passou a denominar-se *A Estrella do Amazonas*, e em seu primeiro número explicava a razão da mudança:

⁸⁵ ARANHA, Op. Cit.

⁸⁶ MESQUITA, Otoni Moreira de. *La Belle Vitrine: O Mito do Progresso na Refundação da cidade de Manaus (1890/1900)*. Tese (Doutorado em História). Rio de Janeiro: UFF, 2005.

⁸⁷ FARIA E SOUZA, Op. Cit., p. 5.

Havendo o patriotismo dos Representantes da Nação presenteado o povo amazonense com a lei n. 582 de 5 de Setembro de 1850, tomamol-a para título do nosso periódico; mas agora, que, com a posse do Exm. Sr. Presidente Aranha e a instalação da Província, uma nova Estrella aparecer no Diadema Imperial, para, sem inveja das demais enriquecel-o, entendemos dever mudar o título desta folha para o de Estrella do Amazonas. A nossa marcha será a mesma que te agora temos seguido; esforçando-nos quanto em nossas forças couber para tornar instructivas e úteis as publicações que fizermos.⁸⁸

O *Estrella do Amazonas* foi publicado até junho de 1866. Pelo fato de não haver uma imprensa oficial, havia uma clara vinculação destes jornais com o poder oficial. Fato que podia ser observado em suas páginas, através de publicação de editais, nomeações, leis e regimentos, enfim, registros de uma estreita ligação com o governo. No entanto, não podemos reduzir as experiências contidas nas páginas destes periódicos a simples mensagens oficiais produzidas pelo governo. Da mesma forma que afirma Morel sobre os momentos iniciais da imprensa no Brasil: *Coloca-se em questão, nesta linha, a noção de que a imprensa das sociedades absolutistas seria monolítica, homogênea, coerente e sem dissonâncias.*⁸⁹

Portanto, não devemos simplificar a produção dos jornais a algo uniforme, unânime e que colabora para um fim específico. Devemos sim, pensar em um processo conflituoso e carregado de subjetividade. Como afirma Marco Morel, em seu estudo sobre as gazetas, nos primórdios da imprensa brasileira, no início do século XIX:

Gostaria de apontar uma questão que diz respeito à historiografia brasileira sobre a imprensa, mais particularmente sobre o surgimento dos periódicos em princípios do Oitocentos. A ênfase no atraso, na censura e no oficialismo como fatores explicativos e característicos desses primeiros tempos da imprensa não me parece, em termos analíticos, suficiente para explicar a complexidade e compreender as características de tal imprensa.⁹⁰

Era comunicando, através dos jornais, que a província ia fincando raízes, na medida em que os governantes já percebiam a importância desses veículos de comunicação. Por exemplo, ao estabelecer as formas de cobrança dos dízimos, principalmente dos produtos que entravam na cidade, ao estabelecer o procedimento das embarcações que navegavam na província, sobre a criação de uma administração do correio, sobre a forma de procedência dos balancetes provinciais e outros assuntos, que a província criava suas diretrizes.

⁸⁸ Ibid., p. 16.

⁸⁹ MOREL, Marco. Da Gazeta tradicional aos jornais de opinião: metamorfoses da imprensa no Brasil. In: NEVES, Lucia Maria B. P. (Org.) *Livros e Impressos: retratos do setecentos ao oitocentos*. Rio de Janeiro: EDUERS, 2009, p. 160.

⁹⁰ Ibid., p. 163.

Outros periódicos surgiram nas décadas que seguiram após 1851. O segundo jornal publicado foi o *Vigilante*⁹¹, publicado durante o ano de 1859, depois tivemos o jornal *Checheo*⁹², publicado no ano de 1861. No ano seguinte, surgiu *O Catechista* e em 1863, surgiram dois jornais: *Sensitiva*⁹³ e o *Progressista*⁹⁴. No ano de 1866, em substituição ao jornal *Estrella do Amazonas*, surgiu o 8º periódico a circular na cidade de Manaus, o jornal *Amazonas*, que circulou até 1926, que também continuava mantendo em suas páginas uma parte oficial onde eram veiculados os decretos, leis e editais produzidos pelo governo, e que passou por diversas fases em sua trajetória, como veremos no segundo capítulo.

Procedendo um inventário dos periódicos citados no catálogo *Cem anos da Imprensa no Amazonas*, durante o período compreendido entre 1851 e 1889, constatamos que foram publicados cerca de 124 jornais na província do Amazonas, dos quais, 77 tiveram uma curta existência, de mais ou menos 1 ano de publicação. Entre estes, podemos citar: *Chechéo* (1861); *Apolo* (1882); *O Aristarcho* (1884); *Chrysalida* (1871); *Colibri* (1873); *A Democracia* (1878); *Echo* (1870); *A Fé* (1869); *Monarquista* (1870); *Monitor do Norte* (1878); *O Rio Mar* (1877); *Vigilante* (1859); *O Amazonense* (1889); *Echo do Norte* (1870); *Esperança* (1876); *Estudante* (1882); *Futuro* (1873); *Jornal do Comercio* (1869); *Lei* (1867); *Mercantil* (1868); *Palestra* (1882); *O Paiz* (1886).

Importante também destacar que outros 24 jornais tiveram a duração de 2 anos, entre os quais podemos citar: *Ajuricaba* (1878-1879); *Amazônia* (1884-1885); *Cidade de Manáos* (1888-1889); *Commercio do Madeira* (1884-1885); *Echo dos Andes* (1882-1883); *A epocha* (1889-1890); *Foz Madeira* (1876-1877); *Itacoatiara* (1874-1875); *Jornal do Rio Negro* (1867-1868); *Liberal do Amazonas* (1873-1874).

Apresentaram um período de circulação de quatro a quinze anos estes sete jornais: *O Catechista* (1862-1871), *Correio do Madeira* (1885-1891), *Correio de Manáos* (1869-1881), *Estrella do Amazonas* (1852-1866), *A Província* (1878-1885), *O Purus* (1886-1894), *A Reforma Liberal* (1868-1881).

⁹¹ O jornal *Vigilante* foi publicado no ano de 1859, possuía como subtítulo “Folha política, commercial e noticiosa”. Era semanário e possuía como diretor Manuel da Silva Ramos. FREIRE, Op. Cit., p. 207.

⁹² Infelizmente a única informação a seu respeito é o ano de publicação.

⁹³ Jornal que circularam poucos números. FREIRE, Op. Cit., p. 193.

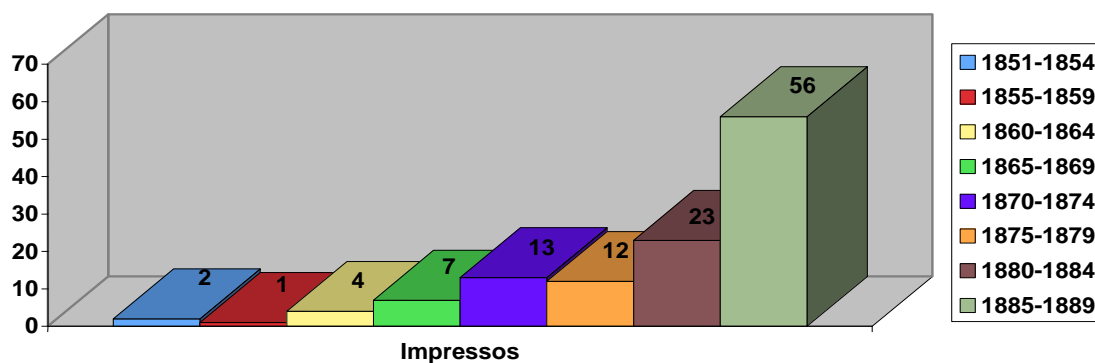
⁹⁴ Jornal de curta duração publicado no ano de 1863. FREIRE, Op. Cit., p. 177.

Apenas três periódicos circularam por mais de 15 anos, sendo eles o *Amazonas* (1866-1921), o *Commercio do Amazonas* (1869-1904), o *Jornal do Amazonas* (1875-1891).

Podemos perceber que a maior parte dos jornais publicados durante o período provincial teve curto período de existência e pequena parte deles era constituída de jornais que perduraram durante todo o período provincial. Alguns dos jornais de curta duração foram produzidos por grupos que enfrentaram de forma mais dura as dificuldades pelas quais passava a Imprensa do Período. Apesar de não ter sido possível identificar os motivos para o pouco tempo de publicação, podemos afirmar que estes jornais apresentavam características diversas. Havia aqueles que defendiam partidos políticos, outros que dedicavam-se à literatura, diversidade essa que se apresentava até no formato, que representavam associações, enfim, jornais que apresentavam uma diversidade, ficando difícil englobar todos de acordo com algumas características. Detalharemos mais a questão no terceiro capítulo.

Por outro lado, os que publicaram durante um longo período, em algum momento de suas trajetórias estiveram ligados ao Estado, conseguindo recursos essenciais para a manutenção dos mesmos na arena jornalística. Cabe destacar que para sobreviverem, também contavam com os numerários provindos das assinaturas e dos anúncios. De posse desses dados, importante apresentar a tabela organizada por J. B. Faria e Souza, relacionando a quantidade de jornais, revistas e outras publicações segundo o ano de seu aparecimento:

**Gráfico 1:
Jornais Publicados no Amazonas (1881-1889)**



Fonte: FARIA E SOUZA, João Batista de. *A Imprensa no Amazonas: 1851 a 1908*. Manaus: Tipografia da Imprensa Oficial, 1908.

Esses dados nos revelam que durante o período estudado foram publicados a cada ano um número relativamente modesto de jornais e outros impressos, principalmente na década de 1850, quando surgiram apenas três jornais, o *Cinco de Setembro*, o *Estrella do Amazonas* e o jornal *Vigilante*. Na década de 1860, aumentou o número de impressos, mas continuou modesto, apenas onze, sugerindo que a Imprensa passava por um momento de experimentação, esses jornais ainda davam seus primeiros passos na arena jornalística.

Na década seguinte, o número de impressos duplicou, com a publicação de 25 jornais e revistas, o que nos revela que a partir desse momento a Imprensa entra em fase de consolidação no interior da sociedade, fato comprovado a partir da década de 1880, quando o número de jornais e outros impressos triplicaram nesse momento, surgiram cerca de 79 jornais e outros impressos. Esse período foi marcado por acontecimentos marcantes que ocorreram no país, a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República, e foi também o momento em que a cidade de Manaus começou a passar por transformações em seu perímetro devido ao período de exportação da borracha, estando todos esses fatos representados nos jornais daquela época.

Cabe destacar que o ano da Proclamação da República, 1889, foi o mais significativo em relação ao aparecimento de jornais e outros impressos, surgiram no total vinte impressos somente naquele ano: *O Amazonense*, *O Americano*, *O bem Público*, *Corsário*, *Espião*, *Gazeta Literária*, *Homenagem*, *Leão*, *Lobo*, *Luneta*, *Luz da Verdade*, *O Mérito*, *Moleque*, *O Pão*, *Papagaio*, *O Papagaio*, *Reverbero*, *Saltimbanco*, *A Tesoura*, *Voz da Razão*. Estes jornais circularam somente no ano de 1889. Estando a Imprensa inserida no contexto social da cidade de Manaus, no momento em que se aproximava a mudança do governo, alguns destes jornais representavam os interesses de grupos que se posicionavam contra ou a favor da nova forma de governo, como veremos no terceiro capítulo.

Apesar da falta de maiores informações sobre grande número desses periódicos, na medida em que nem todas as informações estavam presentes nos jornais, podemos destacar também que, em relação à periodicidade, 24 jornais eram semanais, 10 circulavam três vezes por semana e uma pequena parte, apenas 7, eram diários, publicados praticamente todos os dias. Sendo a maior parte deles semanais, podemos relacionar esse fato às dificuldades enfrentadas pela imprensa do período, entre as dificuldades podemos citar os elevados custos de produção e manutenção dos jornais e

também a falta de pessoal qualificado para dar continuidade às publicações. Dessa forma, para que o jornal circulasse mais de uma vez por semana, precisava driblar as dificuldades materiais e humanas.

Também observamos a publicação de pelo menos 13 jornais Manuscritos, entre os quais podemos destacar: Apolo (1882) e Pensamento (1886), e os outros que surgiram no ano de 1889, quando os estudantes utilizaram a Imprensa artesanal para expressar o que pensavam sobre sociedade.

Também cabe destacar para esse período a publicação de jornais que possuíam como fim específico fazer homenagens à figuras públicas ou a uma data especial, sendo que alguns deles publicaram apenas um exemplar e depois se retiraram do jornalismo, foram jornais publicados por grupos que vieram através da Imprensa externar seus posicionamentos políticos e sociais.

Não podemos deixar de mencionar periódicos que circularam no interior do estado, como o jornal *Itacoatiara*; que foi publicado nos anos de 1874 e 1875 na cidade de Itacoatiara, também o jornal *Labrense*, publicado entre 1888-1891, na cidade de Lábrea; e o jornal *Gazeta de Manicoré*, que circulou nos anos de 1886 e 1887; o *Correio do Madeira*, publicado entre 1885 a 1891, são alguns exemplos de jornais que foram publicados no período relacionado. Eram jornais que possuíam o mesmo tipo editorial dos jornais da capital, com colunas formadas pelo Noticiário, Artigos de opinião e Anúncios. O que demonstra que os moradores do interior já reconheciam a importância desse veículo de comunicação, como meio de divulgação de suas ideias e como divulgação dos principais fatos ocorridos nas cidades onde eram publicados.

Consideramos primordial nesta parte do trabalho fazer uma breve apresentação dos jornais que circularam na província. Entre eles podemos citar aquele que foi um diário de grande importância, o *Jornal Comércio do Amazonas*, que apresentava como subtítulo “Orgam do Commercio”, de propriedade de Gregório José de Moraes, começou a ser publicado em 1869 e circulou até 1904. Passou por diversas fases e sofreu várias interrupções. Também apresentava em suas páginas editais do governo provincial, uma vez que o governo utilizou-se desses jornais particulares até a criação do diário oficial, em 1893, mas não se limitando somente a essa característica, também veiculou notícias de outros jornais, propagandas e mesmo carta de leitores. O *Jornal do Amazonas* também foi outro periódico de destaque no Estado, era de propriedade do Bacharel Ernesto Rodrigues Vieira, apresentava como subtítulo “Orgam do Partido Conservador”, circulou durante o período compreendido entre 1875 a 1891, teve grande

circulação na capital e no interior, assumiu postura partidária, era simpatizante do partido conservador e rivalizou com outros jornais, principalmente com o jornal *Amazonas*.

Intitulado *O Catechista*, e com o subtítulo “Folha Commercial, Noticiosa e Anallystica”, temos um jornal que, exerceu grande influência durante o período em que foi publicado, de 1862 a 1871, possuía como diretor João Antônio Pará e sua periodicidade era semanal, também era um jornal que apresentava muitas críticas a outros jornais e a pessoas públicas que possuíam influência na cidade.

Caracterizamos esse período, de 1851-1889, como um período com números significativos de jornais publicados, e, que apresentavam uma diversidade de projetos e atuação na esfera pública da cidade, que os define como periódicos que também consolidaram seu espaço na sociedade, como veremos nos capítulos que se seguem

CAPÍTULO 2 DESCORTINANDO OS JORNAIS

2.1. No interior das tipografias

Entre nossos objetivos estava o de identificar a ambiência que formava o universo jornalístico. Esse universo era composto pelos donos, pelos trabalhadores da Imprensa e pelas tipografias. Nesse sentido, foi significativo tentar perceber em que contexto social e econômico foram construídas as relações produzidas no interior dessas tipografias, entre os donos, os jornalistas, gráficos e todos aqueles que de alguma forma contribuía para a construção da notícia.

Primeiramente, fizemos um levantamento dos nomes dos proprietários dos periódicos, encontrando assim a primeira das dificuldades, pois só foi possível identificar uma parte deles. Trabalhando então com um pequeno universo de nomes, tentamos estabelecer uma relação com as atividades que estes exerciam na cidade, fazendo uma busca em listas de nomes de deputados e vereadores, de comerciantes, de servidores públicos nos próprios periódicos e verbetes de dicionário biográfico⁹⁵, enfim, diversos documentos em que os nomes arrolados pudessem ser encontrados. Tarefa difícil foi tecer considerações gerais para o grupo de proprietários, pois não foi possível estabelecer relações fora das tipografias para todos os donos, apenas uma parte deles.

Suas atividades não se restringiam ao trabalho dentro das tipografias, eram pessoas que exerciam ocupações diversas, que ia do funcionalismo público ao comércio. Dentre os donos de jornais que também eram funcionários públicos, mapeamos Alfredo Sergio Ferreira e Ernesto Rodrigues Vieira, proprietários do *Correio de Manaus*⁹⁶ e *Jornal do Amazonas*⁹⁷, respectivamente. O primeiro fora Juiz de Órfãos do Maranhão e procurador fiscal da Fazenda da Província do Amazonas e Ernesto Vieira exercera os cargos de promotor público e de diretor da instrução pública. Outro tipo de atividade que identificamos foi o cargo político, destacando-se então João Marcelino Taveira Pão

⁹⁵ BITTENCOURT, Agnello. *Dicionário Amazonense de Biografias: vultos do passado*. Rio de Janeiro: Conquista, 1973.

⁹⁶ Jornal publicado entre os anos de 1869 a 1881. Era de propriedade de Alfredo Sergio Ferreira. Informações do catálogo de *Cem anos de imprensa*. FREIRE, Op. Cit., p. 67-68.

⁹⁷ Periódico publicado entre os anos de 1875 a 1891, três vezes na semana, terças, quintas e domingos. Entre seus proprietários estavam Ernesto Rodrigues Vieira, Domingos Pereira de Queiroz e Antônio Fernandes Bugalho. FREIRE, Op. Cit., p. 118-119.

Brazil, dono do jornal *A Voz do Amazonas*⁹⁸, que exerceu o mandato de deputado, e além dele, Antonio da Cunha Mendes, primeiro dono do jornal *Amazonas*, que foi vereador, chegando a exercer o cargo de presidente interino da Câmara Municipal. Utilizaram-se da Imprensa como tribuna para seus cargos políticos.

Outro nome de proprietário a ser destacado em nosso trabalho é o de Manoel da Silva Ramos, o fundador do primeiro jornal do Amazonas, o *Cinco de Setembro*.⁹⁹ Chegou a Manaus em 1851, e requereu o cargo de fiscal da Câmara Municipal, o que representava um cargo de grande importância para o período, e utilizando-se da estrutura da antiga tipografia em que trabalhava no Pará, fundou o jornal *Cinco de Setembro*, que depois passou a ser denominado *Estrela do Amazonas*. Anos depois também exerceu os cargos de procurador da Câmara Municipal, o cargo de feitor e o cargo de 3º. Juiz de Paz e vereador suplente. Em 1857, passou a direção do *Estrela do Amazonas* ao seu irmão Francisco José da Silva Ramos. Manoel da Silva Ramos foi ainda foi tenente da Guarda Nacional, o que significava para a época um cargo de distinção social.

Cabe salientar que, com a instalação da Província do Amazonas, implantou-se também um modelo burocrático que era próprio do Império do Brasil, e, dessa forma, diversos cargos e instituições foram implementados. Foi nesse momento que ocorreu também a formação de uma elite no Amazonas, pessoas que começaram a possuir um status perante a sociedade.¹⁰⁰ Essa nascente elite possuía um diferencial diante de outras províncias: mesmo que alguns de seus membros possuíssem como base de suas economias o comércio, a atividade que começa a se destacar entre eles era o funcionalismo público, as profissões liberais e a política.¹⁰¹

Certamente a elite postulava o comércio, mas como indicam os dados não se tratava de uma elite de “comerciantes”, donos de seus negócios, de verdadeiros “entrepeneurs”, embora propugnassem o comércio e fosse a associação comercial – ACA- uma de suas instituições ativas, sua autorepresentação privilegiava a identidade com a cultura e com a tradição letrada.¹⁰²

⁹⁸ Jornal que circulou entre os anos de 1866 a 1867, publicava-se as quartas e sábados, era de propriedade de João Marcellino Taveira Pão Brazil. FREIRE, Op. Cit., p. 210.

⁹⁹ Informações sobre a vida do primeiro jornal foram extraídas do Catálogo *História da Imprensa no Amazonas*, de FARIA E SOUZA, Op. Cit., p. 6.

¹⁰⁰ DAOU, Ana Maria Lima. *A Cidade, o teatro e o “Paiz das Seringueiras”*: práticas e representações da sociedade amazonense na virada do século XIX. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 1998.

¹⁰¹ DAOU, Op. Cit., p. 83.

¹⁰² Ibid., p. 84.

É bem provável que essa combinação entre ser proprietário de jornal e ser funcionário público ou possuir um cargo político resultasse em uma distinção dessas pessoas dentro da sociedade. Possivelmente, essas pessoas possuíam um status que os diferenciava dos demais moradores da cidade, o que significa que ser proprietário de jornal neste período, já lhes permitia usufruir de certa influência social. Alguns deles fizeram parte das elites que compunham a sociedade provincial.

No entanto, esta posição de destaque dentro da sociedade não garantia aos donos dos jornais um retorno financeiro, pois na verdade, os jornais desse período padeciam de recursos, pois os custos para se manter uma tipografia era muito para o padrão econômico da época. Assim, nem sempre administrar um jornal, ou ser dono de jornal era significativo de enriquecimento ou sucesso, como demonstra essa publicação, na coluna *A pedido* do *Diário do Amazonas*, que muitos morreram sem recurso algum:

Chronica Typographica – N’esta província tem havido desde 1852, muitas typographias.

A da Estrella do Amazonas, o proprietário morreu pobre.

Esta foi comprada pelo Sr. Antonio da Cunha Mendes, operário infatigável, que está pobre -, e passou seu estabelecimento.

A do Catechista, do Sr. capitão Pará não pôde aumentar-se.

A do Correio de Manáos, do Sr. Dr Sergio morreo, seu proprietário não auferiu lucro algum.

A da Reforma Liberal, vai sustentando-se, sem resultado.

No meio de tudo isto, brilha a do Sr. Gregório José de Moraes, distinto proprietário de Manáos.

Digam os sábios da escritura,

Que segredos são estes da natura.

O Sr. Carneiro, também fará fiasco deixando só o distinto operário Tenente Gregório Jose de Moraes?!

Há homens muito felizes. ¹⁰³

Essa situação vivida pelos donos dos jornais também pode ser visualizada através de uma declaração publicada no jornal *O Catechista*¹⁰⁴, onde o responsável pelo *Estrella do Amazonas*, Francisco José da Silva, afirmava que havia deixado de exercer tal função pois não estava mais disposto a se sacrificar juntamente com sua mulher e filhos, demonstrando que apesar do grau de comprometimento que tinha com o empreendimento, este não lhe trazia o devido retorno financeiro. ¹⁰⁵

Outros personagens dentro do universo dos periódicos foram aqueles que neles escreveram. A principal dificuldade encontrada em nosso trabalho estava em reconhecer

¹⁰³ *Diário do Amazonas*, nº 1. Manaus, 1º jan. 1874.

¹⁰⁴ Jornal que circulou entre os anos de 1862-1871, apresentava como subtítulo “Folha Comercial, Noticiosa e Anallystica”, sua periodicidade era semana, tinha como diretor João Antonio Pará. FREIRE, Op. Cit.

¹⁰⁵ *O Catechista*, nº 95. Manaus, 9 jan. 1864.

nos exemplares dos jornais a autoria dos artigos, visto que neste período não era prática dos autores assinar os artigos, ou quando o faziam, era através de pseudônimos. Dessa forma, destacaremos alguns representantes da Imprensa que mais se sobressaíram, tanto por seu trabalho dentro das redações, quanto fora delas. Nos amparamos em grande medida nas informações tiradas do *Dicionário Amazonense de Biografias*, de Agnello Bittencourt¹⁰⁶, que se revelou uma importante fonte de informações sobre o período, muito embora tenhamos a clareza de que nessa obra as personalidades biografadas foram selecionadas em grande medida de acordo com escolhas pessoais por parte do autor.

Dentre os trabalhadores da Imprensa que mais se destacaram como jornalistas, podemos citar Bento Aranha, chamado de *decano* do jornalismo amazonense¹⁰⁷. Filho do primeiro presidente da Província do Amazonas, João Batista de Figueiredo Tenreiro Aranha, pouco se sabe sobre sua vida. Não possuía formação acadêmica, mas tinha afeição aos livros e à imprensa. Entrou para a arena jornalística em 1858, ainda estudante e então continuou seu trabalho fundando, dirigindo e redigindo em diversos jornais, desde os diários mais conhecidos, como o *Amazonas*, no qual foi diretor e redator por muitos anos, como nos diários e semanários de menor tiragem, como o jornal *A Epocha*¹⁰⁸ do qual foi um dos principais redatores.

Além de atuar na Imprensa, exerceu diversos cargos públicos como funcionário da Tesouraria da Fazenda, professor de primeiras letras, amanuense da Secretaria da Instrução Pública, Escriturário da Alfândega de Serpa, hoje Itacoatiara. Seu nome sempre figurava nos jornais das mais variadas formas, demonstrando as diversas posições assumidas por ele, como deputado, defensor de réus nos julgamentos, comerciante, orador. Estava também sempre envolvido com as associações de elite, foi secretário da maçonaria, fundador do primeiro clube abolicionista do Amazonas, da Sociedade Emancipadora Amazonense, constituindo-se também como um dos maiores defensores da causa abolicionista na região. Além de escrever artigos em jornais e

¹⁰⁶ BITTENCOURT, Op. Cit., 1973.

¹⁰⁷ Essa biografia foi escrita por João Batista de Faria e Souza, amigo de Bento Aranha, em um artigo publicado no *O Jornal*, de 17 de Janeiro de 1919, por ocasião da morte do biografado e foi reproduzida por BITTENCOURT, Op. Cit., p. 25-26.

¹⁰⁸ Jornal que foi publicado entre os anos de 1889 a 1890, era de propriedade de Acrísio Gomes da Silva. FREIRE, Op. Cit., p. 83.

livros¹⁰⁹. Foi autor do primeiro folhetim publicado nos jornais amazonenses, com o pseudônimo de Baré Manau.

Outro personagem que conseguimos mapear foi Joaquim Sarmiento, que fez parte da redação do jornal *Amazonas* por muitos anos, de onde despediu-se no ano de 1876. Percorreu diversos cargos públicos, entre eles todos os postos da Fazenda Pública, incluindo o de inspetor, foi também Deputado Estadual e Senador da República, além de assumir o cargo vice-presidente da Província no ano de 1884.¹¹⁰

Outro membro das elites que contribuiu com a imprensa foi Torquato Xavier Monteiro Tapajós, filho do Coronel Francisco Antônio Monteiro Tapajós. Foi estudar na capital do país, o Rio de Janeiro, e tornou-se um Engenheiro Sanitarista de reconhecimento nacional. Exerceu sua profissão longe do estado natal, foi autor de diversos livros: a *Climatologia da Amazônia*, o *Vale do Amazonas*, *Apontamentos para a Climatologia do Vale do Amazonas*, dentre outros. Mesmo alcançando reconhecimento nacional, não deixou de publicar suas poesias nos jornais do *Amazonas*.¹¹¹

Interessante ressaltar que os exemplos citados se tratavam de pessoas ligadas às elites que compunham a cidade, o que não se apresenta como uma tarefa difícil o seu reconhecimento nas páginas dos jornais, na medida em que seus nomes estão presentes nos registros e em muitas obras que contam a história do estado. Tarefa difícil foi perseguir o trabalhador anônimo do jornal, aqueles que não faziam parte desse seletivo grupo, pois sobre estes não encontramos registro de suas histórias.

Em alguns casos, os nomes chegaram somente através de seus pseudônimos. Por exemplo, um dos escritores que colaboravam com o *Commercio do Amazonas* foi *Ajuricaba*, que escrevia artigos extensos carregados de opinião sobre assuntos importantes da província. Sobre ele, escreveu o *Commercio do Amazonas* : *um dos melhores escriptores da província, que sob obscuro pseudonimo Ajuricaba traz por modéstia occulto seu distincto nome*.¹¹² Percebemos, através desta nota que este autor também fazia parte de um grupo seletivo de pessoas, mas não queria se identificar.

Outro personagem que utilizava-se do anonimato para fazer denúncias nos jornais, era o *adivinhador de balaios*, que com suas publicações acabava causando

¹⁰⁹ Como o que encontramos referido no jornal *A Voz do Amazonas*, quando perdeu um drama ainda inédito intitulado *Prejuízos sociais*, pedindo a quem o encontrasse, que o devolvesse na tipografia. *A Voz do Amazonas*, nº 23. Manaus, 7 jan. 1867.

¹¹⁰ BITTENCOURT, Op. Cit., p. 96.

¹¹¹ *Ibid.*, p. 490.

¹¹² *Commercio do Amazonas*, nº 149. Manaus, 27 jul. 1875.

incômodo entre as autoridades. Em um de seus exemplares, o *Commercio do Amazonas* publicou uma nota que informava que o vigário de Serpa, durante a missa, avisou que as adivinhações de balaios estavam proibidas, porque delas provinham calúnias. E essas pessoas ficaram proibidas de entrar na Igreja. Outro redator que causava dor de cabeça principalmente aos outros órgãos da Imprensa foi o *Justus*, do *Jornal do Amazonas*. O *Commercio do Amazonas* seguia rebatendo as acusações feitas por esse redator do *Jornal do Amazonas*. Delineou-se dois fatores para a utilização de pseudônimos : não queriam ser identificados e outro fator era que os mesmos incomodavam com suas publicações.

Em uma de suas publicações, o *Commercio do Amazonas* escreveu que o articulista (*o Justus*) havia chegado a menos de três anos e que desde logo conseguiu um dos melhores empregos da província, teve acolhimento afável e conseguiu importância social e política¹¹³. O que também nos revela a influência que os jornalistas já começavam a exercer sobre a sociedade. Uma pessoa recém-chegada na cidade, que utilizou-se de sua posição na Imprensa para conseguir um cargo notável na Província, o que lhe conferiu uma distinção social e política no interior da sociedade. Dessa forma, podemos afirmar que a questão da influência social exercida pelos proprietários e jornalistas dos periódicos na cidade de Manaus já tem seu início no decorrer do período provincial. Ser dono de jornal e ser jornalista já delineava um bom caminho para se conseguir uma posição de destaque dentro da sociedade.

Importante destacar também outros personagens que fizeram parte do cotidiano das tipografias e que estiveram presentes em nossas leituras. Personagens que remontam o cenário de produção dos jornais. Conseguimos identificar, para o período compreendido entre 1860 a 1880, a figura do *redator*, responsável pela redação das notas e artigos, sempre citado nas cartas enviadas aos jornais, o *editor*, o *tipógrafo*¹¹⁴, responsável pela composição dos textos, o *impressor*, responsável pelo processo final dos jornais, os *colaboradores*, que escreviam cartas e artigos esporádicos a serem publicados nos jornais, os *correspondentes* do interior da Província que já estavam presentes desde a década de 1860.

A figura do jornalista não estava presente nos jornais desse período como o trabalhador que possuía a função específica de produzir a notícia, e sim como alguém

¹¹³ *Commercio do Amazonas*, nº 147. Manaus, 22 jul. 1875.

¹¹⁴ Que no caso de Antonio da Cunha Mendes, editor do jornal *Amazonas*, em resposta ao redator do *Catechista*, afirma que é apenas o tipógrafo deste jornal e não um dos redatores, por isso não pode ser responsabilizado pelos escritos publicados nestes jornais. *Amazonas*, nº 51. Manaus, 23 maio 1867.

ligado à Imprensa, cabendo salientar que estas profissões ainda não eram consolidadas no seio da sociedade. Somente a partir de 1880 que o jornalista começou a delinear seu espaço dentro da tipografia¹¹⁵. É nesse momento também que surge a figura do *repórter*. Como podemos observar nessa publicação do *Commercio do Amazonas*: “Devemos, porem, declarar ao publico que é a primeira vez que ouvimos fallar em semelhante cousa; e não somos por certo, os mais atrasados a respeito do que se passe em nossa terra para o que não nos faltam bons reporters”.¹¹⁶

No caso acima, tratava-se de um boato que circulava na cidade sobre a premeditação de um assalto à tipografia do *Amazonas*. Então, o *Commercio do Amazonas* tratava de tranquilizar o outro órgão, já que possuía pessoas encarregadas de averiguar todos os fatos ocorridos na cidade, e nada havia de concreto sobre isso. Logo, a figura do repórter aparece nessa citação associada à idéia de averiguação dos fatos. Com a reformulação da concepção de notícia, mais associada, a partir desse momento, a noção de rapidez de informação e veracidade dos fatos, a figura do repórter já começava a aparecer na arena jornalística.

Nesse cenário, foi pertinente também fazer um balanço sobre a situação desses espaços durante o período estudado. Tarefa fundamental é tecer comentários sobre as características relacionadas ao espaço físico das oficinas tipográficas, criando assim, o contexto material necessário para se compreender o processo de produção dos jornais, em seus bastidores. Entre as características a serem discutidas estão as dificuldades enfrentadas pela Imprensa do período provincial, o arrolamento das pessoas que faziam parte dessa produção, os produtos que eram impressos pelas tipografias além dos jornais e também as formas de circulação dos periódicos entre os habitantes da cidade.

No decorrer do período provincial, as oficinas tipográficas enfrentaram algumas dificuldades para continuar publicando seus impressos. O principal deles era a carência de recursos financeiros, o que tornava a tarefa muito árdua, seguido depois pela falta de pessoal habilitado para trabalhar nas oficinas. Essas dificuldades concorreram para que o número de tipografias existentes para o período fosse bastante modesto.

Um exemplo dessas dificuldades foi publicado no jornal *Futuro*¹¹⁷, que em um de seus números, comentava que havia tentado produzir um jornal em formato maior, mas não conseguiu, pois foi combatido. Além de falar sobre suas dificuldades,

¹¹⁵ Como foi explicitado, no primeiro capítulo, sobre a figura do jornalista em outras regiões do país.

¹¹⁶ *Commercio do Amazonas*, nº 130. Manaus, 27 maio 1880.

¹¹⁷ Jornal que circulou no ano de 1873, publicou 20 números. FREIRE, Op. Cit., p. 100.

denunciava que só os proprietários de jornais que possuíam amizades e defensores conseguiam se manter, e do contrário, aqueles que eram desprovidos dessas relações não permaneciam na arena jornalística, o que seria o caso deles.¹¹⁸

Outro exemplo dessa situação encontramos no jornal *Amazonas*, de 1878, quando foi noticiado que a tipografia do *Jornal do Amazonas* havia sido penhorada por falta de pagamento do aluguel. No entanto, seu dono Ernesto Rodrigues Vieira, durante a madrugada, mudou os tipos para outro local, e dessa forma, foram penhorados apenas os prelos. Esse fato nos apresenta um pouco das dificuldades que passavam os jornais, no caso, falta de dinheiro para pagar o aluguel.¹¹⁹

A falta de pessoal qualificado para o trabalho nas tipografias era outro tipo de dificuldade enfrentada pela Imprensa do período. O *Estrella do Amazonas*, no ano de 1856, avisou que não apresentava em suas páginas assuntos interessantes que atraíssem a curiosidade dos leitores, como ocorria em outros jornais do país e até do exterior, principalmente devido à falta de pessoal habilitado. A intenção de equiparar-se com outros jornais do país e do exterior já existia; no entanto, faltavam pessoas que conhecessem a arte tipográfica e pudessem dar conta das aspirações do jornal.

A falta absoluta de pessoal sufficiente e habilitado para dar vazão á maiores, e mais regulares trabalhos de nossa Imprensa tem sido a cauza principal de haver-mo-nos conservado em hum estado quazi por bem dizer apathico, sem ser possível, sempre que se offereçe oportunidade, variar nossas publicações ao menos com as mais interessantes noticias sobre diversos objectos, que se encontrão nos mais accreditados jornaes tanto do nosso como de outros paizes.¹²⁰

Nas próprias páginas dos jornais essa preocupação com a falta de pessoas habilitadas estava colocada, de certa forma, os anúncios estampavam uma dificuldade que perdurou durante todo o período provincial. As tipografias publicavam anúncios para tentar suprir a carência de pessoal habilitado. Em 1869, o *Correio de Manáos*, na tentativa de qualificar pessoas, publicava que aceitava os interessados que quisessem aprender o curso da arte tipográfica¹²¹. Em 1888, a *Província do Amazonas* anunciava que “precisa-se de typographo”¹²², e em 1879, o *Amazonas* publicava um anúncio em destaque declarando que aceitava dois aprendizes.¹²³

¹¹⁸ *Futuro*, nº 7. Manaus, 26 maio 1873.

¹¹⁹ *Amazonas*, nº 113. Manaus, 7 abril 1789.

¹²⁰ *Estrella do Amazonas*, nº 141. Manaus, 30 abr. 1856.

¹²¹ *Correio de Manáos*, nº 1. Manaus, 7 set. 1869 .

¹²² *A Província do Amazonas*, nº 57. Manaus, 26 Jan. 1888.

¹²³ *Amazonas*, nº 224. Manaus, 5 jan. 1879.

A falta de recursos e de pessoal habilitado foram fatores que colaboraram para que houvesse poucas oficinas tipográficas na Província, o que pode ser levantado como outra característica marcante deste período. Este fato contribuía para o encarecimento dos custos de impressão ¹²⁴. Os altos custos de manutenção aliados à falta de profissionais e de recursos contribuíram para o estado precário do pequeno número de tipografias que existiram durante o período provincial. Esse panorama de dificuldades de ordem material e humana, impedia a circulação de novas publicações, e ordenava o fechamento de outras.

A situação crítica das tipografias e sua exigüidade no contexto regional analisado não devem ser exclusivamente entendidas como de ordem material, já que a ausência de trabalhadores especializados no ofício de impressão era marcadamente sentida em todo o Estado.

O número de tipógrafos habilitados permaneceu baixo até o momento em que a expansão da economia gumífera propiciou a atração e contratação de um contingente técnico, quase todo composto de europeus. ¹²⁵

Quanto à funcionalidade, além da impressão de jornais, as tipografias também produziam outros tipos de trabalhos. Na falta de uma Imprensa Oficial, o Governo do Estado utilizou-se por muitos anos dessas tipografias para imprimir seus relatórios. Em 1869, a Tipografia do *Correio de Manáos* anunciava que possuía um estabelecimento completamente montado, com um bom pessoal, inclusive um revisor. Imprimia cartas de enterro, cartões de visita, circulares, procurações, guias, diplomas, e outros. O jornal orgulhava-se de garantir o maior *aceio* em seus trabalhos. ¹²⁶

Quanto à circulação, inicialmente parece que a estratégia, na maior parte dos periódicos, era de entregar um exemplar na casa de possíveis candidatos a assinantes, e quando os mesmos não queriam, deveriam devolvê-lo à redação do jornal. Eram comuns os anúncios nos jornais que pediam de volta o exemplar daquela pessoa que não queria ser assinante e quem não devolvesse seria considerado como tal a partir de então. Esse fato nos leva a concluir que a circulação destes jornais era restrita, não circulando de forma recorrente pelas ruas da cidade. Lembrando que a assinatura de jornal poderia significar a adoção de um posicionamento político por parte do assinante, algo que poderia lhe trazer implicações sociais.

Não presenciamos nos jornais pesquisados nenhuma informação a respeito da venda avulsa destes ou sobre pontos de venda. No entanto, mesmo não encontrando

¹²⁴ PINHEIRO, *Folhas do Norte*. Op. Cit., p. 44.

¹²⁵ *Ibid.*, p. 49.

¹²⁶ *Correio de Manáos*, n° 2. Manaus, 10 set. 1869.

notas relacionadas a locais de venda, os jornais apresentavam além de assinantes, pessoas que compravam números avulsos, o que nos indica que a própria tipografia poderia ser o local de venda desses jornais. Somente a partir da década de 1880 encontramos notas referentes a locais de venda.

Figura 1:
Anúncio da Tipografia do Amazonas



Fonte: *Amazonas*, nº 750. Manaus, 26 jul. 1882

A partir da década de 1880, a situação financeira das tipografias começou a mudar. Muitos jornais surgiram durante esse período, o que significava que mais pessoas passaram a investir na produção deles e que a falta de recursos materiais e humanos começava a diminuir. Um exemplo desse período era a tipografia do jornal *Amazonas*, localizada na praça 28 de setembro, em um prédio especialmente construído para o jornal; já apresentava instalações dignas de um grande periódico, dentro das

dimensões do período provincial, prometia fazer qualquer tipo de serviço tipográfico com rapidez e pelo menor preço. Além disso, em seu anúncio (ver página anterior), dizia que era a mais bem montada tipografia da província, com excelentes operários, uma variada coleção de tipos e a única na cidade que possuía prelo mecânico.

Dessa forma, percebemos que a constituição da Imprensa na Província passou por diversos momentos e dificuldades. Que estava ligada à membros das elites, embora não possamos afirmar que essa Imprensa era elitista, pois seria reduzir a experiência de um grande número de jornais.

2.2. Perfil dos Jornais

Ao analisarmos um grande número de jornais, fizemos a tentativa de traçar um perfil dos mesmos, cientes de que não é tarefa fácil, dada a particularidade e complexidade de cada um. Nossa tentativa estava primeiramente em destacar algumas características que nos pareceram mais evidentes e, posteriormente, ressaltar as semelhanças e diferenças presentes ao comparar os diversos jornais.

Buscamos problematizar questões que não se restringiam apenas à materialidade dos jornais, ou seja, ao aspecto físico e editorial, procuramos adentrar no universo particular da Imprensa do período provincial e perceber de que forma eram urdidadas as tramas vividas por eles no período, dentro e fora das tipografias. Entender de que forma eram estabelecidas as relações entre Imprensa e governo e também as relações entre os próprios órgãos da Imprensa.

Podemos afirmar que as primeiras décadas da Imprensa no Amazonas, particularmente as décadas de 1860 e 1870, se distinguiram da década de 1880, quando a região começou a colher os primeiros frutos do período de exportação da borracha. Uma primeira característica que se destaca, nesse primeiro momento, é que os jornais apresentavam um aspecto mais denso, com artigos extensos, que expressavam a opinião dos autores sobre temas variados, textos carregados de subjetividade que traziam e pregavam uma determinada visão de mundo. Não estavam preocupados com a notícia imediata, era assim na maioria dos jornais, tanto nos de maior circulação quanto naqueles que poucos números publicaram. Essas publicações caracterizavam os chamados jornais de opinião, surgidos na Imprensa Brasileira ainda no Período

Regencial, 1831-1840, e nestes, o redator era considerado “escritor público” e tinha como missão defender uma causa.¹²⁷

Nestes, os “artigos de fundo” davam a linha editorial do periódico, geralmente havia uma coluna homônima ao título do jornal, e, nesta coluna, o autor sentia-se à vontade para discutir livremente sobre temas que considerava importantes, geralmente sobre a política ou a economia da província.

Havia quase que um padrão de publicação. Além dos artigos de opinião havia as colunas *A Pedido*, uma seção que praticamente todos os jornais apresentavam. Através desta coluna, os autores, geralmente leitores, expressavam-se de várias formas, fosse relatando uma determinada situação, criticando pessoas ou também se defendendo de acusações por parte de outros cidadãos ou até mesmo outros jornais. A coluna era uma publicação presente em diversos jornais do país a partir do início do século XIX, e constitui-se no presente como um rico manancial de estudo dos jornais do período, uma vez que através desta coluna, havia interação entre os leitores e os jornais, que por meio dela manifestavam-se de diversas formas. Como explica Ana Luiza Martins sobre a mesma coluna em outros jornais do país.

Curiosas e instigantes eram as seções “A Pedidos”, que mediante pagamento veiculavam reclamações dos leitores, de ordinário voltadas contra o governo. Sabe-se que mesmo não havendo encomenda de pedidos, os jornalistas se encarregavam de inventá-los.¹²⁸

Exemplar dessa situação é o caso do irmão do Barão de Tefé, José Paulino Von Hoonholtz, quando escreve uma carta ao *Commercio do Amazonas*, defendendo seu irmão de um artigo publicado no jornal *Reforma Liberal*, onde o mesmo é acusado de ter praticado maus tratos contra um oficial. Cabe salientar que o mesmo artigo foi publicado em quase todos os jornais da capital paraense, manchando a reputação do autor. Dessa forma, Von Hoonholtz pede que seja publicado um desmentido.

Profundamente abalado com um acontecimento tão desagradável, peço ao publico paraense que suspenda o seu juízo sobre este facto infamemente calumnioso, lembrando-se que meu irmão está no Javary, mais de duas mil milhas de Belém, e que precisa de tempo, não para se defender, porque é falso o que diz a Reforma Liberal do Amazonas, mas para explicar o facto com todos os seus pormenores.¹²⁹

¹²⁷ MOREL, Marco. Da Gazeta tradicional aos jornais de opinião. Op. Cit., p. 53.

¹²⁸ MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em tempos de Império; MOREL, Marco. Da Gazeta tradicional aos jornais de opinião. Op. Cit.

¹²⁹ *Commercio do Amazonas*, nº 128. Manaus, 20 jan. 1874.

Esse tipo de artigo, da coluna *A Pedido*, embora não fosse escrito por redatores do jornal, também representava a linha de pensamento do periódico, uma vez que sua publicação estava atrelada ao consentimento do jornal, ou seja, só seriam publicados os artigos que estivessem em conformidade com suas regras. As publicações passavam pelo crivo do jornal, limitando o conteúdo da coluna aos interesses do redator. Dessa forma, as denúncias, os pedidos de esclarecimento, as críticas, as reclamações não estavam postas de forma desinteressadas, e sim faziam parte dos interesses defendidos pelo programa dos jornais.

Percebemos casos em que a intervenção dos donos dos jornais sobre a coluna citada aparecia de forma clara e direta. Um exemplo desse fato publicava-se no cabeçalho do jornal *Amazonas: a redação só responde pelos seus artigos e não desiste jamais do direito de censura nos escriptos que lhe forem remetidos*¹³⁰. Outro exemplo dessa interferência foi a carta enviada por um leitor ao *Commercio do Amazonas*, onde o autor pede que seja publicado novamente seu artigo e que dessa vez o redator não o altere: *Sr. Redactor – Alem da grande demora que teve o meo artigo publicado em seo jornal e o qual ainda foi alterado, rogo-lhe de novo, o publique ipsis verbis como diz o mestre escola. Sou de v. s. creado e obr. Veritas.*¹³¹

Os donos de jornais já percebiam o alcance da sua influência e poder dos periódicos na sociedade e manifestavam o fato em suas páginas, por vezes ameaçando pessoas com a publicação de seus nomes nas páginas do periódico. Ilustrativo dessa situação, o caso de ameaça que o jornal *O Catechista* fez a um taverneiro que, quando bebia, incomodava a vizinhança:

Pede-se a certo taverneiro, residente nesta cidade, que tem o costume de embriagar-se diariamente, que abstenha-se de tratar da vida alheia, para não passar pelo dissabor de ver o seu nome em letras gordas n'este jornal, com algumas reflexões que não poderão agradar. Um martyr.¹³²

Até mesmo os próprios assinantes, quando não pagavam as assinaturas, eram ameaçados pelos periódicos, o que nos permite dizer que ter o seu nome publicado no jornal já possuía uma dimensão importante perante a sociedade, principalmente quando a informação veiculada era desfavorável.

Avizos diversos - também prevenimos que os artigos que por qualquer circunstancia não forem publicados não serão restituídos aos seus donos; e

¹³⁰ *Amazonas*. Manaus, jan. 1867.

¹³¹ *Commercio do Amazonas*, nº 110. Manaus, 27 dez. 1870.

¹³² *O Catechista*, nº 103. Manaus, 5 mar. 1864.

por ultimo ainda rogamos as pessoas que devem publicação e assinaturas, hajao de manda-las pagar até o dia 14 de junho p. futuro, e se não quiserem passar pelo dissabur de verem os seus nomes, em uma das columnas deste jornal, sob a denuminação de columna dos *homens de bem*.¹³³

Diversas notícias e denúncias publicadas nos jornais foram alvos de averiguação por parte das autoridades, demonstrando que as publicações desses periódicos produziram impacto na sociedade amazonense. Um exemplo disto é a publicação no *Jornal do Amazonas*, em que o presidente da província cobra explicações do diretor dos Educandos Artífices por um artigo publicado no *Commercio do Amazonas*:

Tendo o Commercio do Amazonas jornal que se publica nesta capital, que incluso encontrará, chamado a atenção da presidência para o estabelecimento sob sua direcção, allegando factos contrários a boa ordem, disciplina e economia que devem reinar no mesmo estabelecimento e afirmando que os Educandos são distrahidos dos trabalhos das officinas em serviços particulares; determino-lhe que com urgência me informe circunstaciadamente a respeito de taes factos.¹³⁴

Outro tipo de publicação que evidencia que os jornais já reconheciam sua importância, era a veiculação em suas páginas de artigos que se referiam ao surgimento da Imprensa como marco da civilização, além de descrever sua relevância social como agentes do progresso. O jornal *Correio de Manáos* já anunciava em seu primeiro número, no ano de 1869, o alcance e a importância da imprensa no interior de uma sociedade.

A imprensa é sem dúvida, o pharol destinado a civilização dos povos (...) A imprensa multiplica o pensamento e o conserva infinitamente; ella, só, te creado a civilização e só ella a impedirá de perecer. (...) Nas mais complicadas agitações dos povos, nas maiores dificuldades do corpo social, nas grandes lutas civis, nos intermináveis conflictos internacionaes, a imprensa sempre tem e terá o mais proeminente lugar.¹³⁵

Quando os jornais publicavam um discurso em que assumiam esse espaço primordial no seio da sociedade, acreditamos que os mesmos buscavam consolidar esse papel de destaque enquanto agentes no processo de constituição da Imprensa, que já vinham paulatinamente conquistando. Como afirma Barbosa:

Ao contruir identidades, os periódicos referendam uma idéia que também é corrente entre escritores, jornalistas e demais intelectuais. Cria-se entre os letrados uma espécie de consenso sobre o papel privilegiado da imprensa, ao

¹³³ Ibid., nº 163, Manaus, 29 abr. 1865.

¹³⁴ *Jornal do Amazonas*, nº 18, Manaus, 22 jul. 1875.

¹³⁵ *Correio de Manáos*, nº 1. Manaus, 7 set. 1869.

mesmo tempo em que há a transformação dessas ideias em documentos-memória.¹³⁶

O comportamento do público leitor é indicativo e demonstra como os periódicos foram se consolidando no seio da população da Província do Amazonas. Muitos leitores utilizavam os jornais como um meio de divulgação de suas ideias, de anunciar seus produtos, etc. No número 221 do *Jornal do Amazonas*, na coluna *publicações solicitadas*, a imprensa é chamada de tribunal da opinião pública, pelo vice-consul da Bolívia:

Publicações solicitadas – lendo o periódico Monitor do Norte, datado de 6 do corrente, deparei com um artigo bastante acriminoso contra mim como particular e como vice-consul honorário da republica da Bolívia, com o duplo fim de prejudicar o conceito de que gozo nesta província e de attrahir o odioso sobre instituições do meu paiz, e só esta ultima circunstancia me demoveo a vir ante o judicioso tribunal da opinião publica dizer algumas palavras para que não se seduza pelas falsas apparencias de factos imaginários.¹³⁷

Sendo a Imprensa o *tribunal da opinião pública*, a quem muitos recorriam, os escritos publicados nos jornais, ainda no período provincial, em uma cidade ainda em construção como estava a cidade de Manaus, causavam considerável repercussão entre as pessoas que sabiam ler e também sobre as que não sabiam, na medida em que normatizavam regras que antes estavam na esfera da oralidade. Os jornais também se utilizavam desse poder para tecer comentários críticos relacionados aos assuntos que interessavam principalmente às elites, como a política e o comércio.

Morel, ao estudar o surgimento da Imprensa no Brasil, discutiu conceitos, como o surgimento da opinião pública, surgimento este que adotou significados diversos quando apropriado pela Imprensa. Inicialmente, esta foi vista como “Rainha da Opinião Pública”, que significava a supremacia da razão sobre a ignorância da sociedade, e o outro significado assumido pela Imprensa foi o de Tribunal da Opinião Pública, quando passa a significar a expressão da vontade da maioria do povo. Neste último significado, a opinião pública abandona o campo abstrato e passa a ser utilizada como instrumento de intervenção direta na vida pública.¹³⁸

Assim, para além de ser uma imprensa com laços com o governo e com muitas publicações administrativas, a Imprensa no Amazonas também seguia a interesses

¹³⁶ BARBOSA, Op. Cit., 2000, p. 114.

¹³⁷ *Jornal do Amazonas*, nº 221, Manaus, 10 jan. 1878.

¹³⁸ MOREL, Marco e BARROS, Mariana Monteiro de. *Palavra, Imagem, Poder: O surgimento da Imprensa no Brasil no Século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 31.

próprios. Geralmente quando não era o jornal responsável pela publicação dos atos governamentais, seguia fazendo críticas ao governo e às suas instituições, principalmente à figura do presidente, dos deputados e ao chefe de polícia. Sempre tivemos, durante todo o período provincial, jornais que se comportavam como oposição. O *Jornal do Amazonas*, em seu número 49, já dizia que a maior dificuldade da imprensa era a neutralidade¹³⁹. Diferente daqueles jornais que faziam a defesa das pessoas públicas, sempre havia aqueles que apresentavam em suas páginas duras críticas aos governantes, por vezes utilizando-se de linguagem depreciativa. Podemos citar como exemplo um artigo do jornal *O Rio-Mar*, em que o autor critica o então presidente da Província Dr. Jacy Monteiro, que naquele momento havia acabado de ser exonerado do cargo, que governou a província do Amazonas entre os anos de 1876 e 1877.

Vae deixar brevemente o Sr. Dr. Domingos Jacy Monteiro, ex presidente desta infeliz província, entregue por espaço de dez meses a seus desatinos administrativos.(...) A província inteira, cansada de sofrer, toda sorte de medidas veixatorias e de attentados contra seus direitos e liberdades, pelo órgão da imprensa e de seus representantes no parlamento lançou um grito de desespero em favor dos oprimidos.(...) A província tem sido testemunha do menoscabo com que o Sr. Dr. Jacy Monteiro a transgredio.¹⁴⁰

O jornal *O Catechista* denunciava a inércia do governo em relação ao funcionalismo público e demais entidades. Todas estas instituições deveriam ser fiscalizadas, pois deixavam a província no completo abandono e atraso. O jornal cobrava uma atitude enérgica do governo e solicitava que o mesmo despertasse dessa imobilidade sobre o funcionalismo público e demais questões.

O Governo e a Província – o governo dorme a mais de quatro horas; é mesmo a mais de quatro annos; e nós nos querendo collocar no lugar d’aquelle criado lhe dizemos: “Senhor! Muitos annos estão inutilizados com o vosso somno; não convem perder mais tempo, visto que sois responsáveis perante o paiz pelo atrazo em que elle marcha nesta parte, devido isso, alem da vossa indiferença nos nossos sofrimentos”! Desperta e cobrai vigor!...O que esperais desse abandono em que está entregue a província?¹⁴¹

Ainda sobre as críticas sobre a administração, também citamos aquelas que recaíam sobre a polícia, constantemente referida em suas páginas. Um tema constante dessas críticas era que a polícia não desempenhava seu papel, não agindo em socorro da população. Além disso, eram recorrentes as denúncias nos jornais contra abusos

¹³⁹ *A Provincia do Amazonas*, nº 49. Manaus, 5 fev. 1888.

¹⁴⁰ *Jornal O Rio-Mar*, nº 2. Manaus, 26 maio 1877.

¹⁴¹ *O Catechista*, nº 81. Manaus, 3 out. 1863.

cometidos por parte das autoridades policiais. Como publicou o jornal *O Catechista* em uma de suas edições :

O prestígio da autoridade, que deve ser sempre conservado para garantia da ordem publica, não existe nas autoridades policiaes subalternas desta capital ; o Sr. delegado cada dia mais se desmoralisa; no teatro, pastorinhos, &. por toda a parte esta autoridade perde a importância que devia ter, com prejuízo do serviço publico e das partes. ¹⁴²

Os casos de desvio de dinheiro dos cofres públicos para pagamentos de despesas pessoais também passaram a fazer parte desse quadro de denúncias feitas pelos jornais. O presidente interino da Câmara Municipal no ano de 1863, Dr. David Canavarro, foi denunciado pelo jornal *O Catechista* por ter pago com dinheiro dos cofres municipais uma porção de cerveja, sendo que depois essa conta foi alterada, não constando mais a bebida na descrição dos produtos.

Reforma das contas- denunciámos em um dos nossos números anteriores e pedimos que se verificasse o facto de se ter pago ou se pretender o pagamento pelos cofres municipaes, de uma porção de cerveja gasta pelo intririno presidente da câmara, o Sr. Dr. Canavarro ; informarão-nos há dias, que foi reformada a conta em que figurava esta addição que fora suprimida, para comente apparecerem foguetes, azeite, vellas e &, será verdade? ¹⁴³

Dessa forma, podemos afirmar que tivemos uma imprensa que apoiava, defendia, bajulava ao mesmo tempo em que denunciava e criticava a quem quer que fosse, inclusive aos representantes do governo e também aos próprios jornalistas. As críticas eram presenças constantes nos jornais, principalmente naqueles que não possuíam vínculos com o governo, esses ficavam mais livres para tecer seus comentários sobre o funcionamento da Província.

Além das críticas ao governo, as desavenças entre os órgãos da Imprensa também eram constantes, suas contendas estavam estampadas em suas páginas, resultando deste fato a dificuldade em se definir a imprensa do período como um bloco homogêneo, que convergia para os mesmos objetivos. Defini-la dessa forma seria perder grande parte de sua complexidade.

Um fator provocador de conflitos entre os jornais amazonenses era a possibilidade de receber a subvenção dada pelo governo. Bento Aranha já descrevia a dificuldade que possuía a imprensa em se instalar na província e que os jornais não conseguiam sobreviver sem a subvenção do governo¹⁴⁴. Diversos jornais, em diferentes

¹⁴² *O Catechista*, nº 423. Manaus, 15 jan. 1870.

¹⁴³ *O Catechista*, nº 370. Manaus, 14 mar. 1869.

¹⁴⁴ *Revista do Amazonas*, nº 4. Manaus, 5 jul. 1876.

momentos, receberam esse auxílio do governo para publicar seus atos e decretos, e essa mudança de contrato de um jornal para o outro, gerava desavenças entre eles. Geralmente, o jornal que se sentia prejudicado com o término do contrato seguia fazendo críticas ao jornal que passava a receber a subvenção, e a crítica mais recorrente que se fazia era que, além de publicar os documentos do governo, passava a se posicionar perante a sociedade como jornal oficial agindo em defesa da presidência.

O primeiro órgão da Imprensa a receber o apoio do governo através de contrato foi o *Cinco de Setembro*. Este publicou os atos oficiais até 1863, quando, por atraso nas publicações, perdeu o contrato para *O Catechista*, que continuou fazendo tais publicações até o surgimento do *Amazonas*, em 1866, que celebrou o contrato com o governo até 1874, quando este jornal adotou um novo posicionamento político. A partir de então, o *Commercio do Amazonas* passou a publicar os ofícios, até que, sem que tenhamos conseguido perceber os motivos, o contrato foi rompido e celebrado com o *Jornal do Amazonas* em 1875, o qual passou a publicá-los até o ano de 1878, quando novamente o *Amazonas*, que nesse momento comportava-se como órgão da situação, passou a publicar os atos do governo durante a década de 1880. No decorrer do período provincial, foram vários os jornais que assinaram o contrato com o governo, e, quando este contrato era desfeito, criava-se um clima de tensão entre eles. Assim, enquanto um comportava-se como órgão oficial pela publicação dos atos oficiais, o outro era considerado de oposição.

Como já foi escrito, a partir da década de 1860, em todos os momentos da Imprensa provincial, sempre houve jornais que assumiram a postura de órgãos de oposição, causando um conflito entre estes e os jornais que publicavam os atos governamentais. As divergências estavam só começando e esse era apenas um dos motivos. Basicamente por estes motivos, durante a década de 1860, o jornal *Amazonas* rivalizava com o jornal *O Catechista*, e, na década seguinte, o mesmo acontecia entre o *Commercio do Amazonas* e o *Amazonas*, e, nas últimas décadas, o *Amazonas* passou a entrar em conflito com o *Jornal do Amazonas* e todos em algum momento do período provincial, atacavam o jornal *Reforma Liberal*, órgão do partido liberal. Infelizmente, não tivemos contato com nenhum número deste último jornal, pois não existe em nossos arquivos exemplares do mesmo; no entanto, ele é citado por muitos jornais, sempre como órgão da oposição e como “pelourinho” da sociedade. Como afirmou o jornal *Amazonas*, que comportava-se no ano de 1871 como órgão oficial, sobre a oposição e seus órgãos de imprensa.

Comunicado – Silenciosos temos deixado correr mundo todas as provocações, as acusações infundadas dirigidas á presidência, as calumnias nojentas contra os que não commugam nos banquetes dos liberaes desta terra.(...) Oposição sem imprensa moralisada, querendo levar de vencida aquelles de quem se diz adversário, por meio do ridículo ou da calúnia, é miséria, e só pode admittir-se no estado infeliz á que temos chegado, que o jornalismo se não respeita, constituindo-se os redactores em verdadeiros energúmenos..(..) E é isto que temos, o que vemos na Província! Que conceito podem merecer essas paginas denegridas pelo fumo de embuste, e que publica a *Reforma Liberal*? Que conceito pode merecer o pasquineiro *Argos* cujos escritos não conhecem conveniências, cujo desregramento não conhece óbices e não tem limites? ¹⁴⁵

Aliás, ser chamado de “pasquineiro” ¹⁴⁶ era uma ofensa comum entre os redatores. Quando queriam fazer uma crítica mais pesada a outro periódico, era comum desferir esta palavra em suas colunas. Por sua vez, o lado que se sentia ofendido com sua comparação com o pasquim muitas vezes se defendia. A resposta a outros jornais era um tipo de publicação constante nos periódicos, sempre de forma clara, citando o nome do jornal e por vezes de seus redatores, muitas vezes utilizando-se de ironias e ofensas. Barbosa ao analisar os jornais do Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX, afirma que essas práticas de insultos faziam parte da estratégia de conquistar o público leitor, e era uma forma de se incluir no cotidiano da cidade.

Há que se acrescentar também que os insultos verbais presentes em profusão nesses periódicos fazem parte de uma longa linhagem narrativa na qual a quebra da normalidade presumida, a inclusão de temas sensacionais e o apelo às fórmulas retóricas são fundamentais para a conquista do público. Por outro lado, ao fazerem dos insultos e das chacotas, dos xingamentos e das bravatas o tema fundamental da imprensa, os jornais se incluem na ordem do dia, sendo objeto das conversas e dos casos que se contam pela cidade. ¹⁴⁷

Podemos citar como exemplo dessas contendidas, uma publicação no segundo número do jornal o *Aristarcho*, onde o redator respondeu ironicamente as palavras *amargas* publicadas pelo *Commercio do Amazonas* ao discorrer sobre o surgimento desse novo jornal.

Meu caro redactor – Foi além das nossas aspirações o *Commercio* do Amazonas. Recebeu-nos com demasiada *cortesia* para que tenha a indelicadesa de não lhe responder. E’ um heroe o tal *Commercio*...é um jornal muito *serio*. Começa elle por cognomisar o nosso jornal de pasquim; ora, desculpe, Sr. *Commercio*, mas quase que apostava que v. s. não sabe o que é pasquim. E demais, julgo, que querendo fazer justiça a si próprio, se enganou comnosco. V. s. é muito attencioso e sobretudo muito delicado, para que deixe sem resposta uma muito innocente : Foi por mera *cortesia* da sua

¹⁴⁵ *Amazonas*, nº 368. Manaus, 10 set. 1871.

¹⁴⁶ De acordo com Maria Helena Rolim Capelato, os pasquins foram impressos que surgiram durante o período regencial e eram jornais de linguagem violenta e função agitadora. CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Contexto/Edusp, 1994, p. 40.

¹⁴⁷ BARBOSA, Op. Cit. 2010, p. 49.

parte, que se occupou tão largamente do nosso jornalsinho dando-nos a subida honra de seu primeiro artigo, ou foi a falta de assumpto para encher o seu...jornal que o levou a isso? ¹⁴⁸

Importante ao descrever essas desavenças entre os jornais, apresentar brevemente o panorama político da Província, pois a causa política era um dos principais motivos. Os dois partidos que dominaram a política durante o período Imperial no Brasil foram o Partido Liberal e o Partido Conservador, os dois revezaram-se no poder. Na Província do Amazonas não foi diferente, também possuíamos representantes dos dois partidos, entre os principais nomes do Partido Conservador podemos citar : o Capitão Nuno Alves Pereira de Mello Cardoso, o Comendador Clementino José Guimarães, o Padre Raymundo de Miranda, Jonatas Pedrosa, Deodato Gomes da Fonseca, Agesilão Pereira da Silva e, entre os principais nomes do Partido Liberal, podemos citar : Antonio José Moreira, Guilherme Moreira, Joaquim Sarmiento, Bento Aranha, Emílio Moreira, Antônio Guerreiro Antony, Aprígio de Menezes. Da mesma forma que nas outras províncias, estes grupos também se alternavam no poder.

Esse cenário político refletia-se na Imprensa. Havia os jornais que defendiam a bandeira do Partido Conservador e aqueles que defendiam o Partido Liberal, sendo a querela política outro fator de atrito entre os periódicos. Alguns jornais inclusive utilizavam-se dessa bandeira política para conseguir vantagens sobre outros jornais. Um exemplo dessas vantagens era a concessão da subvenção do governo ao jornal que defendia o partido da situação.

Entre os jornais que mais se empenhavam na defesa dos dois partidos temos o jornal *Reforma Liberal*, *Cinco de Janeiro* e o *Argos*, pelo Partido Liberal, e pelo outro lado, o *Jornal do Amazonas*, *Rio Branco* e o *Correio de Manáos*, todos pelo Partido Conservador. O caso do jornal *Amazonas* era diferente dos outros jornais, pois estes adotaram apenas uma trajetória política, enquanto o *Amazonas* mudou de alinhamento político com o passar dos anos; primeiramente, defendia o partido conservador e, após 1873, passou a adotar as ideias do Partido Liberal, como explicaremos mais detalhadamente no tópico a seguir. Os discursos destes jornais eram sempre em defesa do partido que apoiavam e contrários aos jornais do partido oposto. Como publicou o *Jornal do Amazonas* em relação ao *Amazonas*, depois da apuração das eleições:

Consummatum est – E'a apigraphe com que o *Amazonas* verte sobre o partido conservador o fel do seo desapontamento pela apuração que fez a câmara municipal do quatriennio findo dos votos desta parochi e de

¹⁴⁸ *O Aristarcho*, nº 2. Manaus, 3 mar.1884.

Tauapessassú, para vereadores do município. (...) Não pode ser; há aqui uma alucinação da gente da *maniva*: a derrota eleitoras alluiu-lhes a razão, e eis ahi a dizerem cousas a esmo e que ninguém compreende. (...) Já não julgará preciso cobrir ao menos os seus embustes e calumnias com as apparencias illusorias da verdade?(...) Entre nós e o *Amazonas*, isto é entre os conservadores e o partido liberal *maniveiro* há um intermediário para julgar, e este é o publico, que quer a discussão e não os insultos para dar o seu *veredictum*.¹⁴⁹

Em contrapartida, o *Amazonas*, órgão do Partido Liberal, rebatia as acusações do *Jornal Amazonas*, órgão do Partido Conservador, por haver publicado um artigo saudando a subida dos liberais ao poder, em 1878:

O 5 de janeiro. E' uma data tristemente celebre que o paiz terá de registrar nos fastos da sua vida publica_! Eis as palavras do editorial com que o *orgam* da opposição saudou o primeiro anniversario da gloriosa ascensão do partido liberal ás ameias do poder. (...) durante dous lustros as arcas do thesouro se encheram com o producto de impostos vexatórios e eram em continenti esvasiadas nas algibeiras dos coryphes do poder, e por isso vos tínheis habituado á julgar esta província como propriedade vossa, de que leis dispondo á vossa vontade decretando leis escandalosas em favor de parasitas políticos que sugavam em proveito próprio a seiva da província e depois de exaurida, etrophizadas, enervadas suas fontes de riqueza, a deixavam exanime e desacreditada em véspera de medonha bancarrota!¹⁵⁰

No panorama jornalístico da época, havia também aqueles jornais que criticavam tanto os liberais quanto os conservadores, que afirmavam não haver diferença entre os dois partidos. Como podemos ver da publicação a *Gazetinha* em um de seus números, afirmando que os dois partidos não passavam de “ambiciosos vulgares”, tendo em seu seio políticos sem caráter e que liam na mesma cartilha:

Ambiciosos Vulgares – Os partidos monarchicos no Brasil estão cheios de homens que se recommendam por seus talentos e mais ainda pela falta de carcter. Não serivis; porem ambiciosos...vulgares. Conservadores e liberaes lêem pela mesma cartilha, isto é : movem-se conforme toca-lhes com a varinha de condão o Cezar neto de Marcos Aurélio. As bandeiras que elles desfraldam estão estão esfarrabadas...são verdadeiros calhanaços, cujas divisas já não podem ser lidas; por isso confundem-se e dão lugar a qua dizer-te das fileiras do corcundismo.¹⁵¹

Interessante notar que as questões discutidas nas páginas dos jornais algumas vezes ultrapassavam os limites das tipografias. Entre os debates, as ofensas também se faziam presentes e muitas vezes eram dirigidas aos próprios trabalhadores da Imprensa, não apenas devido à sua atuação dentro do jornal como também no âmbito da vida pessoal. Aproveitavam um escândalo pessoal, principalmente dos donos dos jornais,

¹⁴⁹ *Jornal do Amazonas*, nº 478. Manaus, 5 ago. 1880.

¹⁵⁰ *Amazonas*, nº 225. Manaus, 10 jan. 1879.

¹⁵¹ *Gazetinha*, nº 5. Manaus, 19 out. 1885.

para fazer o julgamento que lhes era conveniente. Conveniente destacar que esse tipo de postura assumida pelos jornais, de desferir ataques a outros órgãos, inseria-se em um quadro mais amplo de sociabilidade, tendo os jornalistas e proprietários como atores de um teatro encenado na vida pública, relacionando o surgimento da imprensa com o estabelecimento da opinião pública¹⁵². Dessa forma, essas atitudes também tornavam-se estratégias para conseguir distinção social. Como afirma Barbosa:

Presentes na arena política, esses periódicos efêmeros ou duradouros encenam suas batalhas verbais numa espécie de palco, no qual os personagens situados em campos opostos se movimentam. O jornalismo se transforma num teatro performático, no qual os temas da atualidade são discutidos e debatidos entre os periódicos. Dessa forma, os responsáveis pelas publicações alcançam a notoriedade que o domínio das artimanhas letradas produz.¹⁵³

Podemos citar como exemplo dessas contendas o fato ocorrido com o bacharel Alfredo Sergio Ferreira, dono do jornal *Correio de Manáos*, que envolveu-se em uma desavença com José Antonio da Costa, um comerciante da cidade de Manaus. Segundo o relato do comerciante, este estava em seu comércio conversando com um amigo, que lhe apresentava um número de um pasquim chamado *morcego*, que fazia críticas à sua esposa e cujo responsável pelo pasquim seria Alfredo Sergio Ferreira. Nesse momento, Alfredo adentrou no comércio e, ouvindo as ofensas, foi chamado a um confronto pelo amigo do comerciante. Alfredo teria se retirado e voltado mais tarde, dessa vez atirando objetos na casa do comerciante e desferindo palavras impróprias contra sua família. A contenda entre o comerciante e Alfredo Sergio foi alvo de inquérito policial e posteriormente de uma ação judicial, sendo Alfredo Sergio condenado à prisão¹⁵⁴. O jornal *O Catechista* saiu em favor do comerciante atacando Alfredo Sérgio; este, porém, foi defendido pelo *Commercio do Amazonas e Reforma Liberal*. *O Catechista* dizia que Alfredo era tudo, menos *homem de bem*, acusando-o inclusive de defloração de uma órfã. E quando foi noticiado que o mesmo seguiria para o Maranhão, o *Catechista* simplesmente desejou que *Deos o conserve por lá para descanço dos habitantes desta cidade*.¹⁵⁵

As opiniões e críticas feitas pelos jornais ao governo, a pessoas públicas e a eles próprios, apresentam uma aparente liberdade ao expressar sua opinião. Ao ler os jornais do período provincial, criamos a impressão de uma certa familiaridade com a sociedade,

¹⁵² BARBOSA, Op. Cit. 2010, p. 49.

¹⁵³ Ibidem.

¹⁵⁴ *O Catechista*, nº 423. Manaus, 15 jan. 1870.

¹⁵⁵ *O Catechista*, nº 429. Manaus, 26 fev. 1870.

passada por pessoas que aparentemente não se amedrontavam diante do poder. No entanto, ainda que as críticas fossem constantes a quem quer que fosse, os jornais desse período amargaram duras conseqüências por conta de suas publicações, principalmente aqueles que se comportavam como oposição ao governo quando a crítica era direcionada a ele. Podemos citar alguns casos de represálias que foram noticiados nos próprios jornais.

Em seu número 58, o jornal *A Província do Amazonas* descreveu a tentativa de assassinato sofrida por seu dono, José Paraguassú, que conquistou inimizades por ter tomado posição a favor do médico, e sendo, por isso, vítima de uma tentativa de assassinato. O criminoso delatou o mandante do crime, o bacharel José T. C. M. S, que se tratava de alguém de prestígio na sociedade, de acordo com o jornal. Importante, neste caso, é destacar que o mesmo jornal dedicou-se em números anteriores em fazer a defesa do médico homeopata Cesáreo Salinas, que foi julgado por exercer esse ramo da medicina, o que causou desafetos contra o jornal. Paraguassú, além de ter sofrido atentado, supostamente causado pela defesa que fez ao médico Salinas, foi obrigado a realizar um exame de sanidade. O jornal perguntava em suas páginas o porquê desse exame.¹⁵⁶

O *Jornal do Amazonas* descreveu com indignação a prisão de seu dono, Antonio Fernandes Bugalho, por ter sido publicada no jornal uma denúncia que acusava o presidente da Província de ter alterado a lei do orçamento. O autor do artigo afirma que a prisão tinha sido arbitrária, que o Sr. Bugalho era somente o dono, e que primeiramente deveria ter sido indiciado o impressor, depois o autor e o vendedor, ou seja, essas pessoas, inclusive o vendedor, deveriam ser responsabilizadas pela publicação contra o governo e não o proprietário. Após dezoito dias de prisão e ter procurado outro juiz, o Sr. Bugalho foi solto.

Outro proprietário de jornal preso foi Antonio da Cunha Mendes, dono do jornal *Amazonas*. Mendes foi preso por dois meses por causa de uma publicação ocorrida no *Jornal do Norte*, que também era impresso em sua tipografia, e como o impressor do jornal citado estava fora da cidade, prenderam o dono da tipografia.¹⁵⁷ Esses casos nos revelam que diversos donos de jornais foram presos pela veiculação de artigos em seus periódicos, principalmente quando ocorria uma publicação contrária aos interesses de pessoas influentes na cidade.

¹⁵⁶ *A Província do Amazonas*, nº 58. Manaus, 29 fev. 1888.

¹⁵⁷ *Amazonas*, nº 371. Manaus, 2 out. 1871.

Outro caso ocorrido envolveu o chefe de polícia Augusto Fonseca, que sempre tinha seu nome estampado nas páginas dos jornais devido às ameaças que fazia aos trabalhadores da imprensa, chegando inclusive a mover um processo contra os responsáveis pelo *Jornal do Rio Negro*, pelo crime de injúrias impressas. Os redatores foram instados a comparecer à Câmara Municipal para responder pelos escritos. No entanto, o local da audiência foi mudado para a casa do Juiz, o que causou a revolta dos redatores, que disseram que não compareceriam, pois havia uma casa destinada para tal fim. O caso não seguiu adiante. O *Jornal do Rio Negro* respondeu que não iria se acovardar diante de tal fato, e denunciaria o que fosse preciso.

O Sr. Dr. Augusto Elyσιο de Castro Fonseca, chefe de policia interino desta provincia quer abafar a imprensa para não ver estampados e exibidos a luz do dia os seus actos de magistrado prevaricador. A opinião publica, poderosa e forte, que o contempla com repugnância, e ao mesmo tempo com dó e compaixão por vel-o tão arrogante e impávido fazer patente sua nescidade, sua ignorância crassa, e sua prevaricação, já em sentenças e despachos, e já nessa queixa portentosa por crime de injuria, onde *photographou-se!* Exibiremos ao publico essas sentenças e despachos, esses monumentos erguidos nos cartórios contra os Amorim, os Pão Brazil, os Pinheiros, os Bentes, (e este foi mistificado) os Passos e a massa fallida de Boaventura Ferreira Pinheiro! O Sr. Dr. Augusto Elyσιο de Castro Fonseca, fique certo que não abafará as vozes poderosas da imprensa.¹⁵⁸

Dessa forma, os longos artigos que traziam em suas linhas os debates políticos, as querelas entre aqueles que lidavam com a Imprensa e até mesmo a censura sofrida por estes, foram características marcantes dessas primeiras décadas de Imprensa no Amazonas.

Já a partir de 1880, sentindo as mudanças dos novos tempos, com a expansão da exportação da borracha, com a aceleração do processo de urbanização da cidade de Manaus, os jornais também passaram a apresentar novas configurações. Os extensos artigos de opinião vão sendo gradualmente substituídos pelos pequenos textos e por novos tipos de publicações em seu interior, como receitas, anedotas, dentre outros. Cabe lembrar que essa mudança não foi drástica, ela foi acontecendo aos poucos¹⁵⁹. Os formatos ganharam novos tamanhos, as colunas ganharam novos conteúdos. Os jornais passaram a apresentar grande formato, com muitas colunas, muitos artigos e principalmente, muita propaganda. O número de correspondentes multiplicou-se, cada

¹⁵⁸ *Jornal do Rio Negro*, nº 97. Manaus, 23 out. 1867.

¹⁵⁹ Marialva Barbosa em seu livro *História Cultural da Imprensa* afirmou que precisamos romper com essas generalizações sobre a História da Imprensa, sendo uma delas a visão de que antes de 1880 só existia o jornalismo de opinião ao passo que depois desse período predominou a imprensa noticiosa e de informação. BARBOSA, Op. Cit., p. 61.

jornal contava a partir de então com vários. Intensificou-se o número de jornais que surgiam a cada ano. Esse período, marcado pelo aumento da cotação da borracha no mercado, vai se caracterizando como uma nova fase do jornalismo amazonense, mas ainda guardando fortemente as marcas do jornalismo de outrora, principalmente no que se refere às velhas desavenças e às críticas ao governo permaneceram e até de certa forma, acentuaram-se.

Ao analisar os jornais do período provincial, concluímos que a complexidade e a riqueza das publicações sempre estiveram presentes nestes jornais. Apesar da difícil tarefa de caracterizar um grande número de periódicos, podemos destacar alguns pontos em comum. Apesar da censura sofrida e dificuldades financeiras e sociais, os jornais conseguiram estabelecer-se como eficiente meio de comunicação.

2.2.1. OS JORNAIS DA CIDADE E O INTERIOR DA PROVÍNCIA.

Os jornais da época provincial publicados na capital dão conta, em grande medida, dos problemas ocorridos no interior desse grande Amazonas. Em suas páginas, vemos desfilar cartas dos moradores fazendo denúncias sobre disputas de terras, conflitos com indígenas, crimes, etc.

De acordo com Leal¹⁶⁰, os conflitos na área do rio Madeira existiam e eram oriundos, principalmente, de disputas pela terra, fato que se dava entre os próprios seringalistas. Esses conflitos materializavam-se nas páginas dos jornais. Assim, um tipo de publicação, comum na época, eram os anúncios de pessoas que afirmavam serem donas de lotes de terra e que as mesmas lhes foram doadas pelas autoridades provinciais. Tal postura confirma que a disputa pela terra existia e que publicar no jornal ajudava a demarcar o território.

Annuncios – o abaixo assignado, faz sciente ao publico desta capital, especialmente aos habitantes do rio Madeira, que por titulo de 25 de abril p.p., sérvio-se o exm. Sr. vice-presidente da província, conceder-lhe meia légua de terra em quadro, a margem esquerda do referido rio, ao lado também esquerdo do largo-Jacaré- na zona compreendida entre o igarapé- Palhal e o igarapé dos pássaros – ficando assim a sua posse legitimada, de

¹⁶⁰ LEAL, Davi Avelino. *Entre Barracões, Varadouros e Tapiris: os seringueiros e as relações de poder nos seringais do Rio Madeira*. Dissertação de Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia. Manaus: UFAM, 2007.

conformidade com aviso do ministério da agricultura, commercio e obras publicas de 5 de janeiro de 1865. José Antonio Rodrigues de Araújo.¹⁶¹

Os crimes também se faziam presentes nessas publicações, por vezes eram atos cometidos por moradores da região, e, em outros casos, eram cometidos pelos povos indígenas, o que ajudou a consolidar a imagem negativa veiculada pelos jornais sobre as tribos indígenas. Os assassinatos eram sempre contados com requinte de crueldade, o que sugere que a região era dominada pela violência, de acordo com o tom sensacionalista do jornalismo do período. Neste número do jornal *A Província do Amazonas*, foi noticiada uma carnificina ocorrida no rio Jamary.

Scenas de Sangue – O vapor “Pará”, hontem ancorado no porto desta cidade, foi portador da noticia de uma terrível carnificina no rio Jamary. Antonio Duarte de Albuquerque é o autor d’essa nova tragédia cujo palco foi o lugar Monte-Christo n’aquele rio. O autor do assassinato ou mandante, é sócio da firma commercial do rio Madeira, José da Silveira Dutra&C., aviados dos srs. A. Berneaud &C. E’provavel que o numero de victimas seja maior, pois erão quinze os tripulantes da canoa, que fei por aquelle mavado atacada, e na confusão natural em taes emergências, desencaminharam-se uns dos outros, não sabendo os quatro que trouxeram a triste noticia, o paradeiro de seus companheiros.¹⁶²

Sobre uma matança no rio Purus, realizada por indígenas, supostamente da nação Jumas, o jornal *Correio de Manaós* descreveu com requintes de crueldade o acontecimento, onde um comerciante e a mulher, com quem o mesmo vivia, foram atacados por índios, degolados e tiveram seus crânios levados como troféu.

Os lamentáveis factos do Purus. – A dolorosa scena que nos apresentão as noticias trazidas dos Purus, do lugar denominado Tiuyã, o espectáculo medonho que se nos offerece com a exposição dos *tropheos* d’ uma horda antropophaga de bravios índios que percorrem aquellas regiões, merece-nos toda a consideração e reclamão do Governo da Província efficaz medida, a mais justa satisfação d’um grande attentado de brutos sentimentos. (..)

No dia 2 do mez passado as 8 horas da manhã o negociante portuguez Cezario José de Mesquita e uma infeliz mulher com quem elle vivia, de nome Emiliana de Freitas, forão em sua barraca no lugar denominado Tiuyã nos Purus, surprehendidos por índios bravios que se suppões ser da nação – Jumas...Depois de tenaz resistência por parte do desventurado Mesquita que recebeu delles diversos golpes de flexa e exausto cahindo por terra foi por elles assassinado a cutiladas. Não satisfeitos os gentios e enquanto se passava essa scena dolorosa com o infeliz Mesquita, a sua pobre companheira servia de presa aos outros, os quaes todos perseguidos pelos moradores das visinhas

¹⁶¹ *Amazonas*, nº 230. Manaus, 21 maio 1870.

¹⁶² *A Província do Amazonas*, nº 47. Manaus, 29 jan, 1888.

barracas, posarão-se em fuga e como lhes fosse impossível arrastar os corpos, degolarão-os levando os craneos como tropeços de tão sanguinolento e bruto sentimento.¹⁶³

Esses crimes eram descritos nos jornais sem a apresentação de suas causas, demonstrando que a imagem que deveria ser veiculada era a dos índios como seres brutos, selvagens e perigosos que aterrorizavam a região. Quando, na verdade, quem estava invadindo esses espaços eram os descendentes de portugueses, ávidos pelo lucro que esta terra lhes poderia oferecer.

Os periódicos denunciavam o descaso das autoridades com o interior da província, retratada em suas páginas, se constituía como uma região violenta e esquecida, onde os crimes frequentemente ficavam impunes. *O Corneta* traz à tona em suas páginas um pouco sobre essa situação vivida no rio Madeira, notícias ruins trazidas pelos vapores, que acabavam deixando a população da região com medo e distante do poder público.

Mortes – No Rio Jamary, affluente do Madeira, acaba de ter logar um scena de sangue. O Rio Madeira, outr'ora tão pacifico, tem nestes últimos tempos de tal modo se barbarizado, que todos os vapores que de lá chegam são portadores de mais um attentado contra a vida de alguns de seus habitantes. A justiça publica pouco ou nada tem feito no sentido de capturar os criminosos que todos os dias praticam actos bárbaros e despóticas. Quatro existências sucumbiram nas mãos sanguinolentas dos atrevidos picarios, cinco indivíduos acham-se em perigo de vida, a população está horrorizada por tão medonho espectáculo, as famílias sem garantias na honestidade de seus lares, tudo isto, comente devido a nenhuma importância que liga o governo monarchico em defender as vidas de seus subditos.¹⁶⁴

O diálogo entre a Imprensa da cidade com o interior se dava através das cartas enviadas por seus habitantes, que eram conscientes do poder de difusão da Imprensa. Essa população, amedrontada, que vivia distante, passou a ver na imprensa da capital a saída para tornar público seus lamentos e pedidos de socorro, o que explica a relação entre esses jornais e o interior da província. Como afirmou *O Catechista*:

Madeira – Como disse já é mais que tempo de levantar o véo que cobre tantos abusos e a imprinsa(*sic*) é o meio mais fácil e certo para por ao conhecimento das authorities e do publico os maos hábitos, os desmandos, abusos e crimes que por aqui diariamente se commette.¹⁶⁵

¹⁶³ *Correio de Manáos*, nº 10. Manaus, 8 out. 1869. Suplemento.

¹⁶⁴ *O Corneta*, nº 4. Manaus, 2 fev. 1888. Suplemento.

¹⁶⁵ *O Catechista*, nº 429. Manaus, 26 fev. 1870.

Os jornais também correspondiam a essa participação dos habitantes do interior ao dar espaço, entre seus artigos, para as cartas destes leitores e exibiam interesse em manter assinantes nessas regiões. Em um de seus números, o *Jornal do Amazonas* informa que adiantou sua publicação em dois dias para aproveitar a saída do vapor Purus, e assim servir aos assinantes daquele rio.¹⁶⁶ Em outro número, na publicação de uma carta, o autor afirma que o *Jornal do Amazonas* é lido com satisfação e contava com um grande número de assinantes.¹⁶⁷

Portanto, essa ligação entre os jornais da capital e o interior do estado como forma de comunicação para se inteirar das notícias, uma vez que estavam distantes, e para denunciar os crimes e desmandos que ocorriam nessa região, também pode ser apontada como uma relevante característica da Imprensa do período provincial, uma vez que estava presente em grande parte dos jornais.

2.3 – EM CENA O AMAZONAS

O primeiro jornal publicado no Amazonas, o *Cinco de Setembro*, posteriormente denominado *Estrella do Amazonas*, iniciou suas atividades dentro do jornalismo amazonense em 1851 e encerrou as mesmas no ano de 1866, completando uma trajetória de 15 anos de publicação. Sua tipografia, que até então pertencia ao precursor do jornalismo no Amazonas, Manoel da Silva Ramos, foi arrematada por Antonio da Cunha Mendes, um cidadão português, tipógrafo e dono de um jornal no Pará que já havia encerrado suas atividades. Mendes, de posse do novo bem adquirido e com as propriedades de seu antigo jornal em Santarém, deu prosseguimento às atividades desenvolvidas pela tipografia do *Estrella do Amazonas*, iniciando assim, a publicação do jornal *Amazonas*.¹⁶⁸

O jornal *Amazonas* foi um dos jornais de maior circulação na segunda metade do século XIX e início do século XX, na província do Amazonas. Seu período de publicação foi longo, compreendido entre os anos de 1866 a 1921, o que significou dizer que ele acompanhou as diversas transformações físicas e sociais pelas quais passou a cidade de Manaus. Uma vez por semana, o *Amazonas*, como era escrito nos

¹⁶⁶ *Jornal do Amazonas*, nº 223. Manaus, 24 jan. 1878.

¹⁶⁷ *Jornal do Amazonas*, nº 877. Manaus, 13 dez. 1883.

¹⁶⁸ FARIA E SOUZA, Op. Cit., p. 79-105

primeiros dois anos, era editado e publicado na rua cinco de setembro, nº 4, em Manaus, na tipografia *Monarchista*, mesmo nome do jornal publicado por Antonio Mendes na cidade de Santarém. Em seu primeiro número, do dia 6 de julho de 1866, escreve como apresentação:

Comessando hoje a nossa vida jornalística, hemos de dever diser ao que nos propomos, qual é o nosso fim, temos de faser o nosso programa. Vamos pois formula-lo, não como programa ministerial, cheio de theorias e promessas, promessas e theorias que o povo aplaude hoje, espera ver realizadas amanhã, e convence-se alfim que tudo não passa de bellas palavras sem realidade de expressão. Não se diga isso de nós, eis o que offerecemos, julguem-nos os imparciais. (...)
Tal é em resumo o programa do nosso jornal, de cujas columnas baniremos as questões políticas e os artigos sobre vidas privadas, os quaes não serão admitidos.¹⁶⁹

Prometia tratar, com imparcialidade, dos assuntos da província em prol de seu desenvolvimento e progresso, principalmente em relação ao comércio do Pará. Também afirmava que iria abster-se de comentar assuntos políticos em suas colunas, não tomando, dessa forma, nenhum posicionamento a favor deste ou daquele partido, o que percebemos que, na verdade, não aconteceu. Em seus primeiros anos, o jornal era redigido pelo chefe de polícia Dr. José Maria de Albuquerque Mello e pelo professor público Bento Aranha e dirigido pelo proprietário do *Amazonas*, Antonio da Cunha Mendes.¹⁷⁰

Em seu primeiro ano de circulação assinou um contrato com o governo da província para publicação dos atos governamentais. Assim, grande parte de seu editorial, em média duas de suas quatro páginas, era ocupado pela parte oficial, onde eram publicados os expedientes do governo, entre eles os despachos, os relatórios, portarias, orçamentos, requerimentos e outros. Além dos atos governamentais, chegou a publicar também o expediente da Assembléia Legislativa e os Editais do Governo.

A divulgação dos atos oficiais do governo ocupou espaço nas publicações do *Amazonas* durante um bom tempo, o que fez com que o mesmo fosse visto por outros jornais da época como órgão oficial, sendo que, algumas vezes o próprio jornal, quando lhe era conveniente, encarregava-se de consolidar tal visão. A título de exemplo, em seu número 48, do dia 1º de maio de 1867, apresentou como subtítulo Órgão Oficial. Porém, essa publicação, que tornava evidente a ligação entre o jornal e o governo, não permaneceu, pois no número seguinte retirou o subtítulo, deixando um recado onde

¹⁶⁹ *Apud* FARIA E SOUZA, Op. Cit., p. 79-80.

¹⁷⁰ *Ibid.*

avisava que o vice-presidente havia achado prudente retirar a denominação. Então, o jornal tratou de avisar que sua relação com o governo se dava apenas através da publicação da parte oficial e que o mesmo nada tinha a ver com a redação de sua folha. Como declara em seu noticiário:

Declaração – em virtude de contracto, que assignamos com o governo da província entendemos dever declara o nosso jornal –Orgam Official -; porem s. ex. o Sr. vice-presidente achou prudente mandar retirar tal declaração, o que fizemos nas conveniências do serviço official que nenhuma relação tem com a redação desta folha, e muito menos com os á pedido que nos são enviados; por tanto claro está que responsabilidade alguma tem o governo com a economia e direcção da folha na parte não official.¹⁷¹

Em outro número, provavelmente incomodado com a pecha de órgão oficial declara que além de não existir influência do governo sobre suas publicações:

Para evitar duvidas – declaramos a quem quizer ou tiver interesse, que o nosso jornal não é official, como alguém intende. Publica os actos officiaes do governo da província, por virtude de um contracto assignado sem outras disposições que não sejam relativas á este ramos de serviço publico. S. Ex. o Sr. General Presidente da Província em nada influe na redação de nossa folha(...).¹⁷²

Mas, apesar do discurso veiculado pelo periódico de neutralidade e distância em relação ao governo, observamos que nessa primeira fase do jornal, que vai desde sua criação, em 1866 até 1872, foram recorrentes os artigos que defendiam ou exaltavam o presidente em exercício e outras pessoas a ele ligadas. Esses artigos, por vezes, eram de autoria de grupos que queriam manifestar agradecimentos ao presidente e em outras, eram os próprios redatores do Amazonas os autores desses escritos, muitas vezes para defender o presidente de supostos ataques de outros jornais ou de pessoas públicas. Como podemos ver na publicação abaixo, onde o Amazonas criticava o *Catechista*, por fazer críticas “infundadas” ao presidente:

Deixemos porem o Catechista em seu pueris delírios, e vamos considerar ligeiramente uma de suas sabbatinas com que começa a fazer opposição ao exm. Sr. Dr. Jacintho Pereira do Rego.

Principiou o Catechista a ferir s. ex. pelo facto da ultima proposta e nomeação de officiaes da guarda nacional, mas o fez em terreno tão falseado, que não descobrimos no seu debut opposicionista matéria digna de lhe sairmos ao encalço(...)

O exm. Sr. Dr. Pereira do Rego, que se há conservado na altura de sua posição, e alheio as pequeninas paixões individuais e partidárias, não carece

¹⁷¹ *Amazonas*, Manaus, 8 maio 1867.

¹⁷² *Amazonas*, nº 384. Manaus, 22 nov. 1871.

de nossa rude penna para justificar seus actos.(...) Honesto e justiceiro, como é s. ex., jamais podia determinar tal seqüestro.¹⁷³

Dentre as manifestações de agradecimento ao Presidente da Província, frequentemente publicadas nas páginas do *Amazonas*, podemos citar como exemplo uma declaração da Câmara Municipal de Tefé, em nome de seus habitantes:

Felicitação – Illm. E Exm. Sr. – A câmara municipal da cidade de Teffé nos há encarregado de em seu nome e no de seus muncípes, felicitar a v. ex. por sua bem merecida nomeação de presidente desta província, em cujo exercício tem v. ex. manifestado não somente elevada ilustração, mas também muito zelo e boa vontade de promover todos os melhoramentos de que carece esta nova província.¹⁷⁴

Além de assumir o papel de defensor e divulgador de saudações ao presidente e a outras pessoas ligadas ao governo, o jornal também atuava como crítico da oposição e, por sua vez, do partido oposicionista, que no período entre 1868 a 1878, era o Partido Liberal. Assim, todos os jornais ligados à oposição também se tornaram alvos de crítica do jornal *Amazonas*. Nesse período em particular, temos o jornal *O Cathequista* e o *Reforma Liberal* como órgãos de oposição, sendo que este último representava o Partido Liberal. O *Amazonas* rivalizava com estes jornais e freqüentemente respondia a seus artigos de forma clara e aberta, deixando clara sua opinião sobre esses periódicos e sobre a oposição que faziam, como podemos ver:

Communicado – silenciosos temos deixado correr mundo todas as provocações, as acusações infundadas dirigidas á presidência, as calumnias nojentas contra os que não commugam nos banquetes dos liberaes desta terra, que atacando os que julgam seus adversários de uma maneira insólita, só encontram motivos de louvor nos seus apasiguados, ainda que sejam muito conhecidos e perfeitamente estragado.

Oposição sem motivo, sem ter uma razão de ser, por certo que não é uma política, salvo se for a política do desorganismo, aspirando o descalabro das instituições, tendo por fim o assalto das posições officiaes, e por base o despeito infundado e o orgulho offendido.

Oposição sem imprensa moralisada, querendo levar de vencida aquelles de quem se diz adversário, por meio do ridículo ou da calumnia, é miséria, e só pode admittir-se no estado infeliz á que temos chegado, que o jornalismo não se respeita, consituindo-se os redactores em verdadeiros energúmenos, de um partido sem força, sem apoio na opinião publica, sem saber qual o ponto de partida de suas ideias, sem poder dizer o fim a que se dirige! E é isto que temos, o que vemos na Província!¹⁷⁵

Dessa forma, podemos observar que, apesar de o jornal *Amazonas* não explicitar sua relação com o partido conservador e com o governo, algumas de suas publicações deixavam claro que havia uma ligação estreita entre ambos. Ao defender a

¹⁷³ *Amazonas*, nº 102. Manaus, 16 maio 1868.

¹⁷⁴ *Amazonas*, nº 88. Manaus, 6 fevereiro 1868.

¹⁷⁵ *Amazonas*, nº 368. Manaus, 10 set. 1871.

administração do Partido Conservador e ao atacar a oposição, que nesse momento se fazia através do Partido Liberal e de sua imprensa, ou até mesmo no fato de manter em alguns de seus números uma coluna intitulada *Página Conservadora*, na qual diversas vezes chegou a defender o partido dos conservadores, podemos concluir que, nesse primeiro momento, o Amazonas era um jornal atrelado ao governo e simpatizante do partido dos conservadores. Seu dono era um homem de ideias conservadoras, como afirmavam seus redatores:

O Sr. Mendes não só em Santarém como nesta província se há mostrado digno e admirado pelas idéias conservadoras.
Nós filhos da verdadeira liberdade da imprensa não podemos em auzencia d'aquelle prosélito ficar impacivel, porque sempre o acompanhamos em suas idéias políticas.¹⁷⁶

Apesar de a parte oficial ocupar uma grande parte do jornal, o *Amazonas* também trazia, nesses primeiros anos de vida, outros tipos de publicações, como a literatura, que esteve presente desde a sua fundação, através de poesias e romances. Bento Aranha era um dos autores mais constantes, tanto que utilizando o pseudônimo de Baré Manau, escreveu o primeiro folhetim do jornal *Amazonas*, cujo título era *Original do Amazonas* e foi publicado no ano de 1866.

Esse folhetim não era semelhante aos folhetins veiculados na maior parte dos jornais do Brasil e da Europa, onde as histórias, que se sucediam número após número, criavam um enredo que prendia a atenção do leitor. O primeiro folhetim do *Amazonas* foi chamado pelo jornal de “folhetim noticioso”, pois não apresentava uma história de romance, mas sim relatos e críticas de alguns episódios esporádicos que aconteciam na cidade. Por exemplo, o autor escreve sobre a falta que faz um teatro na cidade, sobre um incêndio ocorrido, alertando para a falta de uma bomba para apagar incêndios. Escreve inclusive sobre a falta de assuntos para escrever o folhetim. A partir de então, o folhetim passou a ser constante no jornal, sendo algumas vezes de autores estrangeiros como, por exemplo, no ano de 1870, em que o *Amazonas* publicou em vários números o folhetim “O Homem que Ri”, de Victor Hugo, célebre escritor francês.

Outra coluna que compunha o jornal era o Noticiário que, na maior parte das vezes, versava sobre notas mais formais, notícias de repartições, chegada e partida de navios, falecimento de pessoas notáveis, transcrições de outros jornais do país, etc. A partir de 1867, apresentou uma coluna intitulada *Revista Mensal*, cujo objetivo era relatar um resumo dos fatos mais importantes do mês na província. A partir de 1869,

¹⁷⁶ *Amazonas*, nº 255. Manaus, 20 ago. 1870.

passou a apresentar uma coluna chamada *A Gazetilha*, que também visava a apresentar notícias diversas sobre a província.

Os anúncios ocupavam, nesses primeiros anos de publicação, uma parte razoavelmente pequena do jornal, geralmente metade de sua quarta página. Eram publicados anúncios pequenos das sociedades comerciais apresentando seus produtos, também de pessoas que queriam fazer comunicados à população em geral, recados das sociedades formadas na cidade, aluguel e venda de casas, dentre outros anúncios.

No ano de 1867, a partir de seu número 43, o Jornal *Amazonas* fundiu-se com o jornal *A Voz do Amazonas*, de propriedade de João Marcelino Pao Brazil, jornal que possuía apenas um ano de publicação. Diante de tal fato, o *Amazonas* avisava que os assinantes do outro jornal também seriam considerados seus assinantes e que, a partir de então, seria obrigado a aumentar o valor das publicações.

O Editor do Amazonas ao publico – tendo nós reunido á nossa a typographia da Voz do Amazonas, deliberamos refundir este com o nosso jornal; por tanto esperamos a protecção de todos, que são amantes do progresso e das luzes contra as trevas, afim de podermos dar cumprimento a onerosos compromissos que assignamos, no louvável empenho de bem servir á província, ao commercio, e ao respeitável publico; consequentemente o presente numero é distribuído pelos srs. assignantes daquela folha, que o não eram da nossa, e como taes ficam considerados, salvo se o devolverem com sua declaração.¹⁷⁷

A partir do dia 1 de janeiro de 1873, o *Amazonas* passou a ser publicado diariamente e, por isso, começou a adotar o nome de *Diário do Amazonas*¹⁷⁸. Segundo o jornal, continuaria a apresentar a mesma linha de publicação, apenas diferenciando-se pelo nome. Em setembro do mesmo ano, Antonio da Cunha Mendes, vendeu a tipografia a José Carneiro dos Santos, iniciando assim, uma nova fase para o jornal, que voltou a adotar o título de *Amazonas* no ano seguinte. A partir de então, passou a ser publicado três vezes por semana.

No dia 13 de abril de 1874, o jornal rescindiu o contrato com o governo provincial para publicação dos atos oficiais, devido a uma querela com o governo. O *Amazonas* havia reprovado a decisão do governo de fundir a Companhia do Alto Amazonas e do *Amazonas Limited*. Dessa forma, esse rompimento com o governo e a supressão da parte oficial significou mudanças em seus conteúdos, pois outros tipos de publicações deveriam preencher o espaço que antes era ocupado pelos atos oficiais. O

¹⁷⁷ *Amazonas*, n° 43. Manaus, 4 abr. 1867.

¹⁷⁸ FARIA E SOUZA, Op. Cit., p. 86.

número de anúncios aumentou para duas de suas quatro páginas, o que significava também um aumento da rentabilidade obtida com os anúncios.

A partir de então, o *Amazonas* entrou em uma nova fase. Observamos mudanças tanto na diagramação, alguns artigos ficaram maiores e outros foram acrescentados, quanto na postura do jornal em relação à sociedade, especialmente nos assuntos que envolviam a política e a sociedade da província, demonstrando que suas conjecturas políticas não eram mais as mesmas.

Nesse momento, destacamos diversos artigos que fazem críticas aos presidentes provinciais e às pessoas a eles ligadas. Ou seja, após a quebra do contrato para publicação dos atos oficiais, percebemos que o jornal rompe com o governo, muda sua posição política e passa a fazer oposição ao presidente e a sua administração. Podemos observar isso em um artigo em que é descrita uma cena de um fato, considerado pelo jornal como um abuso de autoridade por parte do presidente. No relato desse artigo, um escravo que, tendo sido condenado pela justiça a fazer trabalhos, serve de empregado no palácio do presidente e, quando o referido escravo resolve deixar de fazer alguns serviços, é espancado em uma importante rua da cidade pelos guardas. O jornal cobra ao chefe de polícia providências em relação ao fato.

Scena de Escândalo – ante-hontem pelas 9 horas da manhã..rua desta capital, uma scena de escândalo que sobre maneira nos revoltou :

Um pobre africano, condemnado á prisão com trabalho, fasia o serviço do palácio do Sr. Monteiro Peixoto.

S. exc. Ordenou ao preso, que lhe fosse á padaria de Casemiro de tal buscar uma barrica com carvão, e aquelle repugnou este serviço; entretanto trasia a barrica ao hombro.

Na rua Brazileira entendeu, q'. sendo condemnado á trabalhos públicos, não tinha obrigação de servir de criado ao presidente da província, para quem todos os dias, nos parece carrega água e faz outros serviços, deixou a barrica de carvão no chão e declarou à escolta, que não ia para diante com semelhante carga, que lhe era muito pesada.

A escolta obriga-o á seguir e à carregar a barrica.

O preso obedece, não podendo resistir ao tiroteio de murro e espaedeiradas. (...)

Até é espaldeirado em pleno dia, na principal rua da cidade, um prezo condemnado à trabalhos públicos; que nenhuma obrigação tem de servir de criado ao Sr. Monteiro Peixoto ou á qualquer autoridade.

O Sr. doutor chefe de policia não terá até agora conhecimento deste facto? ¹⁷⁹

As críticas aos governos passaram a fazer parte do cotidiano do jornal *Amazonas*. Particularmente este jornal, fez dura oposição aos governos de Domingos Monteiro Peixoto, que governou entre 1872 a 1875, e ao governo de Jacy Monteiro, que governou

¹⁷⁹ *Amazonas*, nº 102. Manaus, 19 jun. 1872.

entre 1876 a 1877, como demonstra esse artigo no qual se critica o presidente pela sanção da lei do orçamento municipal:

Mais uma prova dá o bacharel Domingos Monteiro Peixoto de que o elevado cargo de presidente de província lhe é carga immensamente superior às suas forças.

Mais um desmentido apresenta S. Exc. aos elogios, que tece á si próprio nas suas gazetas, apellidando-se de exímio administrados, ilustrado, estadista abalisado, vista de águia, etc.

S. Exc. não conhece nem ao menos os seus deveres, sancionando, notai bem sancionando a lei do orçamento municipal!

É até onde pode chegar a ignorância de S. Exc., que, entretanto, não se envergonha de tecer e encommendar elogios á sua traslucada administração.¹⁸⁰

Em um artigo intitulado: “Nós e o presidente”, o jornal critica o presidente Jacy Monteiro pelos desmandos praticados em seu governo e denuncia a demissão de funcionários de repartições públicas. Cabe salientar que entre essas pessoas estavam algumas que faziam parte do círculo de amizade do jornal Amazonas:

Nos e o presidente da província – O Sr. Dr. Jacy não pára, não cança em seus desmandos.

A província dir-se-há entregue ao governo de um homem desasisado!

Em guerra aberta com toda a população da província, sem amigos e sem auxiliares, como já disse um correligionário de s. exc. Pelo jornal A Constituição do Pará, vai s. exc. Caminhando de desatinos em desatinos.

Para que o paiz todo conheça que não declamamos accusando o Sr. Dr. Domingos Jaci Monteiro, um presidente energúmeno, que esquecendo os seus deveres não duvida commeter as maiores violências para satisfazer seus caprichos.¹⁸¹

Relevante destacar que os presidentes, dessa fase em que o *Amazonas* passou a comportar-se como oposição, eram membros do partido conservador. E observamos que o jornal, nesse momento, passou a ser simpatizante do Partido Liberal. Constatamos tal fato através de publicações que elogiavam pessoas ligadas ao Partido Liberal e além disso, alguns membros desse partido passaram a colaborar com o jornal. Logo, se antes o Amazonas rivalizava com o *Reforma Liberal*, que era o órgão do Partido Liberal, a partir desse momento, passa a colaborar com suas ideias. Em uma de suas publicações saúda Antônio José Moreira, chefe do referido partido, quando este desembarcou na cidade no dia 16 de julho de 1876, no momento em que este era candidato a deputado pela província do Amazonas. No ano seguinte, transcreve de jornais de outras províncias alguns artigos extensos que lamentavam a súbita morte de Antonio Moreira. Com muito pesar, o artigo descreve a tristeza do Partido Liberal diante de tal fato.

¹⁸⁰ *Amazonas*, n° 105. Manaus, 26 jun. 1874.

¹⁸¹ *Amazonas*, n° 91. Manaus, 9 fev. 1877.

Cyclo doloroso é o que atravessa o partido liberal do Brazil.

A longa proscricção que o arreda do modo mais violento e inconstitucional da intervenção direta nos negócios do paiz, une-se a fatalidade cruel a golpear-lhe a alma.(..)

Com a morte do nosso illustre comprovinciano muito perderão a sciencia, a sociedade e o paiz, e muito também tem o partido liberal a lastimar, porque no Dr. Antonio Jose Moreira tinha um alliado dedicado até o extremo.¹⁸²

Outro ponto importante a ser destacado nesse momento é a ligação do jornal *Amazonas* com a Maçonaria. Relação esta que foi observada através dos artigos que defendiam a maçonaria, e também por meio de pessoas que trabalhavam no jornal e que participavam da maçonaria, como o secretário da loja Amazonas, Bento Aranha. Essa relação também podia ser percebida através de anúncios publicados em códigos da loja Maçônica. Exemplo dessa ligação entre o jornal e a maçonaria, podemos verificar na publicação do dia 8 de janeiro de 1875, que comenta uma querela do jornal *Amazonas* com o padre Pereira, onde este pregava em seus sermões que era contra as prostitutas e os maçons. Dizia o periódico que os maçons eram vítimas de conspiração.

Loja Esperança e porvir – no dia 24 do cadente esteve em exposição a loja Esperança e Porvir.

A maçonaria é incontestavelmente a primeira associação do Universo, e como n'ella se pratica especialmente a caridade, como o seu seio não se fecha, nem ao christão, nem ao protestante, nem ao atheu, nem ao mahometano, visto que as suas leis são essencialmente liberaes, soffre ella uma guerra cruenta, sem tréguas o dos doutores do erro, do apostolo das trevas, do jesuitismo emfim.¹⁸³

Este e outros artigos foram publicados em defesa da maçonaria e ao mesmo tempo atacavam a igreja católica, principalmente os jesuítas, chegando o periódico a transcrever, em seu número 181, sobre a querela envolvendo os jesuítas e maçons de Pernambuco e no número seguinte transcreveu o conseqüente banimento dos jesuítas da província de Pernambuco.

A Maçonaria foi uma das principais instituições que apoiaram a abolição dos escravos na província do Amazonas. Através dessa relação entre a maçonaria e o jornal *Amazonas*, percebemos que este também se posiciona a favor da libertação dos escravos antes mesmo de 1884, quando este fato se tornou realidade na província. Observamos que as publicações sobre escravidão não se restringiam a anúncios de compra e venda de escravos, mas o jornal também fazia denúncias de abusos por parte dos donos. Por exemplo, em um de seus números, alerta sobre a venda criminosa de um escravo, que já havia sido libertado em sua infância por sua dona:

¹⁸² *Amazonas*, n° 114. Manaus, 6 abr. 1877.

¹⁸³ *Amazonas*, n° 105. Manaus, 26 jun. 1874.

Venda criminosa – comunicam-nos

Pessoa respeitável nos assegura que foi ultimamente vendido por Domingas Maria de Souza á Joaquim Pereira da Silva Castro o escravo Dionísio, apesar de tel-o em sua infância libertado com a condição de servil-a durante sua existência.

No cartório do escrivão Figueira, segundo nos consta foi a carta de liberdade registrada, sendo uma das testemunhas o major Manoel Pereira dos Anjos.

Consignando este facto criminoso, deixamos que a autoridade competente tome delle conhecimento, lembrando mais ainda a circumstancia de ser há pouco Dionísio matriculado na escola nocturna do Bairro dos Remédios como *semi-livre*.¹⁸⁴

Além destas características referentes às relações que o jornal mantinha com a sociedade, cabe também mencionar as mudanças que o mesmo periódico sofreu em sua composição a partir de 1876. Suas matérias passaram a ser divididas novamente em 4 colunas, aumentando assim o espaço para as publicações. Nesse mesmo ano passa a publicar telegramas recebidos pela agência *Havas Reuter*, uma respeitável agência internacional de notícias que enviava informações diretamente para a imprensa do mundo inteiro, sendo, geralmente transcrições de outros periódicos, como do Diário de Pernambuco.

A partir de 1878, novas mudanças vieram: O editor passou a ser Roque M. Rosseau e a redação ficou a cargo de Bento Aranha e Francisco Bacury, e entre as mudanças materiais, seu tamanho foi ampliado, o que resultou num aumento significativo na quantidade de publicações. Outra mudança foi que, a partir daquele ano, o *Amazonas* voltou a publicar a parte oficial e a crônica oficial.

Neste mesmo ano, de 1878, O *Amazonas* se consolidou como órgão do Partido Liberal e como o governo havia passado para as mãos desse partido, o jornal novamente passou a comportar-se como folha oficial, entrando em confronto com os jornais que anteriormente se comportavam como oposicionistas, entre eles, o *Jornal do Amazonas*. Em resposta ao *Commercio do Amazonas*, afirmou:

Amazonas – Responderíamos o editorial do *Commercio do Amazonas* de hontem se não fosse o despeito que revela por sua linguagem desattenciosa á 1ª autoridade da província e á nós, adversários leaes do partido conservador quando na eminência do domínio do paiz e generosa hoje na sua queda vergonhosa.¹⁸⁵

Um dos aliados do jornal *Amazonas* foi o vice-presidente Guilherme Moreira, que governou no ano de 1878, figura bastante elogiada pelo jornal. Ao assumir a vice-presidência, o mesmo demitiu diversas pessoas aliadas ao antigo governo, entre eles o

¹⁸⁴ *Amazonas*. Manaus, 1876.

¹⁸⁵ *Amazonas*, nº 98. Manaus, 3 mar. 1878.

dono do *Jornal do Amazonas*, Ernesto Vieira, que ocupava o cargo de diretor de instrução pública. O *Amazonas* se empenhou então a defender o vice-presidente e a explicar os motivos das demissões que, de acordo com o jornal, foram justas.

Pelo que levamos dito se acha demonstrado à todas as luzes que as demissões dadas pelo exm. Sr. capitão Guilherme Moreira todas tiveram uma razão de ser, além da falta de confiança, que era sufficiente para justificar algumas dellas. Continuaremos em outro numero. ¹⁸⁶

Outro momento de mudanças visualizadas no jornal *Amazonas* ocorre a partir de 1880. Seu espaço foi ampliado e novas colunas surgiram, como a coluna “secção política”, da qual o Partido Liberal assumiu a autoria. Suas publicações que, aos poucos, foram deixando de apresentar os extensos artigos de opinião, e trazendo textos mais curtos e dinâmicos, e também uma grande quantidade de anúncios, passaram a ocupar ainda mais o espaço do jornal.

Figura 2:
Anúncio da Loja O Brinquinho



Fonte: *Amazonas*, nº 750. Manaus, 26 julho 1882.

Grandes anúncios de lojas que vendiam o que havia de mais moderno no mercado ocupavam uma página inteira, como o anúncio da loja Brinquinho (ver página anterior), que vendia diversos artigos vindos de países estrangeiros.

¹⁸⁶ *Amazonas*, nº 103. Manaus, 15 mar. 1878.

2.3. PELO *COMMERCIO DO AMAZONAS*

Outro jornal de grande circulação e influência na província do Amazonas, durante a segunda metade do século XIX, foi o *Commercio do Amazonas*. Seu período de existência foi duradouro, tendo sido publicado durante 35 anos, entre os anos de 1869 e 1904. De acordo com o Catálogo de Cem Anos de Imprensa¹⁸⁷, foi o primeiro jornal de publicação diária, o que representou um grande feito na Imprensa Amazonense, uma vez que esta ainda se estabelecia na sociedade. Em seus primeiros anos, entre 1869 e 1878, foi publicado todos os dias, e posteriormente três vezes por semana. Seu primeiro proprietário foi Gregório José de Moraes.

O jornal *Commercio do Amazonas* fazia parte de uma rede de comunicação que começava em outros lugares do país. Suas notícias vinham de longe, por meio de jornais provenientes de outras províncias e do exterior, que aqui chegavam através dos navios que aportavam na cidade. Figuravam em suas páginas informações oriundas de alguns dos principais jornais do país e da Europa, por exemplo, *o Paiz*, *o Correio Pernambucano*, *Jornal do Commercio*, *Jornal do Recife* e outros. Na maior parte das vezes, os artigos eram transcritos literalmente em suas colunas, por vezes trazendo descrição de fatos ou em outras, tecendo críticas ou comentários sobre determinadas pessoas ou instituições. Como na seguinte notícia transcrita e traduzida de um jornal inglês:

Triste acidente.- Lê-se no Western Morning news : Jane, Betiv e Margaret Reid eram filhas de um negociante de Kinross. Há dias passeavam as três irmãs pelas margens de um lago, perto de Lochleven (Escossia), acompanhadas de um lindo cão da Terra Nova. O animal andava correndo por cima do gelo, quando a cinquenta metros da margem submergio-se, esforçando-se em vão para ganhar a superfície do gelo. Então, uma das três irmãs, impellida por um movimento de piedade, foi em socorro do cão.¹⁸⁸

Barbosa observa que essa compilação de notícias, feita por diversos jornais, iniciou-se no início do século XIX, quando surgiram os primeiros jornais no Brasil. Criava-se um sistema de comunicação que percorria caminhos diversos e que tomava dimensões variadas, na medida em que a notícia original era remontada e reeditada diversas vezes.¹⁸⁹

¹⁸⁷ FREIRE, Op. Cit., p. 62-63.

¹⁸⁸ *Commercio do Amazonas*, n° 272. Manaus, 16 jul. 1870.

¹⁸⁹ BARBOSA, 2010.

O caminho começa no lugar de onde a informação provém. Dali dá voltas em diversos países e oficinas, transformando-se em impressos que são embarcados em navios que cruzam os oceanos. Desses navios seguem para outros países, onde em outras oficinas impressoras, ganham novas formas para, finalmente, serem impressos e distribuídos a milhares de quilômetros de distância de onde a notícia se origina.¹⁹⁰

Essa rede de comunicação, iniciada em jornais que traziam notícias vindas tanto de outras províncias como do exterior, demonstrava que esta região também recebia notícias que mantinham as pessoas daqui informadas sobre o que estava acontecendo em outras regiões e em outros países.

Por outro lado, enquanto algumas páginas do jornal eram ocupadas com notícias que vinham de fora, podemos perceber um reduzido número de notícias que abordavam o cotidiano da cidade. A cidade com seus pormenores praticamente não era visualizada na sessão *noticiário* do *Commercio do Amazonas* que, em geral, resumia-se às atividades comerciais, às atividades de arrematação, nos resumos das sociedades ilustres da cidade e atividades da Igreja. A presença das notícias corriqueiras e do dia a dia dos habitantes da cidade não eram práticas do jornalismo da época.

Entre as notícias que se referiam à cidade, podemos citar três que ocuparam várias edições do *Commercio do Amazonas*. A primeira notícia de grande relevância que destacamos foi a chegada dos voluntários da província que lutaram na Guerra do Paraguai. O jornal exaltou a chegada dos mesmos e fez diversos convites à população para comparecerem às homenagens que seriam realizadas no momento em que os voluntários chegassem. O acontecimento foi publicado como um dia marcante para a cidade, onde estiveram presentes as principais autoridades, uma grande parte da população e também representantes de diversos órgãos, inclusive alguns agentes da Imprensa.

Desembarque dos voluntários – Ante-hontem pleas 5 horas da tarde os voluntários amazonenses fizeram o seo desembarque á rampa da Imperatriz onde um grande concurso de povo de todas as classes os esperava. O povo havia-se apinhado por toda parte. O caes, as praças, as pontes e casas particulares achavam-se concurridas de uma maneira nunca vista : o entusiasmo era geral.¹⁹¹

Outra notícia de grande destaque para o jornal foi o choque entre dois vapores, o Arary e Purus, em uma área situada acima da costa do lago do Rei e próximo ao

¹⁹⁰ *Ibid.*, p. 28.

¹⁹¹ *Commercio do Amzonas*, nº 280. Manaus, 27 jul. 1870.

Puraquioara. Acidente ocorrido no dia 8 de julho de 1870, no qual morreram mais de cem pessoas e salvaram-se 71, representando uma grande catástrofe para a cidade.

Damos hoje notícia de um terrível e fatal acontecimento que tem constringido a toda a população desta cidade. Às 2 horas e 15 minutos da madrugada do dia 8 do corrente, deo-se o abalroamento entre os vapores nacionaes, o da Companhia do Amazonas – Arary e o da Companhia Fluvial do Amasonas(sic) – Purús.¹⁹²

O *Commercio do Amazonas* publicou, com grande consternação, diversas notícias sobre o acidente, estendendo-se por diversos números. Artigos que relataram o acontecimento em si, o socorro às vítimas, a lista de passageiros presentes nos navios, as prováveis causas do acidente e até o convite à missa realizada em memória dos que morreram.

Percebemos nestas notícias que relatam o acidente entre os dois navios, indícios de sensacionalismo na narrativa sobre o fato, presentes na medida em que a mesma possui verbos e substantivos que dão um grande destaque à notícia e possivelmente, com o objetivo de prender a atenção dos leitores do jornal. Esse sensacionalismo faz com que uma notícia se transforme em um grande acontecimento, narrado pelo autor de forma comovente, o que certamente atrairá o interesse do público. Como escreveu para o jornal um dos naufragos do vapor Arary:

Fatalidade!...Terrível presentimento que traduz por um sinistro, que tem de acontecer, e que mais tarde se realiza com as tristes flores da morte!(...) Um grito de misericórdia! Suou de dentro dos dous navios, solto por centenares de voses. (...) O afflictivo pai chama por socorro, para os filhinhos, a mãe implora para elles a protecção do Omnipotente, o esposo quer salvar a companheira de seos dias, todos pedem mesericordia e invocam a todos os santos, e á tantas voses o céo parece surdo.¹⁹³

Por meio da análise desta e de outras notícias e eventos publicados pelo *Commercio do Amazonas*, percebemos que a relação entre a Sociedade e a Igreja era estreita e estava sempre presente nas colunas do jornal. A Igreja Matriz e a Capela de São Sebastião apresentavam-se como protagonistas nas páginas do jornal, tanto nas missas que eram celebradas em memória de alguém, como nos festejos realizados pelas paróquias, que se apresentavam no jornal como eventos sempre concorridos e apreciados pela população em geral. O que significa, na verdade, um reflexo da grande influência exercida pela Igreja durante o período provincial e que grande parte da vida social gravitava no seu entorno.

¹⁹² *Commercio do Amazonas*, n° 267. Manaus, 9 jul. 1870.

¹⁹³ *Commercio do Amazonas*, n° 268. Manaus, 12 jul. 1870.

Dentro desse espírito é que entendemos toda a atenção dada à bênção dos sinos da Igreja Matriz, no dia 29 de junho de 1875, no qual compareceu a população em geral e foram padrinhos da cerimônia diversas pessoas ilustres da cidade. A cerimônia da bênção foi seguida por uma missa e, depois, muita música cantada por um coreto de seminaristas e a procissão que, na véspera, havia transportado a padroeira para a nova Igreja Matriz.

O dia 29 do passado foi para esta cidade um dia de festa, um d'esses dias que não se esquecem, que gravam n'alma fundas emoções, que convidam meditar em Deos, que se transmittem de pais a filhos, que vivem em fim sempre na momeoria dos verdadeiros crentes da religião de Jesus Christo. Fallamos da benção dos 8 sinos da nova matriz, e da solemnidade que acompanhou este importante acto.¹⁹⁴

Como um dos principais periódicos da cidade, com imagem consolidada, acabava sendo o preferido das elites, seu porta-voz em grande medida, o *Commercio do Amazonas* podia ser considerado o porta-voz dos comerciantes durante o período provincial. Os comerciantes se manifestavam de diversas formas através dos anúncios, fosse para constituir uma sociedade ou mesmo para anunciar os produtos de seu estabelecimento comercial. Inicialmente, os assinantes podiam fazer publicações gratuitas no jornal, o que nos leva a crer que uma boa parte dos assinantes e leitores do jornal era composta de comerciantes, devido ao grande número de publicações e anúncios de casas comerciais. Inclusive, determinadas casas comerciais publicavam mais de uma vez na mesma edição e seus anúncios se estendiam por muitos números do *Commercio do Amazonas*.

Pelas páginas do *Commercio do Amazonas*, sociedades eram criadas e desfeitas, transações comerciais de compra e venda eram realizadas e letras comerciais eram protestadas. Além disso, os comerciantes, quando se ausentavam da cidade, publicavam a viagem no jornal juntamente com uma declaração de que nada deviam, a ser apresentada a toda a sociedade, deixando para qualquer assunto de seu interesse o nome de seu procurador, que muitas vezes era alguém da família. Percebemos que os comerciantes, sabendo da importância do jornal, dele se utilizavam de forma frequente. Além destes, outra classe que também se utilizava dos anúncios do *Commercio* eram os donos de terras e de outras propriedades que, por meio do jornal, vendiam, alugavam e até mesmo atestavam que eram possuidores de terras, as quais podemos perceber que muitas vezes, eram doações feitas pelo governo provincial.

¹⁹⁴ *Idem.*

O abaixo assignado, faz sciente ao publico desta capital, especialmente aos habitantes do rio Negro, que por titulo de 6 do corrente, sérvio-se o exm. Sr. Vice-presidente da província, conceder-lhe meia legoa de terra em quadro na ilha denominada – Quauarú- em frente ao sítio Santo Antonio do Chiary. Antonio de Oliveira e Silva.¹⁹⁵

Através dos anúncios podemos acompanhar as mudanças produzidas no comércio local. No início, as publicações referentes ao comércio eram locais, de grandes e pequenos comércios existentes na cidade, vendendo os mais variados tipos de produtos. Entre eles, Rapé Macuba, canoas, arcos, farinha, zarabatanas, manteiga, vinho de caju, tabaco, canoas, estopa e bilhares figuravam entre os produtos mais anunciados nas páginas do jornal. A partir de 1874, o Ano V do *Commercio*, começaram a ser anunciados também famosos produtos que prometiam maravilhas, fabricados em outros lugares e vendidos pelos comerciantes da cidade e os produtos locais perderam espaço. Entre esses produtos temos o *peitoral de Anacahuita*, que tendo sido experimentado em milhares de pessoas na América Hespanhola, prometia acabar com uma série de moléstias, além dele temos também a *Água de Florida Murray & Lanman* e o *Tônico Oriental* que afirmava em sua propaganda:

Elle é um preventivo seguro e certo contra a calvice, Elle dá e restaura força e sanidade á pelle da cabeça, Elle de prapto faz cessar a queda prematura dos cabellos, Elle dá grande riqueza de lustre aos cabellos, Elle doma e faz preservar os cabelos em qualquer forma ou posição que se deseje, n'um estado formoso, liso e macio.¹⁹⁶

Outro aspecto interessante observado nos anúncios eram as estratégias utilizadas por alguns para atrair a atenção dos leitores. Alguns faziam chamadas com letras maiores e maiúsculas, que se destacavam dos outros anúncios, também havia os que publicavam os preços dos produtos, demonstrando uma acirrada concorrência entre os comerciantes, além daqueles que se utilizavam de jargões criados para demonstrar a popularidade desses estabelecimentos. Palavras e expressões como : “Grande Pechincha”, “O Amigo do Povo”, “Atenção”! “Tardou, Porém Chegou”, “Aproveitem”, “Grande Novidade” eram comuns entre os anúncios do *Commercio do Amazonas*, sempre em letras que se destacavam do restante do texto.

Da mesma forma, pelos anúncios, notamos que a tipografia destacava-se como um local onde produtos eram negociados, aumentando a importância da mesma na cidade como espaço de sociabilidade, na medida em que passava a ser um lugar freqüentado por pessoas interessadas em comprar produtos. Vendiam-se, por intermédio

¹⁹⁵ *Commercio do Amazonas*, nº 261. Manaus, 3 jul. 1870.

¹⁹⁶ *Commercio do Amazonas*, nº 124. Manaus, 15 Jan. 1874.

da tipografia, cabras, terrenos, casas, orgam-piano, escravos e outros. Alguns anúncios deixavam claro quem eram os vendedores e outros simplesmente informavam aos interessados que deveriam negociar na tipografia.

Além do noticiário e dos anúncios, a partir de 1874, o jornal passou a apresentar também a *Parte Oficial*, através de um contrato firmado com o governo do Amazonas, divulgando assim, os atos do Poder Executivo, do Governo da Província e expediente da Assembléia Legislativa, representando uma nova forma de financiamento para o jornal. Outra mudança em seu editorial foi que a partir desse momento, o *Commercio* passou a ter um correspondente em Lisboa, um considerável feito para a imprensa local.

O *Commercio do Amazonas* não deixava de emitir suas opiniões sobre os assuntos de seu interesse, fato tido por ele como justificável, ou seja, se precisasse criticar um ou outro ato da província, fazia parte de suas características, ainda que mantivesse em seu discurso a neutralidade.

Sabem os nossos leitores, que o *Commercio do Amazonas* nunca advogou a causa parcial desta ou d'aquella política do império : a sua bandeira sempre foi a da – neutralidade. (...) A justiça, será como sempre a base fundamental da nossa missão. Portanto, se tivermos alguma vez de profligar um ou outro acto da administração da província, está em nosso programa; do que nenhuma censura nos poderá provir.¹⁹⁷

Seguindo essa linha de pensamento é que, após a rescisão do contrato com o governo da província, em 1875, o *Commercio do Amazonas* passou a veicular opiniões sobre assuntos relacionados à sociedade e política da cidade de Manaus, em uma coluna intitulada *Commercio do Amazonas*. Através de artigos não assinados, o jornal fazia críticas ao governo, demonstrando haver um jogo de interesses por parte de quem estava nos bastidores desse jornal, na medida em que criticava ou elogiava pessoas influentes da sociedade. Como exemplo dessas críticas, podemos citar um artigo que discorre sobre a administração interina da Província:

Commercio do Amazonas – Como o interesse, que temos de ir patenteando um a um os abusos administrativos, de que estão prenes quase todos os actos da administração interina da província, que há dias deixou de fazer o capitão de mar e guerra Nuno Alves Pereira de Mello Cardoso (...) Os últimos arrancos da administração interina revellam o nenhum tino do seu administrador.¹⁹⁸

¹⁹⁷ *Commercio do Amazonas*, nº 140. Manaus, 6 jul. 1875.

¹⁹⁸ *Commercio do Amazonas*, nº 143. Manaus, 13 jul. 1875.

Foi um jornal de significativa e duradoura circulação, no interior e em outras províncias, e que apesar de manter o discurso da neutralidade, não ser partidário de nenhum partido político e ser considerado neutro pelos outros órgãos da Imprensa, também não deixava de desferir suas críticas ao governo quando era conveniente a seus produtores, caracterizando-se, juntamente com o *Amazonas*, como um jornal de grande influência no interior da sociedade amazonense.

2.5. A DIVERSIDADE EM QUESTÃO

A partir de um inventário que fizemos no catálogo *Cem Anos de Imprensa no Amazonas*, verificamos que, durante o período provincial no Amazonas, foi publicada uma boa quantidade de títulos de jornais na capital e no interior da província, cerca de 124 jornais, e entre esses jornais, nos chamou a atenção o fato de uma grande parte ter sido publicada durante um curto período de tempo. Entre os que foram publicados apenas durante um ano, tivemos cerca de 77 jornais e entre os que circularam por dois anos tivemos cerca de 24 periódicos. Consideramos importante fazer a análise desses jornais que traduziram projetos diferenciados de sociedade. Infelizmente, não tivemos acesso a todos os títulos, ou por que se perderam ao longo do tempo ou por que se perderam em meio aos arquivos existentes no presente. Nossa intenção estava em perceber que projetos foram esses que os mesmos representavam e por que tiveram curta duração.

Estes jornais apresentavam características em comum como, por exemplo, o número de páginas, a ausência de figuras e até mesmo a presença da literatura em seus exemplares. Apesar disso, constatamos que a característica principal está justamente na diversidade apresentada por estes jornais. Logo, se à primeira vista parecem todos iguais, depois de um estudo mais aprofundado, percebemos que estes jornais apresentavam diferenças que refletiam os interesses e as tramas que estavam por trás de seus processos de constituição. Portanto, foram jornais que se destacaram pela diversidade entre si. Apresentaremos alguns jornais que podem ser associados a determinadas características, sempre levando em conta que as condições materiais e humanas em que foram produzidos, foram fundamentais para o processo de construção destes meios de comunicação.

Podemos citar alguns que se apresentaram como grandes jornais, termo que representa tanto no tamanho das páginas, que eram superiores em dimensões, como na semelhança com os jornais que perduraram durante décadas e que muitas vezes estavam atrelados ao governo. Podemos citar entre eles o jornal *Província do Amazonas*, que foi publicado entre os anos de 1887 a 1889 e possuía formato 34X50 cm e, dessa forma, com um tamanho maior do que outros jornais; o mesmo apresentava um número maior de colunas e artigos. E para compor estes, contava com a colaboração de diversos correspondentes, tanto do interior do Amazonas como também de outras províncias. As notícias locais, principalmente as comerciais, entremeavam-se com as notícias internacionais. Era um jornal que, em suas colunas, desferia críticas a pessoas públicas e até mesmo a outros jornais, sendo por isso alvo de perseguições. Como, por exemplo, esta acusação que fez ao juiz Cunha Mello:

Quando o Juiz não compreende o elevado cargo de que se acha revestido, e faz do officio de magistrado a profissão de carrasco, e mais ainda, a de mandante de capangas para assassinar a plena luz do sol, quando um Juiz deixa de ser imparcial para ser instrumento de rancores miseráveis, cuja causa única é a ganância torpe.¹⁹⁹

Outro jornal que apresentava um formato grande, de 40X50 cm, foi o jornal *A Epocha*, que foi publicado entre 1889-1890 e possuía como um de seus redatores Bento Aranha, um dos mais reputados homens das letras da região. Com a epígrafe *Libertas Quae será Tamen – Lê Monde March*, este periódico defendia os interesses republicanos em um regime monárquico. Suas notícias e crônicas, editais e transcrições dividiam espaço com os anúncios que ocupavam duas de suas quatro páginas, por vezes até se repetiam. Esses anúncios já apresentavam sinais da modernidade que aqui chegava, que naquele momento, já despontava no mercado europeu. Destaque para produtos importados da Europa, principalmente peças de vestuário, como chapéus, vestidos, calçados, tudo de mais moderno que se poderia vender. Além destes, importantes estabelecimentos também publicavam grandes anúncios, demonstrando nesse momento, um clima de efervescência cultural que ocorria na cidade.

Outros exemplos de jornais de grande formato eram o *Norte do Brasil*, *O Paiz* e o *Rio Mar*. Sendo que este último, publicado no ano de 1877, intitulava-se como órgão democrático e era de propriedade de Deocleciano Martins de Menezes & Irmão. Ao contrário dos outros periódicos, este não apresentava anúncios em suas páginas, somente artigos extensos que representavam a opinião de seus autores sobre assuntos de

¹⁹⁹ *A Província do Amazonas*, nº 57. Manaus, 26 fev. 1888.

grande repercussão no estado e até mesmo no Brasil. Além desses textos, apresentava também folhetins e os noticiários, que versavam sobre acontecimentos oficiais da cidade como, por exemplo, a investidura de cargos ou mesmo nomeações.

Por outro lado, também havia entre esses jornais provinciais os de pequeno formato, como o *Jornal do Rio Negro*, que possuía apenas 21,5X32cm como medida de suas páginas. Foi publicado entre os anos de 1867 a 1868, era de periodicidade diária, apresentava em suas colunas seções com o mesmo teor dos grandes jornais, como o noticiário, que muitas vezes eram notícias de outras províncias e também de outros países. Dava publicidade a cartas de leitores, que geralmente eram denúncias contra autoridades e outras figuras públicas. Havia ainda os editais e duas de suas quatro páginas dedicadas aos anúncios.

A ligação com o governo não aconteceu somente com os jornais de maior circulação. Outros jornais também possuíram uma estreita relação com o governo. Como o jornal *A Voz do Amazonas*, que foi publicado durante os anos de 1866 e 1867, que tinha como proprietário o major João Marcelino Taveira Pão Brazil. Podemos perceber esta ligação através da publicação dos expedientes da Assembléia Legislativa Provincial e dos editais expedidos pelo governo, também muitas notícias ligadas às nomeações, principalmente do exército, ou a chegada de pessoas ilustres.

Nesse contexto, havia também os jornais que dedicavam-se a tecer críticas à sociedade. Jornais que possuíam em seus programas a missão de apontar os erros do governo e dos cidadãos. Podemos citar como exemplo desse tipo de jornalismo o *Aristarcho*, jornal publicado no ano de 1884, propriedade de uma associação, o qual possuía como epígrafe *A púrpura sirva ao povo para cobrir os ombros nus*, de Castro Alves. Em sua apresentação ao público, firmou o compromisso de sempre dizer a verdade, nem que para isso tivesse que expor o pior lado das pessoas e que os corruptos deveriam temer a verdade. Suas críticas eram tão constantes que foi chamado de pasquim por outros jornais, o que causou grande indignação por parte de seu redator.

Outro jornal que também tecia críticas à sociedade era a *Gazetinha*, publicado no ano de 1885. Apresentava como subtítulo *periódico crítico e literário*, e, apesar de em seu programa anunciar que sua crítica nada teria de mordaz, seria somente para provocar riso²⁰⁰, no decorrer de suas publicações passou a atacar o governo na figura dos conservadores e a fazer denúncias relativas à cidade, afirmando que o governo atual

²⁰⁰ *Gazetinha*, nº 1. Manaus, 20 set. 1885.

obrigou-os a se meterem em questões políticas, causando, inclusive, a demissão de seu proprietário, que não concordava com essas mudanças.

Destacamos ainda os periódicos que diziam ter explicitamente ligações com partidos. Entre os órgãos do Partido Liberal, temos o *Cinco de Janeiro*, jornal que circulou em Manaus entre 1879 e 1880, o qual era um periódico que possuía em seu programa artigos que faziam análise política e econômica da província do Amazonas, além das transcrições das sessões da câmara dos deputados. Em suas páginas não havia anúncios. Por outro lado, também destacamos a presença de jornais ligados ao Partido Conservador, como o *Correio de Manáos*, que circulou entre 1869 e 1870, um jornal de grande formato e que criticava os liberais e era simpatizante do governo de Wilkens de Matos. Ao mesmo tempo em que se dedicava à política, também reservava um espaço para a literatura, tanto na publicação de folhetins e de poesias, como também notas referentes à publicação de livros e, além disso, também tinha espaço para as notícias sobre o cotidiano da cidade, por vezes com um tom moralizador.

Outro jornal ligado ao Partido Conservador era o *Rio Branco*, publicado entre 1886-1888. Possuía periodicidade diária e, apesar de ser ligado ao partido conservador, criticava o governo de Ernesto Chaves, que era ligado ao mesmo partido e, de acordo com os redatores do jornal, estava realizando um péssimo governo, o que causava um grande descontentamento ao jornal.

A Actualidade. III – A perto de dois annos de governo do partido conservador, temos visto até que ponto tem chegado o desnorteamento que tem tomado as cousas publicas no Amazonas, devido – força é confessar – á marcha irregular, irregularíssima que lhe tem dado os suppostos chefes, cuja mira é somente fazer com o partido um jogo de especulações indecentes, em seu nome.²⁰¹

Com a proximidade da abolição da escravatura, também tivemos o jornal *Abolicionista do Amazonas*, publicado no ano de 1884, era escrito por aqueles que lutavam pela causa da abolição, inclusive mulheres. Em suas colunas percebemos certo interesse com os escravos, denunciando a ocorrência de maus tratos por todo o país. Como em um caso de mutilação de uma escrava por parte de seu dono, ocorrido em Silves, no qual pergunta se somente os escravos de Manaus têm assistência.

Um anno já lá se vae escoando, e nada há decidido. Que diz a isto o governo da província, que dizem os srs. Abolicionistas? Só escravos que tiverem em Manáos são dignos de commiseração – ou todos os escravos existentes na

²⁰¹ *Rio Branco*, nº 97. Manaus, 11 Ago. 1887.

província? Reclamamos o cumprimento da lei e o reinado da justiça na comarca de Silves.²⁰²

Jornais republicanos também se fizeram presentes no período provincial. Exemplo destes foi o *Equador*, publicado no ano de 1888, e que criticava com veemência a monarquia como um atraso para o progresso do país. Apesar de defender a causa republicana, dizia que não era filiado a nenhum partido, apresentando em suas colunas um grande espaço para literatura. Este jornal rivalizava com o *Corneta*, outro órgão que também se apresentava como republicano, e, em suas páginas, afirmava que a causa dos problemas do país estava na monarquia, e que o povo já ansiava pela república. Além disso, tecia críticas mordazes ao governo e as instituições públicas da província do Amazonas. Era escrito por jovens que não faziam parte das instituições de ensino, daí sua liberdade para tratarem de determinados assuntos. Como o fez em um de seus artigos:

Manãos – Os eleitos do povo, os interpretes fieis do seu pensamento, na tribuna da representação provincial até hoje, somente, pisando por cima dos deveres para com a sociedade que lhe depositou inteira confiança, têm arruinado a província por meio de leis extravagantes – verdadeiras patotas orçamentárias(...) A instrução publica que tem passado por centenas de reformas, póde-se assim dizer, acha-se quase em completo abandono.²⁰³

Oscar J. D'Oliveira, proprietário do *Corneta*, passou a publicar em substituição ao mesmo o jornal *Evolução*, que também era adepto das ideias republicanas e utilizava seus artigos para tecer críticas ao império brasileiro. Não se limitando a essas críticas, também publicava notícias diversas, folhetins, cartas e anúncios. Além destes, o jornal *O Americano*, publicado no ano de 1889, possuía como subtítulo *órgão republicano*.

Outros tipos de periódicos do período foram os estudantis, escritos por alunos das instituições de ensino na cidade. O aparecimento deles inicia-se na década de 1880. Entre eles temos *O Apollo*, que foi publicado no ano de 1882, era manuscrito e produzido por alunos normalistas, possuía como um de seus redatores João Batista de F. e Souza, que viria a ser um escritor de livros no Amazonas. Era um jornal de linguagem simples e de textos curtos, que continha também piadas e traduções de artigos. A *Sciencia* e *O Estudante* foram jornais citados pelo *Apollo* e também eram jornais escritos por estudantes.

Além destes, também tivemos *Diabinho*, publicado no ano de 1885, que era um jornal escrito por alunos do Ginásio Amazonense Pedro II, vendido por apenas 40 reis.

²⁰² *Abolicionista do Amazonas*, n° 5. Manaus, 1° jun. 1884.

²⁰³ *O Corneta*, n° 1. Manaus, 12 jan. 1888.

Apresentava-se como crítico e literário, no entanto, exercia mais fortemente o seu caráter crítico, sendo bastante irônico em determinadas situações, e tendo curiosamente como um de seus redatores Satanás. Em sua coluna *Falla-se*, publicava boatos que corriam na cidade sobre determinadas pessoas públicas ou não e até mesmo a respeito de instituições, sendo esta publicação do jornal também uma forma de denunciar certas práticas que aconteciam na cidade. A saber:

Falla-se – Que o Dr. Julio Mario, médico do Instituto *cura* os educandos com assucar em glóbulos dissolvido em água fria, que na arte de curar diz elle chamar-se *medicina homeopathica*; - que a maneira de certos padres elle mesmo doura a pílula, que faz e que a baptisa; - que o nosso capitão mor vae reorganizar o thesouro, diminuindo a sua escripturação para pôr no olho da rua o *atrevido* que não receber da mão do venerando na bocca da urna a cédula nas eleições provinciaes.²⁰⁴

Destacamos também um periódico escrito por mulheres e para as mulheres. Era o jornal *O Colibri*, de pequeno formato, publicado no ano de 1888, e apresentava como subtítulo *órgão dedicado ao belo sexo*, trazendo em suas colunas um grande espaço de literatura, variedades e artigos solicitados por leitores. Em suas páginas, através da literatura ou mesmo dos solicitados, é possível identificar os recados de amor escritos por alguém que se autodenominava somente através de pseudônimos, assim como a pessoa a quem se destinava também deveria manter em segredo seu nome.

A'uma jovem – Tu és bella como a rosa
Nas freças manhãs d'Abril:
Tens o moreno no rosto
E os olhos da cor d'anil.
Tens a bocca mui delgada
O olhar mui matdor;
Tens no peito um coração
Que sentes pulsar de amor.
De Sempre-viva branca.²⁰⁵

Da mesma forma, é importante destacar os jornais ligados às associações, como por exemplo, o *Echo Militar*, publicado em 1878, que defendia os interesses militares. Este jornal afirmava que tinha como objetivo sustentar e defender os interesses da força pública. Em suas colunas descrevia a situação do Exército na província, alertava para a necessidade de que a guarnição da Província do Amazonas fosse aumentada com um batalhão da Infantaria. Reclamava que faltava pessoal instruído. E, em resposta ao jornal *Amazonas*, saiu em defesa dos presidentes provinciais militares, dizendo que

²⁰⁴ *Diabinho*, nº 9. Manaus, 8 nov. 1885.

²⁰⁵ *O Colibri*, nº1. Manaus, 24 fev. 1888.

foram melhores do que os presidentes civis. Critica o presidente Rufino Galvão por interferir nos assuntos militares, por ser um presidente civil.

Outro jornal que pertencia a uma associação foi *O Artista*, publicado no ano de 1886. No entanto, não se limitava aos interesses da associação dos artistas, da qual fazia parte. Em seus noticiários, publicava tanto denúncias de acontecimentos na cidade, como assuntos mais triviais, como chegada e partida de determinadas pessoas. Além disso, também faziam parte de suas páginas transcrições de artigos de outros jornais, um grande número de anúncios e uma coluna do riso, que continha diversas anedotas. Em um de seus exemplares, descreve a situação dos artistas na província do Amazonas e sobre a importância destes para a sociedade:

Já se torna sensível o facto desta capital pouca attenção ser dada á classe artística. Como que se poderia dizer que essa classe tão nobre quanto ella deve ser, longe de desmerecer dos poderes públicos, deve ao contrario ser sempre bem apresentada pelo muito que ella trabalha á bem da sociedade.²⁰⁶

Observamos que a literatura esteve presente em praticamente todos os jornais efêmeros, principalmente através dos folhetins, publicados em quase todos, e também na veiculação de poesias. Mas alguns jornais podem ser destacados como jornais essencialmente literários. Por exemplo, o jornal *Esperança*, publicado entre os anos de 1876 a 1877, e que, apesar de intitular-se crítico e literário, ocupava a maior parte de seu espaço com a literatura, através da publicação de folhetim, poemas e charadas. Mas apesar disso, também mantinha uma coluna em que publicava artigos de assuntos gerais. Outro jornal que se caracterizava como literário era o jornal *Futuro*, publicado no ano de 1873. Suas páginas eram recheadas de folhetins, de contos e poesias.

Poesias – *A uma estrella*
Meia noite alem soava,
Eu sozinha contemplava,
O manto que o céu toldava,
Seu mago brihlo a encobrir
Restava só uma estrella,
Tão scintilante, tão bella,
Que eu desejei fora elle
Propheta do meu porvir... (Ex).²⁰⁷

Este jornal encontrava dificuldades pelo caminho, tanto de ordem material como, por exemplo, quando tentou aumentar seu formato e não conseguiu, devido tanto à falta de recursos, quanto a dificuldades de aceitação por parte das pessoas. Era criticado pela

²⁰⁶ *O Artista*, nº 40. Manaus, 5 de jan. 1887.

²⁰⁷ *Futuro*, nº 18. Manaus, 21 set. 1873.

falta de assuntos relacionados à política em suas colunas, mas afirmava que não estava em seu programa, e mesmo quando fazia alguma crítica, justificava-se dizendo que foi necessário fazê-lo e que não tinha a intenção de ofender ninguém. Possuía também, uma coluna intitulada *Debique*, onde publicava recados irônicos a determinadas pessoas.

Debique – Pergunta Innocente – perguntamos ao Sr. Dr. director da instrucção publica, se é publica ou particular a caza em que funciona o lyceu e sua secretaria. Ass: Os admiradores do progresso. ---Sabemos que há intima amizade entre o major Vask e o tenente Caguink assim acontece entre o Mastiga e o Fornecedor logrado. A cauza de taes amizades é o que ainda não adivinhamos. Ass: os amigos do deserto.²⁰⁸

Diante do que foi apresentado, é indispensável frisar que nossa intenção não foi classificar os jornais em características específicas, visto que são ricas produções que se encaixam muitas vezes em diversos dos aspectos apresentados. Como afirmou Marco Morel ao trabalhar com a Imprensa no século XIX : *nem sempre os rótulos se adaptam à diversificação das palavras impressas e às alterações de conjuntura.*²⁰⁹ Levantamos aquelas características que nos pareceram mais latentes, para demonstrar a diversidade dos jornais produzidos durante o período provincial.

²⁰⁸ *Futuro*, nº 12. Manaus, 7 jul. 1873.

²⁰⁹ MOREL, Marco. Da Gazeta tradicional aos jornais de opinião. Op. Cit., p. 150.

CAPÍTULO 3 DESCORTINANDO OS JORNAIS

3.1. RADIOGRAFANDO O URBANO

No decorrer do período provincial, a cidade de Manaus, antiga Vila da Barra, sofreu mudanças em seu espaço físico, pois precisava atender a sua condição de capital da nova província, assim houve a implantação de uma estrutura, tanto em nível material como humano, própria para garantir esses ideais. Aquela antiga vila aumentou de tamanho e viu sua população crescer bastante, de 5.081 em 1852 para 29.334 habitantes em 1872²¹⁰, representando um aumento significativo. Houve ainda a necessidade de integração da mesma ao Império do Brasil²¹¹. E as ações dos presidentes da província vão implementar esse caráter civilizador e ordenador.

Com a constituição da Província do Amazonas, a cidade de Manaus espelhou o ideário do Império, com as marcas de suas intenções civilizadoras nas ações dos presidentes impressas no espaço urbano. Como capital da Província, a cidade recebeu as instituições até então ausentes naquele domínio, o que promoveu o estabelecimento de um “solo comum” e com isto as operações que explicitavam estar aquela parte do território relacionada ao império.(...) As obras internas ao espaço urbano em Manaus promoveram a construção de muitos prédios que abrigaram as instituições caras ao regime, pois favoráveis à consolidação, reprodução e controle da ordem monárquica : o mercado público, trapinhes, pontes sobre os igarapés, a matriz de Nossa Senhora da Conceição, a cadeia, o educandário de índios, um horto botânico, uma biblioteca e mesmo um teatro.²¹²

Nesse momento, surgiram os primeiros jornais e em suas páginas podemos encontrar os reflexos dessas mudanças. Os extensos artigos de opinião ocupavam a maior parte das colunas e assim, as notícias sobre o dia a dia dos habitantes se fazia presente em seus editoriais de forma muito tímida. Em um espaço um pouco menor do que as outras publicações, eram descritas as impressões sobre a cidade, e também os anseios de uma parcela da população que estava vivenciando esse cotidiano. Com um olhar mais detalhista, percebemos que os jornais permitem uma leitura especial sobre esse período, possibilitando ver que estava em curso na cidade, mudanças que procuravam convergir com o progresso que se queria para a província por parte das

²¹⁰ DAOU, Op. Cit.

²¹¹ Ibid.

²¹² Ibid., p. 149.

elites e dos governantes. Nesse sentido concordamos com o ponto de vista de Ana Maria Daou, quando fala:

O exame de textos publicados nos jornais da época faculta o acesso a um outro ponto de vista em relação à cidade, que se expressa em elogios à ação dos presidentes de província, em preocupações e reivindicações de ordem prática, nos usos da cidade e também os anseios dos cidadãos em relação ao que seriam os serviços urbanos. Estão ali registradas ainda as questões de caráter mais geral, que traduzia a expectativa de que Manaus se tornasse uma cidade mais notável.²¹³

Pelo olhar de seus administradores e pelas elites, a cidade precisava distanciar-se de suas raízes consideradas selvagens e primitivas, ainda que isso significasse apenas uma intenção por parte dos governantes. Embora saibamos que mudanças radicais somente seriam implementadas muito depois, mudanças pontuais já começam a ser vistas. Os jornais já se mostraram para esse período como um meio de divulgação dessas ideias. Já encontramos em suas páginas a presença de artigos que incorporavam os ideais de progresso e civilização que as elites e o governo queriam para a cidade de Manaus. Um primeiro sinal de que a Imprensa já veiculava esses ideais para a cidade estava em seu discurso moralizador em relação aos habitantes da cidade. Os jornais veiculavam escritos que reprovavam os hábitos da população que não condiziam com o conceito de civilização, estampavam denúncias sobre moradores que praticavam atos que, a partir de então, foram considerados execráveis pela sociedade.

Ao mesmo tempo em que faziam denúncias de cunho moralizante, os jornais também agiam no sentido de disciplinarizar os populares e assim, certas práticas tornavam-se condenáveis aos seus olhares, como a embriaguez, a nudez, a prostituição e até mesmo práticas do cotidiano como tomar banho nos igarapés. Era preciso tolir certos hábitos para que as práticas dos moradores correspondessem aos ideais propostos para a cidade, e os jornais já começavam a desempenhar o papel de denunciar o comportamento dos habitantes, principalmente dos populares.

O *Correio de Manáos*, em 1869, em um de seus números chamava a atenção dos fiscais da prefeitura para pessoas que continuavam a lavar roupas e tomar banhos nos Igarapés de Manaus, lugar na cidade que era fonte de água. Tais hábitos faziam parte de tradições muito antigas, preservadas pelos moradores locais. A questão se colocava para as autoridades tanto pela salubridade das águas, que precisavam ser limpas, quanto pela questão da civilidade, pois os atos de tomar banhos e lavar roupas deveriam ser

²¹³ DAOU, Op. Cit., p. 161.

realizados em locais apropriados para tal fim. O jornal endossa essa ideia, apontando para a necessidade de regulação desse costume ainda praticado pelos habitantes locais: “Água potável – Continua o abuso de lavarem-se roupas e pessoas no *Igarapé de Manáos*, onde se vai buscar água para ser distribuída pela população para beber-se. – Chamamos a atenção do fiscal da câmara”.²¹⁴

Outra nota nesse mesmo sentido de regulamentar os usos dos espaços urbanos foi publicada em 14 de setembro de 1869. Neste, o periódico chamou a atenção da polícia para indivíduos que transitavam nas pontes depois que escurecia, o que tornava esses lugares intransitáveis, pelos namoros ocorridos no local. O jornal afirmava que fazia um serviço à população, a bem da moralidade e dos bons costumes, classificando as pontes como lugares onde, pessoas de bem, não poderiam transitar depois do anoitecer, devido a atitudes praticadas por indivíduos que não se comportavam de forma adequada aos padrões morais da época.

Immoralidades – Chamamos a atenção da policia para a falta de moralidade que há nas pontes, que tornão-se intransitáveis, logo que começa a escurecer pela libertinagem com que alli se portão os que se querem comparar aos selvagens ou brutos, não guardando honestidade aos seus actos de concupiscencia. Julgamos estar n’ma capital aonde toda a moralidade é pouca.²¹⁵

A *Gazetinha*²¹⁶, em 1885, também em nome da moralidade, pedia às autoridades policiais que lançassem suas vistas para indivíduos que soltavam palavras obscenas pelas ruas da cidade.²¹⁷ Em outro número, chamava a atenção para a falta de respeito provocada por uma saraivada de “vagabundos”, que andavam a atropelar as noites fazendo serenatas, que eram proibidas pela Câmara Municipal, principalmente na rua Municipal, uma das principais da cidade.²¹⁸ Nesse caso, estavam os jornais agindo em concordância com o poder público, que já havia proibido as serenatas por perturbarem a ordem na cidade.

Agindo em nome da moral e bons costumes, os jornais mapeavam a cidade através daquilo que era considerado aceitável e o que era reprovável entre as atitudes dos populares. Os atos de falar palavras impróprias e de fazer serenatas pelas ruas da cidade incomodavam as famílias que qualificavam essas pessoas como homens sem

²¹⁴ *Correio de Manáos*, nº 7. Manaus, 28 set. 1869.

²¹⁵ *Correio de Manáos*, nº 3. Manaus, 14 set. 1869.

²¹⁶ *Jornal crítico e literário*, de periodicidade semanal, que circulou no ano de 1885. FREIRE, Op. Cit., p. 104.

²¹⁷ *Gazetinha*, nº 1. Manaus, 20 set. 1885.

²¹⁸ *Gazetinha*, nº 8. Manaus, 1º nov. 1885.

escrúpulos, *vagabundos* e pessoas sem moral alguma. Dessa forma, os jornais já agiam no sentido de classificar e julgar essas pessoas, ao mesmo tempo em que discriminavam os lugares da cidade onde os atos de decência e bons costumes deveriam ser praticados.

Sandra Pesavento, em seu estudo sobre a cidade de Porto Alegre, no início do século XX, demonstra como alguns espaços da cidade foram considerados perigosos para o convívio social. Os habitantes desses espaços, suas práticas e habitações também foram classificados como um risco à sociedade. Nesse processo de qualificação dos espaços e das práticas populares indesejáveis, os jornais tiveram um papel fundamental na criação dessas imagens, na medida em que veiculavam notícias que delineavam o perfil dos *tipos perigosos* e denunciavam as práticas de contravenção:

Há que considerar que os jornais, como veículos de formação de opinião pública, contribuem para a construção de imagens muito fortes, carregadas de adjetivos, cores e artifícios de retórica que ajudam a *dar a ver* ao mundo de uma determinada forma.²¹⁹

O jornal *Echo do Norte*²²⁰, também trazia em suas páginas publicações de outras práticas consideradas reprováveis nos populares. Em um de seus números, denunciou que em um quarto na rua Saldanha Marinho, certos indivíduos se encontravam com meretrizes, demonstrando que nesta rua já existiam pensões, que eram espaços de prostituição, onde eram praticados atos libidinosos, fato que incomodava a tranqüilidade das famílias que ali moravam:

Providencias – pedimos à policia que lance suas vistas para uns quartos à rua Saldanha Marinho, onde constantemente à noite, se reúnem diversos indivíduos em companhia de algumas meretrizes que ahi moram, em estado de embriaguez, fazendo algazarra e em verdadeira orgia, incommodando d’essa forma a tranqüilidade das famílias que por alli residem e offendendo à moralidade publica. E’ preciso que cessem esses abusos no começo, para que mais tarde não aconteça factos desagradaveis.²²¹

A prostituição era apontada como uma das práticas mais perniciosas para a sociedade. Sobre a figura da prostituta recaiu a origem de muitas mazelas sociais. Ela ameaçava a integridade da família, constituía-se como o “epicentro da contravenção e do crime”. Sua figura era inquietante, pois era a mulher que não vivia de acordo com as convenções sociais, era a fêmea em seu estado puro, aquela que ameaçava todo o corpo

²¹⁹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Uma Outra Cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 2001, p. 33.

²²⁰ Jornal que circulou em Manaus no ano de 1887, era de propriedade de uma associação, era semanário, publicado aos domingos. FREIRE, Op. Cit., p. 82.

²²¹ *Echo do Norte*, nº 4. Manaus, 2 out. 1887.

social, e dessa forma, a prostituta estava associada principalmente à imagem da embriaguez e dos vícios.²²²

O jornal *O Catechista* publicou uma interessante advertência a uma casa onde os rapazes que se exibiam nus da cintura pra cima na janela de uma casa. A nudez era considerada uma atitude imoral e reprovável para o período, por isso obrigava os vizinhos a fecharem as janelas e também pediam providências da polícia.

Advertencia. Em certo pombeiro desta cidade em que vivem dois interessantes cazaes de Antonios e de Margaridas, um delles commette constantemente a immoralidade de se por nu na janela da cintura para cima, offendendo pó este modo o decoro e honestidade das famílias, que morão na visinhança as quaes não querendo presenciar essa vista repugnante e indecente, se vêem obrigadas a sahirem das janelas e de recolherem-se para o interior de sua casa nas horas de recreio.

Roga-se por tanto a esses homúnculos que se abstenhão de dar ao publico este espectáculo, por que do contrario recorrerão os offendidos a policia para os obrigar a respeitar mais os seus vizinhos e aguardar as conveniências devidas ao publico, em um paiz civilizado.²²³

Temos nesses casos as práticas da nudez e prostituição vistas como atentados a moralidade. Atitudes que ofendiam as famílias que moravam ao redor, e obrigavam-nas a se esconder. Os jornais faziam as denúncias às autoridades competentes, exigindo que fossem tomadas atitudes pela polícia.

Essas denúncias agiam no sentido de disciplinarizar os hábitos populares considerados perigosos. Os valores burgueses de moralidade, como a honestidade, a vida regrada, a disciplina no trabalho, dentre outros, deveriam ser incutidos no cotidiano dos populares para o bem da sociedade. Implantava-se, dessa forma, um processo de exclusão de algumas pessoas que, através de suas atitudes, como a bebida, a vadiagem, a prostituição, e outros, não se encaixavam nesses perfis. Constituíram-se como práticas que deveriam ser extintas da cidade, pois representavam um risco para a sociedade. Esses comportamentos denunciados pelos jornais desafiavam valores que prezavam o bem da sociedade, como afirma Rago sobre a disciplinarização do cotidiano do operário fora do ambiente de trabalho de acordo com os valores burgueses de sociedade, o que também foi aplicado para a cidade de Manaus em relação aos populares:

Fora da fábrica, a redefinição das relações familiares, através da promoção de um novo modelo de mulher, voltada para o lar, e de uma nova percepção cultural da criança, procura difundir entre a classe operária os valores burgueses da honestidade, da laboriosidade, da vida regrada e dessexuada, do

²²² PESAVENTO, Op. Cit., p. 45.

²²³ *O Catechista*, n° 153. Manaus, 18 fev. 1865.

gosto pela privacidade, eliminando as práticas populares consideradas ameaçadoras para a estabilidade da ordem social.²²⁴

Percebemos então que os jornais tiveram um papel fundamental na construção dessas imagens sobre o comportamento dos populares, da mesma forma que criavam práticas de exclusão na cidade de Manaus ainda no período provincial. Ajudaram a criar imagens sobre determinados costumes, que, quando eram publicadas nos jornais, agiam em consonância com o poder público. Da mesma forma, Pesavento também identificou o papel decisivo que os jornais tiveram para a construção de uma zona de exclusão na cidade de Porto Alegre no início do século XX, na medida em que atuavam como formador de opinião pública:

Tais periódicos defendem o reduto possível ou a reserva de cidadania que compete às camadas populares urbanas: o trabalho e a moral. Cabe a esses jornais, portanto, denunciar e reagir contra a vadiagem e a conduta escandalosa. Era preciso rechaçar as possíveis correspondências entre pobreza, sujeira e perigo, e nada melhor do que o periódico, pela sua função formadora de opinião pública.²²⁵

Dessa forma, para o período provincial essas atitudes da Imprensa, que agiam no sentido de moralizar e normatizar a vida dos cidadãos, já estavam presentes nos periódicos amazonenses, ainda que em seu caráter incipiente, pois a quantidade de artigos e notas referentes ao mesmo não era tão elevada, diante do total de publicações.

Além das boas práticas sociais, a educação também era vista como um dos elementos que concorriam para o progresso e a civilização das sociedades. Cientes de sua importância, os jornais da cidade apresentavam artigos que apontavam a educação como elemento essencial ao progresso da sociedade amazonense. Era comum, em suas páginas, artigos que expunham a importância da educação para o desenvolvimento da região e, além disso, também apresentavam constantemente a preocupação com o estado da instrução pública na província, particularmente com o Estabelecimento dos Educandos. Esta era uma instituição que expressava os ideais de civilização cultivados por uma elite, na medida em que agiam no sentido de promover a assimilação de costumes ocidentais pelos povos indígenas da região.²²⁶ Sobre a importância da educação para a província, escreveu o jornal *Correio de Manáos*:

Collaboração – Isso tudo importa nada menos que, a pouca apreciação que se dá ao principio da actividade humana, pela falta de educação. Ao passo que

²²⁴ RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar*. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997, p. 26.

²²⁵ PESAVENTO, Op. Cit., p. 45.

²²⁶ DAOU, Op. Cit., p. 160.

assim retrograda a província, os seus interiores se achão coalhados de grande pessoal inerte, sem valor algum, e que precisa conhecer o amor para o trabalho, que precisa de educação. Convem, pois, dar vida a instrução publica, e estabelecel-a com um pessoal dedicado e instruído e sobretudo moralizado.²²⁷

Esse discurso, presente nos jornais, sobre a importância da educação para os moradores da província corroborava com os ideais dos governantes. Estes consideravam a instrução como uma prioridade entre as ações do governo. Era preciso tirar o povo da ignorância e do atraso para que se formasse cidadãos que estivessem dispostos a se sacrificar pelo bem da pátria. Um dos caminhos para se conseguir formar o *bom* cidadão era através da educação.

Sim, Senhores, ninguém ignora que para formar bons cidadãos, que se affeiçõem de véras á sua província como á sua pátria e ao seu governo, - para que a província e o Estado não contem simples habitantes, mas cidadãos independentes e não menos leaes defensores da segurança geral.- só existem dous poderes de grande força e immensa influencia, a *Religião* e a *Educação Pública*. Uma e outra são por certo as causas mais duráveis, que produzem na totalidade dos cidadãos o verdadeiro *patriotismo*, e determinam por isso mesmo o augmento da riqueza e da prosperidade material e moral.²²⁸

Durante o período provincial, o estado precário da educação pública sempre esteve presente nos relatórios provinciais e também nos jornais. A falta de pessoal habilitado para trabalhar e a falta de recursos foram fatores que colaboraram para a difícil manutenção da instrução pública na província. Os jornais estampavam a preocupação com a instrução pública e apresentavam o panorama da educação na província como decadente. Esse assunto tornou-se recorrente em suas páginas. Entre os problemas pelos quais passava a instrução pública, os jornais apontavam a falta de conhecimento por parte dos professores como um dos mais graves:

O MAGISTERIO PRIMARIO – é certamente ao lamentável estado da instrução publica que deve o Amazonas o seu atraso. O meio empregado pelos poderes públicos para levantar-a do abatimento em que está, tem sido a decretação de leis absurdas e incoherentes, esquecendo-se, porém, das medidas que devem ser tomada afim de adquerir ella quem faça do magistério um sacerdócio e não quem a exerça por falta de outro meio de vida mais decente.²²⁹

Nesse contexto, o estabelecimento dos Educandos Artífices foi criado em 1858, com o principal objetivo de educar e civilizar principalmente os meninos indígenas, considerados atrasados e selvagens. Os jornais noticiavam que seu funcionamento

²²⁷ *Correio de Manáos*, nº 8, Manaus, 1º out. 1869.

²²⁸ *Relatório apresentado pelo presidente Dr. Jacintho Pereira do Rego*, 1º de Junho de 1868.

²²⁹ *O Echo dos Andes*, nº 75. Manaus, 16 nov. 1882.

passou por diversos problemas, como fuga dos educandos, estado de rebeldia dos mesmos e falta de verba para o seu funcionamento, chegando a relatar um verdadeiro estado de agonia pelo qual passava a instituição:

Estabelecimento dos Educandos – O estado de agonia em que se debate este estabelecimento, de algum tempo a esta parte, reclama seria atenção da parte d'aquelles que se interessão pela sorte da província, e uma providencia eficaz do administrador que acaba de tomar as rédeas da governança. Como está, não pode continuar sem desserviço publico, e gravame inútil dos cofres da província. Do modo em que se acha o Estabelecimento dos Educandos, nem um proveito real dá a província, e ao contrario, traz o descrédito á instituição, e ainda mais, o prejuízo a mocidade que n'elle se educa, ou se tem intenção de educar.²³⁰

Além das denúncias sobre o comportamento dos populares e sobre a educação pública, outras características que os jornais nos trouxeram sobre a cidade foram as reclamações feitas pelos habitantes. Estes colaboravam escrevendo cartas a serem publicadas nos jornais, onde imprimiam suas impressões sobre a cidade. Os jornais que se mantiveram em circulação por pouco tempo apresentaram um maior número de reclamações sobre a cidade.

As obras que estavam sendo realizadas na cidade também causavam incômodo. Encontramos referências sobre as mesmas como motivos de acidentes. *O Catechista* publicou que, por culpa da Câmara Municipal, não se podia transitar à noite pela rua do Imperador, devido ao grande número de pedras e terra, ali depositados para o calçamento da rua²³¹. Em outro número, noticiou a queda de um índio que trabalhava nas obras da matriz, o mesmo caiu de um andaime e fraturou a cabeça, e felizmente conseguiu sobreviver²³². Através destes e outros exemplos, percebemos que os jornais expunham também as faces menos positivas das obras realizadas na cidade. Demonstravam que nem sempre as obras foram benéficas para os moradores, também houve problemas em suas realizações. Talvez a intenção do poder público fosse esconder esses fatos, mas os jornais os traziam à tona.

Os periódicos também apontavam o péssimo estado em que se encontravam as ruas da cidade, e alertavam a população para o risco de acidentes e machucados para aqueles que nelas transitavam, como comentava *A Província*, sobre a situação em que se encontrava a Rua Municipal²³³, no ano de 1888, causando uma contusão em uma pessoa

²³⁰ *Commercio do Amazonas*, nº 144. Manaus, 15 jul. 1875.

²³¹ *O Catechista*, nº 426. Manaus, 5 fev. 1870.

²³² *O Catechista*, nº 490. Manaus, 26 abr. 1871.

²³³ Atual Av. Sete de Setembro. MONTEIRO, Mário Ypiranga. *Roteiro Histórico de Manaus*. Vol. 2. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1998.p. 468.

de nome Callipha, que por lá passava²³⁴. Em outro momento, o *Echo do Norte* denunciou a falta de gradil em algumas bocas de lobo da rua Marquez de Santa Cruz, o que podia causar sérios acidentes, como já havia ocorrido com um honrado cidadão.

Bocas de Lobo – A vida do cidadão não deve estar sujeita ao desleixo do srs. fiscaes. Na rua Márquez de Santa Cruz existem algumas bocas de lobo sem gradil nenhum que as cubra de medo que os transeuntes ficão sujeitos a serem victimas de qualquer catastrophe, bem como há poucos dias fomos testemunhas d’ uma desairosa queda que um honrado cidadão soffreu devido a uma das taes bocas de lobo.²³⁵

A falta de serviços de manutenção, por parte dos governantes, também era denunciado pelos jornais. O mato que crescia e o lixo nas ruas também eram motivos de reclamações nos jornais. Em 1858, o *Estrella do Amazonas* ironizava que o mato da travessa da Olaria²³⁶ era tão grande que algumas pessoas já haviam sumido.²³⁷ *O Catechista* também chamava a atenção das autoridades para a limpeza das ruas e praças públicas, já que o mato dominava e que lugares como a Marinha e a Praça da Uruguayana²³⁸, não se limpava há mais de cinco anos²³⁹. *O Corneta* também denunciava:

Limpeza publica – chamamos a atenção da câmara municipal para a immundicie em que se acha o igarapé do atterro, que ultimamente tem sido depozito de lixo, prejudicando assim a salubridade publica. O contractante da limpeza cremos que pouco caso faz em cumprir os seus deveres e é por isso que vemos a cidade completamente suja.²⁴⁰

Segundo o *Jornal do Amazonas*, o Matadouro Público também encontrava-se em um péssimo estado de higiene e também deveria ser denunciado, avisava que o lugar estava com um fedor insuportável, que a simples entrada nesse lugar se tornara um ato de coragem. Denunciava que não eram feitas as devidas limpezas no local, tanto que o sangue se acumulava e, devido a esse mal estado do Curro, o jornal alertava para a propagação de doenças que poderiam atingir a população.

Curro publico – E’ horrivel o estado do matadouro publico(...) O mais nauseante fétido annuncia logo aos caminhantes daquelles lugares a approximação do curro, e se o temerário tem a coragem de penetrar no estabelecimento, o cheiro o mais insupportavel o expelle imediatamente. No

²³⁴ *A Provincia*, nº 35. Manaus, 1º jan. 1888.

²³⁵ *Echo do Norte*, nº 2. Manaus, 10 set. 1887.

²³⁶ Atual Rua Joaquim Sarmiento. MONTEIRO, Op. Cit., p. 490.

²³⁷ *Estrella do Amazonas*, nº 267. Manaus, 10 fev. 1858.

²³⁸ Atual Praça General Osório, ocupava todo o trecho da atual praça de Dom Bosco, à rua Dez de Julho. MONTEIRO, Op. Cit., p. 711.

²³⁹ *O Catechista*. nº 423. Manaus, 15 jan. 1870.

²⁴⁰ *O Corneta*, nº 2. Manaus, 19 jan. 1888.

lugar onde se abatem rezes, o sangue coagulado tem formado camadas, porque o administrador só uma ou outra vez depois de muito instado, manda deitar por cima alguns baldes d'água. Os miasmas do curro podem empestar a população e isto é coisa muito séria.²⁴¹

Eram reclamações que os serviços públicos básicos para o funcionamento da cidade, como limpeza das ruas, recolhimento do lixo, limpeza do matadouro, não estavam sendo realizados, prejudicando assim a população. Dessa forma, essas reclamações eram voltadas exclusivamente para o governo, afirmando que este não estava cumprindo com seu dever. Essas denúncias revelavam que os jornais também atuavam como fiscalizador do serviço público, sempre vigilante nessas situações.

Além desse papel de fiscalizador, por vezes, os jornais também criticavam as prioridades escolhidas pelos governantes para os projetos de construção da cidade. Como em um número do *Jornal do Amazonas*, em que o autor afirma que, mais importante que o aterro da praça Cinco de Setembro, seria a canalização das águas, aconselhado pela boa higiene como elemento de saúde, um projeto que estava parado devido a manobras políticas.²⁴² Ao denunciar as escolhas feitas em razão das manobras políticas, é relevante destacar que esses jornais também estavam atrelados a grupos políticos e suas reclamações não eram isentas de intencionalidade e, dessa forma, por vezes constituíam-se em críticas ao partido oposto.

Nesse momento, observamos que já estava presente nos jornais o discurso do higienismo e a construção das bases para o projeto de modernidade a ser apresentado posteriormente à cidade de Manaus. Sidney Chalhoub, em seu estudo sobre as habitações populares na cidade do Rio de Janeiro²⁴³, apresenta a construção de discursos criados para embasar uma série de políticas públicas que tinham como um dos fins expurgar as classes populares do centro da cidade. Dessa forma, as classes pobres foram associadas às classes perigosas e foi criado o discurso do Higienismo. Este último, aplicado pelos governantes como uma ideologia, conduziria a cidade à civilização e resolveria os seus problemas através de um discurso cientificista. Essa prática seria um caminho que levaria o país ao progresso e à civilização.

Em suma, tornava-se possível imaginar que haveria uma forma “científica” – isto é, “neutra”, supostamente acima dos interesses particulares e dos conflitos sociais em geral – de gestão dos problemas da cidade e das diferenças sociais nela existentes.

²⁴¹ *Jornal do Amazonas*, nº 653. Manaus, 26 jan. 1882.

²⁴² *Jornal do Amazonas*, nº 1009. Manaus, 4 jan. 1885.

²⁴³ CHALLOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte Imperial*. São Paulo: Cia das Letras, 1996, p. 35.

Tal ordem de ideias iria saturar o ambiente intelectual do país nas décadas seguintes, e emprestar suporte ideológico para a ação “saneadora” dos engenheiros e médicos que passariam a se encastelar e acumular poder na administração pública.²⁴⁴

Dessa forma, já se apresentava para nossa cidade o discurso do Higienismo. Em 1885, o *Jornal do Amazonas*, em um de seus números, cobrava dos governantes uma política de regulação de edifícios e avenidas e a construção de um esgoto para a cidade. Por um lado criticava o governo pela falta de preocupação com as boas práticas do higienismo, revelando que a cidade possuía uma grande quantidade de becos imundos, e, por outro, apresentava um projeto de cidade ideal, com as ruas largas, arborizadas, calçadas e principalmente, limpas.

Temos terra em abundancia, e estando sob a zona tórrida, devia nossa cidade possuir ruas largas, arborizadas, bem calçadas, afim de que o ar penetrasse por toda parte livremente, fossem os raios ardentes do sol mitigados, e o pó ou a lama não tornassem impossível o transito prejudicando a saúde publica. Mas na realidade o que é Manáos? Uma cidade com uma única rua – a Municipal, e algumas praças, e uma grande quantidade de beccos imundos; da arborisação é do que menos se cuida, de sorte que o transito é quase impossível do meio dia ás 3 horas da tarde. Quando podíamos possuir uma linda cidade, saudável, assejada, estamos construindo uma em sentido inteiramente opposto. Uma de nossas necessidades urgentes é o esgoto da cidade. Quando cahem chuvas torrenciaes, formam-se pelo centro da cidade verdadeiros igarapés que impossibilitam o transito.²⁴⁵

Nesse sentido, a Imprensa já iniciava assim a divulgação da imagem de cidade moderna, limpa e higiênica que se queria para a cidade de Manaus em fins do século XIX. Agindo como anunciadores dos novos tempos, essas questões já estavam presentes nos jornais do período provincial. O que demonstra o papel essencial desses veículos de comunicação na construção dessas imagens e projetos idealizados por uma parcela da população, as elites.

Com essas reclamações e denúncias sobre a cidade, os jornais mostravam um lado da cidade que não estava aparente, o lado ruim das obras, a sujeira nas ruas, os hábitos “condenáveis” de determinadas pessoas, enfim, expunha a parte da *urbs* que incomodava. Ao mesmo tempo em que ajudavam na construção de um discurso que tinha como meta o progresso e a civilização para a cidade, apresentando inclusive ideias e projetos para o embelezamento e higienismo, pilares para a construção da cidade moderna, que seria concretizada no momento posterior.

²⁴⁴ CHALLOUB, Op. Cit., p. 35.

²⁴⁵ *Jornal do Amazonas*, nº 1031. Manaus, 26 fev. 1885.

A cidade não se mostrava pelos jornais somente através das denúncias e reclamações, também era apresentada a parte divertida e animada da cidade, discorrendo sobre os locais onde aconteciam as interações sociais. Uma das formas de interação entre o grupo das elites que estava mais aparente nos jornais era a formação de sociedades, que se utilizavam dos anúncios para expor seus comunicados para os sócios. Outra forma eram as festas, ponderoso meio de interação social, entre as quais podemos citar os bailes de máscaras e o carnaval.

Com a implantação da Província, também tivemos a emergência de uma elite que se manteve em distinção social por mais de três gerações. A maior parte dessas pessoas não possuía uma grande quantidade de recursos financeiros, portanto, não se destacava na sociedade pelo alto poder aquisitivo. A forma de diferenciação social se dava através de interações e articulações com outros membros.²⁴⁶

Para os amazonenses os mecanismos de socialização da elite foram dados pelo convívio na pequena cidade, pelas articulações familiares, pelas interconexões que articulavam os agentes para além das instituições formais, ainda tênues naquele contexto.²⁴⁷

Os leitores em potencial dos jornais que circulavam em Manaus eram membros dessa elite e suas referências estavam presentes nas páginas dos periódicos. Através de anúncios de casamento, aniversário, viagens e principalmente através das sociedades criadas por eles, a saber: da *Sociedade Harmonia Amazonense* e os convites para seus bailes e partidas mensais; O *Atheneu das Artes*, fundado por Bento Aranha e que mantinha uma escola noturna como atividade beneficente; a *Sociedade Chrisalida Literária* e suas reuniões; o *Club 5 de Setembro* e suas partidas mensais conhecidas como Pic-Nik; os avisos da *Sociedade de Recreação Amazonense*; a *Sociedade Therpsicore* e suas partidas mensais; reuniões da *Sociedade Portuguesa Beneficente*, que mais tarde fundaram o hospital, o qual apresenta o referido nome, e não podemos deixar de mencionar a primeira associação abolicionista, a *Sociedade Emancipadora Amazonense*, fundada em 1870. A título de exemplo, sobre a Sociedade dos Crentes, o *Commercio do Amazonas* noticiou:

Praça de S. Sebastião – No dia 25 à tarde tiveram lugar, na praça de S. Sebastião, os festejos anunciados pela Sociedade dos Crentes. A concorrência foi muito numerosa. Grande numero de senhoras deo realce á esses festejos, que vieram arrancar-nos por alguns instantes este viver *vegetal* que aqui temos. No meio desse grande e alegre bulício da praça, não deixou

²⁴⁶ DAOU, Op. Cit.

²⁴⁷ Ibid., p. 131.

de ser sensível a falta de uma muzica. Esta circunstancia porem não foi bastante para alterar a animação que reinou durante os festejos. Fazemos votos para que a Sociedade dos Crentes tenha longa vida, e continue a nos proporcionar tardes como a de domingo passado.²⁴⁸

De acordo com Genesino Braga, a *Sociedade dos Crentes* foi instalada em 1871 e era formada por um grupo de jovens bem conceituados que usavam pseudônimos no momento das reuniões. Seu estatuto estabelecia que a ordem era a diversão, seus membros diziam que não acreditavam em sociedades monoteístas e se reuniam duas vezes por mês²⁴⁹. Era um grupo de jovens com certa posição social, que tinham como prioridade se divertir e para isso, fundaram a Sociedade.

As sociedades citadas acima estiveram sempre presentes nos anúncios de jornais, infelizmente poucas informações conseguimos a respeito delas, porém podemos inferir que foram consideráveis pontos de interação social entre os membros das elites, como observamos nesta imagem veiculada pelo jornal Amazonas:

Figura 3:
Anúncio da Sociedade Harmonia Amazonense



Fonte: *Amazonas*, nº 163. Manaus, 1º maio 1869.

Na imagem, observamos que as pessoas estão vestidas elegantemente, entre eles damas e cavalheiros, em um grande salão, local apropriado para essa reunião. Isso nos sugere que nessa sociedade só participavam membros da elite, os populares estavam excluídos dessa forma de interação social.

Outros eventos sociais publicados nos jornais foram os bailes de máscara e de carnaval. A casa do Sr. Pingarilho, uma das casas comerciais mais importantes da

²⁴⁸ *Commercio do Amazonas*, nº 111. Manaus, 28 Dez. 1870.

²⁴⁹ BRAGA, Genesino. *Chão e Graça de Manaus*. Manaus: Fundação Cultural do Amazonas, 1975, p. 155.

cidade, em 1868, já anunciava baile de máscaras aos domingos, onde as damas tinham ingressos grátis.²⁵⁰ Essas festas não eram freqüentes, e, por isso, eram muito esperadas pelos moradores da cidade.

Carnaval – O Carnaval deste anno esteve como sempre, alegre e folgado: alem dos mascarados que na tarde de domingo e terça-feira percorreram as ruas, tivemos alguns bailes dados por uma sociedade; bem como no salão do Sr. Pingarilho, que sempre proporciona aos diletantes estes bellos passatempos.

Em compensação do vegetar constante de todo o anno, carecemos de alguns momentos de vida como estes, para distrair o espírito.²⁵¹

Eram momentos vivenciados pelas elites, o que nos evidencia a ausência dos habitantes locais nas páginas dos jornais. O casal Agassiz, observadores detalhistas, em sua viagens pela região, afirmaram que não se percorria nenhum ponto da cidade, em qualquer direção sem que não se encontrasse os traços característicos dos habitantes da terra e seus costumes.²⁵² Esse fato foi silenciado pelos jornais do período, o que demonstra que os mesmos assumiram um papel importante na implantação de um projeto idealizado para a cidade de Manaus, projeto este que excluía uma parcela da população. A ausência dos costumes e tradições de pessoas que caracterizavam a região pode ser notada em praticamente todos os jornais, o que demonstra também que a presença dos moradores locais estampadas nas páginas dos periódicos não fazia parte do jornalismo da época.

Dessa forma, compreendemos que essa ausência representava que havia por parte dos jornais, um projeto que pretendia relegar ao esquecimento e ao limbo as tradições regionais, uma vez que no mesmo período a população era marcada pelos povos indígenas que aqui habitavam e que eram predominantes, não sendo, apesar disso, retratados nas páginas dos jornais, como se não fizessem parte da população. Esse processo de exclusão foi praticado durante o período provincial, pois os indígenas remetiam à idéia de atraso, antagônico ao progresso, foi intensificado no final do século XIX.

Através de uma leitura mais apurada sobre os jornais, estes nos mostravam uma outra face da cidade, marcada por uma parcela da população que apresentava a cidade através de seus anseios, com seus problemas, seus erros, e ao mesmo tempo, suas

²⁵⁰ *Jornal do Rio Negro*, nº 24. Manaus, 30 jan. 1868.

²⁵¹ *Amazonas*, nº 39. Manaus, 7 mar. 1867.

²⁵² AGASSIZ, Luiz e Elizabeth Cary. *Viagem ao Brasil, 1865-1866*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1875, p. 354.

interações sociais. Destarte, o cotidiano estava presente em suas páginas, nos apresentando a cidade, seus habitantes e suas contradições.

3.2. A GUERRA DO PARAGUAI E OS JORNAIS DO AMAZONAS

A Guerra do Paraguai foi o conflito mais intenso ocorrido na América do Sul, aconteceu entre os anos de 1864 e 1870, de um lado lutaram os países Brasil, Uruguai e Argentina, e do outro, o Paraguai, que saiu mais devastado entre os países. De acordo com Basile, durante e após a guerra, o patriotismo foi vivido de forma intensa no Império Brasileiro, exaltando a nação brasileira, particularmente seu exército em detrimento da tirania vivida pelo Paraguai, e os jornais tiveram papel fundamental nesse cenário de construção do patriotismo.²⁵³

No Amazonas, a situação não foi diferente das outras províncias; os jornais da cidade também deram destaque para a Guerra do Paraguai. Reproduziam notícias do cenário da guerra, publicadas em jornais trazidos pelos vapores que aportavam na cidade. Além disso, publicavam artigos que teciam elogios ao exército brasileiro e aos voluntários da pátria, que juntos estariam libertando o Paraguai da escravidão. Também em suas páginas, o presidente do Paraguai Francisco Solano Lopez era representado como *tirano*, e os voluntários do Amazonas que foram para a guerra, vistos como heróis, como podemos ver nessa publicação:

Depois do rompimento e das violências traidas pelo déspota dictador do Paraguay às nossas fronteiras, impondo a todos os brasileiros a dura contingencia de abandonar o remanço da paz doméstica, para abraçarem as armas em defeza da dignidade de sua nação vilipendiada e ultrajada.(...) Os brasileiros unânimes na defeza de sua pátria não trepidam em alistar-se como voluntários e correr ás armas!

Os amazonenses não desconhecem o favor que lhe faz o governo, mas ufanam-se em dizer, que sentem pulular em seus peitos o fogo do santo amor da pátria, e em sua fronte brilhar ainda o desejo de, na hora do perigo, correrem em auxilio de seus irmãos, que debaixo do retintim das armas e do ribombar dos canhões ao clangor dos clarins, sustentam com seu próprio sangue a dignidade e honra da pátria.²⁵⁴

No total, participaram da guerra cerca de 984 indivíduos da província, entre voluntários, guardas nacionais e recrutas, o que representava uma quantidade

²⁵³ BASILE, Marcello Otávio N. de C. O Império Brasileiro: Panorama Político. In: LINHARES, Maria Yedda (Org.). *História Geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1990, p. 263.

²⁵⁴ *Amazonas*, nº 22. Manaus, 21 nov. 1866.

considerável de combatentes diante do total da população. Esses números foram trazidos pelo jornal *Amazonas*, como vemos no quadro a seguir:

Figura 4:
Lista de Amazonenses que participaram na Guerra

dos sacrificios desta provincia.

ANNOS	VOLUNTARIOS DA PATRIA	GUARDAS NACIONAES	RECRUTAS PARA O EXERCITO.	RECRUTAS PARA A MARINHA	TOTAL
1865	117	330	105	266	818
1866	1	21	22
1867	4	15	19
1868	4	10	57	24	95
	151	340	167	326	984

A provincia contribuiu para a guerra com 1 individuo por 44, ou 2,2 % da população total.
(Continuar-se ha)

Fonte: *Amazonas*, nº 163. Manaus, 1º maio 1869.

O término da guerra, em 1870, foi muito festejado na cidade e noticiado pelos jornais, e de acordo com estes, o povo ganhou as ruas para comemorar. Primeiramente foi celebrado um *Te Deum laudamus*, depois foi tocado o hino nacional com a presença do povo e depois, as pessoas mais ilustres da cidade, reuniram-se no palácio para continuar celebrando esse grande momento de patriotismo ao país, momento em que saudava-se o Imperador, sua família e o exército brasileiro pelo fim da guerra. Foi noticiado pelos jornais amazonenses como um verdadeiro momento de júbilo nacional:

A' noute reuniram-se em palácio muitas pessoas gradas e o vice-presidente depois de fallar ao povo que estava reunido na rua, annunciando-lhe a honrosa e gloriosa terminação da guerra levantou novos vivas á S.M. O Imperado, aos exércitos alliados, aos príncipe conde d'Eu, aos general Câmara, e ao povo amazonense. Estes vivas foram entusiasticamente correspondidos, tocando a muzica dos educandos o hymno nacional.²⁵⁵

A chegada dos voluntários, outro momento de festejo. Antonio da Cunha Mendes, proprietário do *Amazonas*, na ocasião, leu um discurso à porta da enfermaria militar, onde elogiou imensamente os que lutaram na guerra em nome de todos os tipógrafos do *Amazonas*:

²⁵⁵ *Amazonas*, nº 226. Manaus, 29 Abr. 1870.

Páginas da história pátria, vós, voluntários, sois a glória e o orgulho da nação brasileira. Bem chegados sois: a província vos recebe e voa applaude, tanto mais porque em vós se resume essa pleiade de mancebos amasonenses, que ao primeiro reclamo da pátria correu pressurosa á derramar seu precioso sangue nos campos da batalha em desaggravo dos brios nacionaes offendidos pelo déspota sanhudo do Paraguay. (...)

Vós, voluntários amasonenses, sois as relíquias, os trophéos da Victoria, que hoje recebe a província com todas as demonstrações festivas. (...)

As classes sociais se fazem aqui representar, e não era possível, que nós os typographos do Amazonas os filhos de Guttemberg deixássemos de vir offerecer-vos um abraço fraternal.²⁵⁶

Através destas publicações, ficou claro para nós que a Guerra do Paraguai foi um tema de grande veiculação na Imprensa local. Em um primeiro momento, traziam a imagem de salvação da nação paraguaia das mãos de um tirano, e dessa forma, a realização da guerra fazia-se necessária. E com o fim do conflito, houve em grande medida a exaltação da figura do Imperador e do exército brasileiro. Assim, o clima patriótico que se instalou no país foi aqui bem representado por meio dos jornais locais.

No entanto, o lado ruim da guerra não foi publicado, do qual podemos citar o grande número de mortos e feridos em combate, e para o caso do Amazonas particularmente, também tivemos a forma com que foi feito o recrutamento dos voluntários, fato que também não apareceu nos jornais. O casal Agassiz, em suas viagens, presenciou o momento de recrutamento desses voluntários entre a população e assim registrou suas impressões: a pior parte aconteceu com relação aos povos indígenas, que foram recrutados de forma violenta, pois eram agarrados à força em suas terras e postos em navios para serem enviados às áreas de combate. Essa forma de recrutamento causou um grande descontentamento entre eles, fazendo com que muitos fugissem. E quando acontecia de encontrar aqueles índios que fugiram, os mesmos eram presos como desertores, ou seja, eram pessoas que haviam abandonado a causa maior, que era a pátria.

O sistema de recrutamento, ou antes a falta absoluta de um sistema de recrutamento, acarreta os mais clamorosos abusos durante a mobilização. Creio que a lei designa um contingente equitativamente repartido por todas as classes em condições determinadas de idade e com certas isenções. Se essa lei, porém, existe, é uma lei sem força. Os agentes de recrutamento, tão maus como os antigos press-gangs da Inglaterra, entram pelas florestas a dentro para agarrarem os índios onde quer que se encontrem. Todos aqueles que resistam a esses processos sumários ou que demonstrem a menor intenção de escapar-lhes são presos até a partida do vapor que os conduz à Cidade de Pará, donde são mandados para o exército. A única prisão que vi foi aquela em que estavam recolhidos os recrutados. (...)

Certamente que a província do Amazonas tem direito a uma bela página na história da presente guerra, pois o número de batalhões que forneceu é

²⁵⁶ *Amazonas*, nº 246. Manaus, 30 jul. 1870.

verdadeiramente considerável relativamente à sua população. Verdade é, porém, que sendo a maior parte conseguida por meio de coação, pode-se por em dúvida que tal fato seja em definitivo uma grande prova de patriotismo.²⁵⁷

Dessa forma, podemos concluir que a participação dos voluntários do Amazonas na Guerra do Paraguai não aconteceu de forma tão pacífica e celebrada como foi publicada nos jornais, pois o descontentamento entre os habitantes da província era grande, principalmente entre os povos indígenas. O discurso do patriotismo utilizado tinha como fim mobilizar a população e conseguir seu apoio para essa causa. Vemos aqui a importância que tomou a Imprensa para a construção de uma imagem que estava muito distante dos ideais de vida da população que habitava a província do Amazonas, e imagens essas que eram comungadas por apenas uma parcela pequena da população.

3.3. EMBATES PELA ABOLIÇÃO E REPÚBLICA

A escravidão negra na província do Amazonas foi declarada extinta no dia 10 de Julho de 1884, alguns anos antes da abolição da escravidão no restante do país, que foi em 1888. O Amazonas foi a segunda Província a declarar livre todos os seus escravos, sendo a primeira o Ceará alguns meses antes, no dia 25 de março de 1884. De acordo com Faria e Souza²⁵⁸, a causa abolicionista foi abraçada por todos os jornais da Província. Tomaram a dianteira do movimento, em prol da abolição, o jornal *Commercio do Amazonas* e o *Amazonas*.

O jornal *Commercio do Amazonas*, no dia 15 de maio de 1884, assim publicou o fato: *Temos a subida honra de annunciarmos aos habitantes de Manáos, á Província, ao Brasil, ao Mundo inteiro que na rua Henrique Martins onde se acha o nosso estabelecimento não tem UM SÓ ESCRAVO*²⁵⁹. Além de participar de forma engajada do movimento abolicionista, a Imprensa também participou dos festejos da população ocorridos em comemoração ao dia da abolição da escravatura na Província do Amazonas.²⁶⁰

Alguns jornais foram criados especialmente para apoiar a causa abolicionista. Um deles foi o *Abolicionista do Amazonas*, jornal que circulou entre os meses de maio e julho de 1884. Este periódico publicou 11 números, era de propriedade de duas

²⁵⁷ AGASSIZ, Op. Cit.

²⁵⁸ FARIA E SOUZA, Op. Cit., p. 9-11.

²⁵⁹ Ibid., p. 9

²⁶⁰ Ibid., p.16.

associações: a *Libertadora 25 de Março* e a *Loja Amazonas*, sendo esta uma importante representante da Maçonaria na Província, o que evidencia a relação desta instituição com a causa abolicionista. O jornal apresentava como epígrafe: *Ou morreremos na lida, felizes, cheios de gloria, Ou surgiremos com vida mostrando em cada feria O hymno de uma Victoria*²⁶¹. Em seu programa, publicado no primeiro número, apresentava como única proposta advogar em prol da causa abolicionista, e dessa forma recebia qualquer proposta tendente a emancipação.

Programma – Surgindo hoje a luz da publicidade, este periódico dedicado exclusivamente a fazer propaganda das ideias que se propõem advogar, faz completa abstenção das questões políticas ou administrativas, que não se envolvam com o mesmo assumpto. Elle será publicado uma vez por semana, aos domingos, ou mais vezes se a necessidade assim o exigir. Desconhece completamente os partidos melitantes dedicando-se unicamente a causa da abolição do elemento servil n'esta província.²⁶²

O Abolicionista do Amazonas seguiu fazendo seu papel em prol da libertação dos escravos, exaltando quem concedia a carta de alforria a seus escravos e denunciando quem não o fazia, criando assim, um *Livro de Ouro* para os primeiros e o *Livro Negro* para os segundos. Também anunciava a criação de novas sociedades abolicionistas, como a *Sociedade Primeiro de Janeiro*, que agregava pessoas de ambos os sexos; o *Club Juvenil Emancipador*, formado por moças filhas do Amazonas; as Amazonenses Libertadoras, compostas de senhoras das elites. Cabe destacar que se tratava de sociedades criadas por pessoas das elites.

Diversos escritores redigiram artigos e poesias sobre a libertação dos escravos, com títulos diversos: *Amazonas Redimido*, *O Dia da Redempção*, *Amazonas Livre!*, *Mais uma Victoria*, *Desarraigou-se o Canero*, *Sublime!*, *Bons Dias!*, *Data memorável e Marchemos!* Tais escritos que traduziam a animação de uma parcela da população nesse dia memorável. Eram sociedades de elites que haviam se empenhado para que tal dia chegasse. O jornal, então, externava essas manifestações de um grupo seletivo da população. Com o fim da escravidão negra, o jornal despediu-se da arena jornalística, pois afirmava ter cumprido seu papel.

O Abolicionista do Amazonas depõe as armas no dia da sua Victoria!
Órgão de duas grandes associações, vivamente empenhadas no vencimento da causa patriótica da abolição, representante das ideias e sentimentos de todos os abolicionistas Amazonenses, o presente Semanário julga ter percorrido o périplo de sua luminosa jornada, no momento em que vê

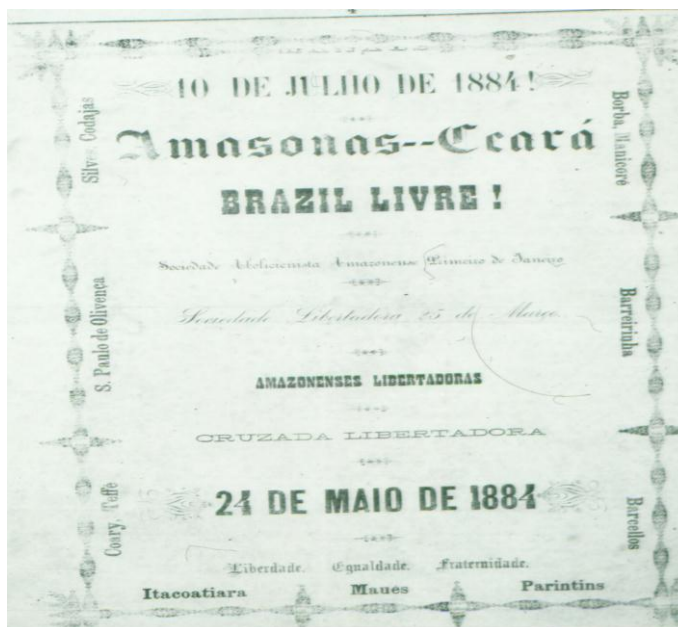
²⁶¹ *O Abolicionista do Amazonas*, nº 5. Manaus, 1º jun. 1884.

²⁶² *O Abolicionista do Amazonas*, nº 1. Manaus, 4 maio 1884.

esboroarem-se as muralhas da Bastilha fumosa, das sensalas ao clarim dos bandeirantes da Liberdade, na aurora que avermelha os nossos horisontes!²⁶³

No dia 10 de julho de 1884, o *Abolicionista* publicou homenagens diversas ao dia em que a Província do Amazonas tornou-se livre do passado escravista.

Figura 5:
Homenagem do Abolicionista ao
Fim da Escravidão na Província do Amazonas



Fonte: *O Abolicionista do Amazonas*, nº 11. Manaus, 10 jul. 1884.

Os principais jornais da cidade reuniram-se para celebrar o momento e publicaram como homenagem à data, dois números de um jornal que apresentava como título *A Imprensa Unida*, um exemplar no ano de 1884, ano da abolição no Amazonas e outro número no ano de 1888, quando ocorreu a abolição no Brasil. Infelizmente, não tivemos acesso ao exemplar do ano de 1884, mas de acordo com os dados do Catálogo de Cem anos de Imprensa, participaram desta publicação os jornais: *Amazonas*, *Commercio do Amazonas*, *O Artista*, *Evolução*, *a Província do Amazonas*, *O Norte do Brazil e o Equador*.²⁶⁴

No número especial do ano de 1888, os periódicos renderam homenagens ao Império Brasileiro pela abolição da escravidão no país. Redigiram uma mensagem em que exaltavam a figura da Princesa Isabel, elevando a imagem desta como pessoa mais importante nesse processo, relegando ao esquecimento pessoas que lutaram durante

²⁶³ *Abolicionista do Amazonas*, nº 11. Manaus, 10 de julho de 1884.

²⁶⁴ FREIRE, Op. Cit., p. 113.

anos para esse fim, como os abolicionistas e os escravos. Também escreveram diversos artigos saudando a nação brasileira pela passagem da data, pois era um dia histórico para o país. Contava ainda, na primeira página, os nomes dos jornais que participaram dessa edição especial:

Figura 6:
Homenagem do jornal *A Imprensa Unida*
ao fim da Escravidão no Brasil



Fonte: *A Imprensa Unida*, número esp. Manaus, 31. Maio 1888.

Como se vê, essa imagem construída pelos jornais deve ser questionada, nela aparecem somente homenagens ao Império Brasileiro e em especial a figura da Princesa Isabel, os quais são reverenciados pela realização desse fato, como se fossem os verdadeiros responsáveis pela Abolição, em detrimento dos abolicionistas e escravos

que lutaram durante muitos anos para que o fim da escravidão se tornasse uma realidade. Barbosa, ao analisar o periódico *Lanterna Mágica*, publicado em Recife, demonstra que o lugar destinado aos negros pelos próprios jornais era secundário, pois estavam mais preocupados em noticiar as festividades.

Na edição de oito páginas, com quatro inteiramente tomadas por ilustrações, as comemorações dos próprios escravos são publicadas como rodapé da última página. (...)

Antes deles – embora atores e sujeitos ativos dessa história, já que é nele que a escravidão deixa as marcas pelo corpo - , estão representadas a princesa Isabel, construída como a instauradora única do acontecimento; as passeatas cívicas de “regozijo pela Abolição no Brasil”, nas quais não aparece um só escravo; as festividades literárias no teatro; as entregas das bandeiras e emblemas aos Clubes Abolicionistas.²⁶⁵

Contudo, apesar do clima de festa apresentado pelos jornais, em que exaltavam o governo pela conquista, uma fagulha foi lançada pelo *Jornal do Amazonas*, que colocava em dúvida a extinção completa da escravidão na Província. Afirmava que no Ceará, assim como no Amazonas, também continuavam existindo alguns escravos. Sugerindo que foi um fato mentiroso, em que os presidentes das Províncias ganharam as glórias pela conquista da abolição da escravidão nesses referidos locais.

Como está livre o Ceará? – A mesma palhaçada que houve nesta província, effectuou-se na do Ceará, com relação á libertação dos escravos.

As datas das libertações das duas províncias são mentirosas : portanto os ex-presidentes Satyro e Thodoreto, não se devem ufanar de glorias que não lhes pertencem.

O Ceará ate há bem poucos dias ainda possuía escravos, como se vê do seguinte telegramma publicado pelo *Jornal do Commercio* :

Ainda existem escravos no Ceará. Está oficialmente verificado que nos termos dos Milagres ainda se contam mais de tresentos, cujos senhores, não só os legitimaram, mas não fizeram as declarações exigidas pela lei provincial de 19 de Outubro de 1883, nem tem pago os impostos devidos.²⁶⁶

Outro evento importante abordado pela Imprensa Amazonense foi a Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889. Antes dessa data, vários jornais já haviam abraçado a causa republicana, como vimos no segundo capítulo. No país todo, a Imprensa Republicana contou com 74 jornais, 20 no norte e 54 no sul, além de 237 clubes republicanos²⁶⁷. No Amazonas, podemos citar entre os jornais republicanos o *Argos*²⁶⁸, jornal publicado entre 1870 e 1872, além dele também tivemos

²⁶⁵ BARBOSA, 2010. Op. Cit., p. 109.

²⁶⁶ *Jornal do Amazonas*, nº 1045. Manaus, 5 Abr. 1885.

²⁶⁷ SODRÉ, Op. Cit., p. 238.

²⁶⁸ Jornal que circulou em Manaus no período de 1870 a 1872. FREIRE, Op. Cit., p. 39.

o *Equador*²⁶⁹ e o *Corneta*²⁷⁰, jornais produzidos por jovens que dedicavam-se a criticar o regime monárquico e a defender uma nova forma de governo.

Com a chegada do navio, no dia 3 de dezembro de 1889, trazendo as novidades da capital, espalhou-se na cidade de Manaus a notícia da Proclamação da República, e então, os jornais do Amazonas no outro dia publicaram a notícia. O periódico *O Americano* chegou a afirmar que a notícia foi recebida com grande felicidade por um grande número de pessoas, que se aglomeraram nas principais ruas da cidade. Sugerindo através da publicação abaixo que o povo teve participação na recepção do novo regime político, fazendo parte dele um grande número de pessoas que aderiram prontamente à República :

Apenas o paquete brasileiro ancorou ao porto desta cidade e espalhou-se a grata noticia de haver sido proclamada a Republica, começou o povo a aglomerar-se nas ruas e praças, manifestando com delírio o grande jubilo de que se achava possuído por este tão feliz acontecimento. Reuniram-se mais de três mil pessoas na praça do palácio, que constituídas em assembléia no *éden-theatro* deram o grito de adesão à república.²⁷¹

Já o jornal *Amazonas* foi reticente, também noticiou sobre o movimento que instalou um governo provisório no país e também destacou o grande número de pessoas que se aglomeraram para saudar a nova ordem de governo. Porém, afirmava ainda não constar nenhum comunicado formal sobre esses acontecimentos para o conhecimento da província. O jornal classificou essa saudação dos moradores da cidade de “movimento popular”, ainda que não possamos perceber quem seriam as pessoas envolvidas nessa manifestação, e qual o sentido de popular aplicado a esta notícia, possivelmente não seriam os moradores mais pobres da cidade.

Movimento popular – O paquete nacional Manãos trouxe noticias telegraphicas de um movimento militar no sentido de proclamar-se outra forma de governo que seria a republicana. Para esta província não nos consta que fosse enviado um só despacho a cerca de acontecimentos tão graves e importante. No entanto logo que taes noticias cahiram no domínio publico começou o povo a reunir-se em frente ao commando das armas, onde estavam congregados officiaes do exercito e da armada tratando do assumpto.²⁷²

De acordo com Rozendo Tavares, os grupos políticos locais somente aderiram à causa republicana depois do fato consolidado, pois não queriam perder os privilégios e

²⁶⁹ Jornal de publicação semanal que circulou no ano de 1888, era de propriedade de uma associação. FREIRE, Op. Cit., p. 84 e

²⁷⁰ Jornal republicano que circulou no ano de 1888. Era de propriedade de Oscar J. D'Oliveira. FREIRE, Op. Cit., p. 66.

²⁷¹ *O Americano*, nº 2. Manaus, 4 dez. 1889.

²⁷² *Amazonas*, nº 1854. Manaus, 27 Nov. 1889.

influência na política local que possuíam ainda no período imperial²⁷³. Somente após a instalação da nova forma de governo, ou melhor, quando receberam a notícia de que os grupos políticos do Rio de Janeiro já haviam tomado posse, foi que os grupos políticos locais aderiram à causa republicana, para não perderem seus privilégios.²⁷⁴

O novo sistema de governo foi defendido por vários órgãos da Imprensa amazonense. Porém, houve reações a essa defesa por parte da Imprensa, pois o Império ainda possuía seus defensores na província do Amazonas. Esses embates ocasionaram ataques contra os que defendiam o novo sistema de governo, sendo, por isso, considerados reacionários. E dessa forma, tipografias foram empasteladas, alguns jornalistas foram presos e trocaram-se tiros entre os grupos rivais.²⁷⁵

3.4. OS LEITORES

Os leitores também foram parte importante nesse processo de constituição do fazer Imprensa. Compreender a relação entre eles e os jornais desse período foi parte fundamental em nosso trabalho. Neles encontramos diversas referências sobre os leitores, o que demonstra que estes já possuíam um direcionamento e uma preocupação com o público leitor. Se, no início, os jornais apresentavam um programa mais amplo, com o passar do tempo começaram a direcionar as publicações na medida em que encontravam seu público leitor; assim, podemos afirmar que os leitores passaram a interferir nesse processo de construção da Imprensa. Como afirma Barbosa:

Essa relação dos leitores com os jornais mostra o caráter significativo das mensagens que veiculam. Em princípio, um texto escrito é dirigido a um leitor desconhecido e universal. Mas a obra cria seu público, alargando o seu círculo de atuação e iniciando novos modos de comunicação. Ao estabelecer esse contato, o leitor deixa claro que um auditório está sendo formado.²⁷⁶

Estudar os leitores envolve mais que identificá-los no convívio social. Requer também tentar recuperar o processo de leitura como um todo, com as percepções e interpretações envolvidas nesse processo. Darnton afirma que a leitura não é

²⁷³ TAVARES NETO, João Rozendo. *A República no Amazonas: disputas políticas e relações de poder (1888-1896)*. Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2011.

²⁷⁴ *Ibid.*, p.19.

²⁷⁵ CASTRO, Mavignier de. *Síntese Histórica e Sentimental da Evolução de Manaus*. Manaus: Tipografia Fênix, 1948, p. 129.

²⁷⁶ BARBOSA, Marialva. *Os Donos do Rio*. Op. Cit., p. 207.

simplesmente uma habilidade, o leitor não só decodifica os símbolos, como também estabelece significados a eles, ligados à cultura na qual está inserido.²⁷⁷

Dessa forma, mais do que identificar os leitores, importante perceber o que representava a leitura dos jornais para os habitantes da cidade. Em uma sociedade predominantemente baseada nas tradições orais, tendo a imprensa como único veículo de comunicação, os jornais em sua fase inicial representavam uma nova forma de expressão entre os moradores.

Os leitores interagiam com os jornais através de cartas enviadas às tipografias. Já compreendiam a importância da imprensa para a sociedade e participavam principalmente através da coluna *A Pedido*, presente em grande parte dos jornais desse período. Através dessa coluna, faziam reclamações, denunciavam e se comunicavam com outras pessoas da cidade.

Uma interessante nota publicada no *Jornal do Amazonas*, demonstra que os jornais já tinham seu público, o qual acompanhava assiduamente o desenrolar das tramas publicadas. O jornal havia decidido: não iria mais publicar o folhetim *pequena sereia*, pois o considerava muito sem graça; no entanto, uma pessoa interpelou o redator na rua pedindo para que o mesmo continuasse sendo publicado, o que causou estranheza por parte do redator.

Continuamos hoje a publicação do poemeto ou pequena lenda dinamarquesa, que havíamos interrompido, por preferirem trabalhos de mais urgência. Provavelmente os leitores e leitoras bem pouca atenção terão ligado a tal pequena serêa; e quem sabe, até della já se tenham esquecido. Se assim o fizerão, cremos nada terem perdido; porque, verdade fallando, o nosso folhetim não passa de uma insulsa fabula que nada tem de interessante e nós mesmo já o havíamos posto de parte. Mas, como sempre há neste mundo muita gente exquisita, lá havia de aparecer um que nos viesse interpellar pela suspensão do folhetim.²⁷⁸

Percebemos então que já havia uma relação entre os leitores e os jornais. Além desta ligação, importante também destacar que esses impressos deixavam claro que a aceitação do periódico pelo público leitor era fundamental à sua sobrevivência. Os jornais compreendiam essa importância e escreviam sobre as dificuldades de acolhimento dos jornais por parte da população. *O Catechista*, em seu segundo número, escreveu um artigo direcionado ao público leitor para que relevassem sua fraca linguagem, pois esse público não era dotado de grande inteligência, e, além disso,

²⁷⁷ DARNTON, Robert. História da Leitura. In: BURKE, Peter (Org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

²⁷⁸ *Jornal do Amazonas*, nº 8. Manaus, 22 jul. 1875.

descreve que na distribuição de seu primeiro número, acharam em alguns semblantes pouca vontade no acolhimento de seu número, concluindo dessa forma:

O que estranhámos quando distribuimos o primeiro numero do nosso periódico, foi termos achado em alguns semblantes um signal que significava haver pouca vontade para sermos coadjuvantes no exercício ou desempenho da missão que actualmente está a nosso cargo. Eis ahi porque muitos dizem que no Amazonas pouco ou nenhum apreço se dá aquelles que se esmerão afim de alcançar algum triumpho neste grandioso ramo.²⁷⁹

O Catechista, ao escrever sobre o seu terceiro ano de publicação, afirma que um elemento indispensável na vida do jornal é conhecer até que ponto acontece a aceitação por parte da sociedade; no entanto, como ele não estaria sendo imparcial se o fizesse, passava a questão para o público, o que seria uma questão difícil, pois não é certeza de que um jornal seja lido por todos. Muitos não têm interesse pelas leituras.

Podíamos dizer ao público, mas haveria nesta assersão um erro de principio; porque o publico, em termo absoluto, considera todos em geral, e não é crível que um jornal seja lido por todos, havendo tanta gente que não liga interesse à letra redonda, uns por que não sabem ler, outros por uma cauza que elles lã sabem, e nós a conhecemos. Neste cazo; a única base que fica ao jornalista para apreciar a sua obra e prosseguir na senda que abrio, é o concurso pecunario dos julgadores, pois quando este não falta, passou em julgado a sentença de aprovação.²⁸⁰

A relação entre os jornais e os leitores era uma via de mão dupla, por um lado, estes utilizavam-se dos periódicos para se expressar e se comunicar com a sociedade e por outro, os jornais desse período precisavam da participação e aceitação dos leitores para a sua sobrevivência. Foi um vínculo fundamental para a consolidação da Imprensa Amazonense enquanto meio de comunicação durante o período provincial. Como afirma Heloísa Cruz, sobre esta relação entre os periódicos e os leitores:

Esse diálogo, entre o universo social e o campo de forças do público leitor, ocorre num campo de pressões recíprocas : no mesmo movimento, a Imprensa busca conformar e, em aparente contradição, perscrutar interesses e perspectivas do público leitor. Este, por sua vez, constitui uma das pressões constantes a que está sujeita qualquer publicação, e que, portanto, incide sobre seu projeto editorial.²⁸¹

Através da análise dos jornais desse período, percebemos que determinadas seções publicadas nas páginas dos periódicos direcionavam-se a públicos específicos como, por exemplo, para as mulheres, que por mais que não tivessem um amplo espaço

²⁷⁹ *Jornal do Amazonas*, nº 2. Manaus, 21 abr. 1873.

²⁸⁰ *O Catechista*, nº 104. Manaus, 14 mar. 1864.

²⁸¹ CRUZ, Heloísa de Faria. Na Oficina do Historiador: Conversas sobre História e Imprensa. *Projeto História*, São Paulo, nº 35, 2007, p. 255-272.

de atuação na sociedade, observamos a existência de indícios que algumas possivelmente faziam parte desse grupo seletivo de leitores dos jornais provinciais, seja direta ou indiretamente, através da leitura ou mesmo ouvindo de outra pessoa.

Um dos primeiros indícios de que as mulheres faziam parte do público leitor pode ser encontrado de forma direta nas próprias colunas dos jornais, onde os autores, que compreendiam a importância da mulher como parte do público leitor, algumas vezes manifestavam tal interesse e publicavam que determinadas seções eram dirigidas também às mulheres. No primeiro número do *Correio de Manaus*, em seu artigo de fundo, o editor discorre brevemente sobre a importância da imprensa, da família, da Igreja e sobre a instrução das mulheres, afirma que o jornal também tem a pretensão de atingir as mulheres.

O Correio de Manaus jamais esquecerá a família. Na falta de um jornal recreativo destina uma parte de suas columnas para n'ellas as moças de famílias beberem alguma instrução, conhecerem o mundo pela phantasia, pelas exaltações da intelligencia do homem(...) a mulher é hoje um ser social. Na instrução da mulher está o amor da família, o seo primeiro cuidado.²⁸²

O Echo do Norte utilizava-se de sua coluna *A semana* para descrever os fatos mais importantes ocorridos na cidade. Chamou-nos a atenção o fato de mencionar leitoras entre seu público, ao publicar que : *Hontem deu sua partida o – Club 5 de Setembro – mais conhecido por Pik-Nick, na próxima Semana, diremos aos nossos leitores e especialmente as amadissimas leitoras (por serem mais curiosas) as nossas impressões n'essa partida.*²⁸³

O Colibri, publicado no ano de 1888, além de participar como leitoras, as mulheres também possuíam liberdade para colaborar com as edições do jornal. Era um jornal que apresentava como subtítulo *órgão dedicado ao belo sexo*, e anunciava-se como um veículo de divertimento destinado às mulheres. Trazia em suas páginas um grande espaço dedicado à literatura, onde eram publicados poemas, por vezes endereçados a determinadas pessoas.

O “Colibri é creado tão domente para recrear delicadamente o espírito das formosas “huryrs”q’ habitam neste “Éden”e no qual o “Colibri” esvoaça sugando do seio e pólen de amor (...) Contamos, enfim, com a aceitação e collaboração das nossas sympathicas leitoras desta capital, e mesmo de longe paragens.²⁸⁴

²⁸² *Correio de Manaus*, nº 1. Manaus, 1869.

²⁸³ *Echo do Norte*, nº 3. Manaus, 1887.

²⁸⁴ *O Colibri*, nº 1. Manaus, 1888.

Em 1880, o *Commercio do Amazonas* publica a imagem de uma senhora elegantemente vestida, no conforto de seu lar, ricamente ornamentado, lendo uma revista intitulada *A Estação*. Pelos dizeres que aparecem na ilustração percebe-se que era uma publicação da Corte (Rio de Janeiro) e que, portanto, aqui chegava, através dos navios que aportavam na cidade. Sendo aqui reproduzida, a imagem demonstra um compartilhamento de ideias.

Figura 7:
Anúncio da Revista *A Estação*



Fonte: *Commercio do Amazonas*, nº 127. Manaus, 1880.

Tal imagem permite afirmar que as mulheres já começavam a fazer parte desse círculo restrito de leitores e também que já havia uma preocupação em produzir publicações que fossem direcionadas ao público feminino, principalmente aquelas com conteúdo literário e com notícias sobre eventos sociais ocorridos na cidade.

Além desses indícios encontrados de forma direta nas páginas dos jornais, podemos citar publicações que eram direcionadas principalmente ao público feminino, como era o caso do *Folhetim*, um tipo de publicação que esteve presente na maior parte dos jornais do período provincial no Amazonas. Vale lembrar que a inspiração desse tipo de publicação veio do movimento geral da imprensa no Brasil.

O folhetim foi um tipo de publicação muito comum no Brasil, na segunda metade do século XIX, tendo sua origem nos jornais franceses. Funcionava tanto para ganhar novos leitores como para divulgar as obras dos homens das letras, que se tornaram presentes de maneira mais freqüente nos jornais da época. Viraram uma febre entre os leitores, que passaram a acompanhar assiduamente o desenrolar das tramas. Muitos folhetins publicados nos jornais brasileiros eram transcritos de jornais europeus. E muitos romances também foram escritos por autores brasileiros, que chegaram a se consagrar nacionalmente através desse tipo de publicação, por exemplo, José de Alencar. Como afirma Sodré sobre a esse grande filão dos jornais:

O folhetim era o melhor atrativo do jornal e o mais procurado. Ler o folhetim chegou a ser um hábito familiar, nos serões das províncias e mesmo das Cortes, reunidos todos da casa, permitida a presença das mulheres. A leitura em voz alta atingia os analfabetos, que eram a maioria.²⁸⁵

Como já foi dito anteriormente, alguns folhetins eram escritos por autores da província e outros eram reproduzidos de jornais europeus, como o folhetim *A Flor da Maia*, de Camillo Castelo Branco, reproduzido no *Commercio do Amazonas* e também *O Homem que Ri*, de Victor Hugo, reproduzido no jornal *Amazonas*. O importante era prender a atenção dos leitores e especialmente das leitoras para esse tipo de publicação, que muitas vezes eram publicados em muitos números. Encontramos alguns que pedem a atenção das leitoras para que acompanhem a publicação dos mesmos. Como no jornal *Futuro*, em que o autor afirma que lhe foi dada essa missão de escrever um folhetim, no entanto, não possuía o talento necessário, então escreveu...

Conquanto não tenha capacidade para este gênero de escripto, e não seja de minha livre e espontânea vontade o encarregar-me de tão terrível maçada, com tudo, desde já confesso, esmerar-me-hei quanto possível for, para que assim seja elogiado pelas minhas leitoras e meus amáveis leitores.²⁸⁶

Outro exemplo em que o autor do folhetim se dirige diretamente às leitoras está no jornal *Gazetinha*:

Folhetim – Original da “Gazetinha” Churiscos – São para voz estas linhas, lindíssimas leitoras. Tendes entre as vossas mãos milindrosas a recém-nascida *Gazetinha*; tendes portanto, alguns instantes de entretenimento...Amai-a, que é para a vossa distração o seo tênue aparecimento no mundo jornalístico.²⁸⁷

²⁸⁵ SODRÉ, Op. Cit., p. 243.

²⁸⁶ *Futuro*, nº 1. Manaus, 1873.

²⁸⁷ *Gazetinha*, nº 1. Manaus, 1885.

Outro tipo de publicação que podemos destacar como direcionada às mulheres, era a literatura, com seus poemas, algumas vezes apenas para publicar palavras bonitas para deleite das leitoras e outras vezes eram poemas dedicados a alguém em particular. Estes se tornaram verdadeiros recados de amor, registros de sentimentos e momentos vivenciados por pretendentes, namorados ou mesmo amantes. Por vezes esses poemas eram revelados, sendo publicados os nomes dos autores e destinatários, outras vezes eram revelados somente aos interessados, quando apareciam somente as iniciais e em outros, a autoria era mantida em sigilo. Exemplo de poesia dedicada a alguém cujo nome do autor é revelado:

A minha estrella.
Lucida estrella que me ouviste os cantos,
Attende os prantos que meu peito tem!
Lança um teu raio, que amenize as dores
E allente as flores que já murchas vem!...
A. Baptista.²⁸⁸

Um exemplo de recado anônimo foi dado no jornal *Echo do Norte*, na coluna Litteratura :

À Alb.
O cravo que me destes,
Não era cravo, botão:
Guardei-o dentro do bolço
Bem juntinho ao coração. ...²⁸⁹

Esse anonimato podia ter significados diferentes, poderia significar um amor escondido, que se queria que ficasse no anonimato, ou um amor proibido, que por alguma razão não poderia ser revelado, ou mesmo uma brincadeira entre namorados, que só possuía significado para o casal. De qualquer forma a literatura, por sua vez, esteve presente em muitos jornais provinciais e também se tornou um atrativo para o público feminino, que aparentemente ansiava por tal publicação.

Outro tipo de impressão que sugere a leitura de mulheres foram os anúncios. Alguns apresentavam produtos direcionados ao público feminino, como sendo produtos “da moda”, sempre para deixar as mulheres mais elegantes. Percebemos que os jornais já apresentavam sinais do processo de modernização pelo qual viria a passar a cidade de Manaus no início do século XX. Esse processo iniciou-se, ainda que de forma incipiente, antes mesmo do auge da exportação da borracha. Representando um anseio por

²⁸⁸ *Esperança*, nº 50. Manaus, 1877.

²⁸⁹ *Echo do Norte*, nº 3. Manaus, 1887.

progresso e modernização por parte de alguns setores, e também por parte do público consumidor.

Figura 8:
Anúncios da loja *Ville Du Havre*:

VILLE DU HAVRE

Muita atenção

Grande sortimento.

Chapécós de feltro para homens.

Chapécós de feltro para meninos.

Grande sortimento de modézas

Grinaldas com véos para noivados.

Setins, popelines, lã e seda, bareges de linho com listras assetinadas, cortes de lã e seda, são fazendas de lindíssimas cores e padrões; cambraias brancas e estampadas de muito fino tecido; as afamadas —cassas baptistas— percales e chitas do mais bello gosto que se pode desejar; cortes de musselina, com barras, ditos côr de rosa, azul e verdes, ditos de chita; cortes de cambraias guarnecidos, para vestidos de bailes, partidas, ou festas familiares; cortes bordados para anagoas; morins, mariposas, setinotas brancas e de cores, em cortes para vestidos; **FRESQUISSIMAS LUVAS DE PELLICA, BRANCAS E DE CORES**; gravatas brancas e de cores; sapatos rasos para senhoras e meninas; de setim, velludo, pellica e merino; brancos, pretos e de cores —chapelinhos para ditas, chapéus de sol para homens e senhoras, brancos de fantasia, flares para cabeça, toucas para baptizado, enxovas para ditas, camisinhas enfeitadas de setim, irlandia de linho muito fino, lã de linho, brancas, pardas, líos e entrançados; esmizas de linho e algodão, ditas de chita e flanela — um supprimento de obras de — alfaiate — sendo: calças, palitots e fraques; de alpaca, esmerica, panno fino, angolas e rapões, um bello sortimento de brinquedos para crianças, finíssimas lenças de linho, grande sortimento de enfeites para vestidos; de seda, lã e algodão, meias finíssimas para senhoras, ditas para homens ditas para meninos.

PREMIO

No empenho que teem os proprietarios deste estabelecimento, de chamar para elle a maior concorrência de fregueses, teem estabelecido um premio á cada um dos que comprarem de 10\$000 réis para cima, á dinheiro, que será destinado por meio de um bilhete de sorte; cujo objecto significará o reconhecimento e gratidão da pessoa que o dirige.

Typ. do Diário do Amazonas, á rua da Palma. — Proprietario e impressor José Carneiro dos Santos.

Fonte: *Diário do Amazonas*, nº 91. Manaus, 1873.

Nesse estabelecimento comercial, de nome francês, apresentado através de um anúncio veiculado em 1873 pelo *Diário do Amazonas*, podemos notar a presença de diversos artigos destinados a um consumidor mais refinado, como chapécús de feltro, palitos, fraques, lã e seda, fazendas de lindas cores, e especialmente para as mulheres,

vestidos, enfeites, luvas de pelica e outros. O que demonstra que já existiam leitores e principalmente leitoras que consumiam esses produtos mais elegantes.

Tendo como ideal de moda e refinamento o continente europeu, tudo o que vinha deste era considerado atual e moderno, em detrimento dos produtos que aqui eram produzidos, que eram tidos como velhos e atrasados. Dessa forma, observamos a existência de anúncios que destacam a proveniência de seus produtos, vindos diretamente da Europa. Além disso, eram produtos refinados, que demonstravam que alguns moradores consumiam preferencialmente produtos provenientes do continente europeu.

NOVIDADE. – Para a loja BELLA PARISIENSE DE Brinco & C, á rua da Boa-Vista, contígua ao correio, despacharam-se para este novo e importante estabelecimento, as tão desejadas capas de crochet, e nobrezas d’uma só cor, cortes de cambraia branca bordados, ultimo gosto, e um completo sortimento de perfumarias dos autores Piver, Coudrait, Mally, Goutier e outros fabricantes afamados.²⁹⁰

Vale lembrar que este e outros anúncios parecidos, que anunciavam produtos vindos da Europa, ainda estavam em seu momento inicial; dentro da área destinada aos anúncios, não ocupavam um grande espaço, ainda apareciam timidamente, mas ao mesmo tempo já indicavam uma intenção por parte de alguns habitantes da cidade, de fazer parte dessa tendência modernista pela qual passavam as cidades européias nesse momento, tendência essa que se consolidaria no final do século XIX na cidade de Manaus.

Os jornais do período provincial já começavam a apresentar a questão da modernidade através de seus anúncios, destinados principalmente ao público feminino, que era o grande consumidor desses produtos. Manaus já estava na rota desses produtos, que aqui chegavam antes do auge da exportação da borracha. E os jornais já iniciavam a veiculação dessa tendência de requinte e refinamento, que tinha como ideal o continente europeu. O anúncio do *Commercio do Amazonas* avisava que havia acabado de chegar diversos itens de “bom gosto” e que também se confeccionava vestidos iguais aos modelos europeus.

Loja Amelia – Travessa da Gloria – Para este novo estabelecimento acaba de chegar as seguintes mercadorias de bom gosto por preços razoáveis; gorgorão de pura seda preta, popelinas achamalotadas, lans com listas, setins de cores(...) No mesmo estabelecimento fazem-se vestidos pelos figurinos chegados ultimamente da Europa. Os mesmos se achão á exposição das exm.

²⁹⁰ *Commercio do Amazonas*, n° 208, Manaus, 27 abr. 1872.

sras que se dignarem com a sua presença honrar o estabelecimento. Amelia Gameiro²⁹¹

A mulher passou a ser o principal alvo desse tipo de anúncio, que vendia produtos que deixariam a mulher bela, feminina e elegante. Dessa forma, podemos afirmar que esses anúncios eram direcionados ao público feminino. Ana Luiza Martins, afirma que a participação das mulheres na Imprensa data da primeira metade do século XIX, o que lhe conferiu um papel importante dentro dos jornais seja como leitora, seja como produtora e até mesmo como consumidora.

Assim, conformava-se a mulher ao mercado do impresso, não apenas como *leitora*, mas como *produtora* de textos e periódicos, assim como *consumidora* de produtos anunciados pela imprensa. Nessa última condição, mobilizou todo um mercado, tornando-se alvo de editores em busca de lucro, cientes do potencial de consumo daquele segmento às voltas com a economia do lar, dos produtos de saúde e beleza, de trabalhos domésticos – tricô, crochê e bordados – estampados com frequência nas páginas das revistas que já se tornavam de variedades.²⁹²

Morel aponta para a importância do público feminino para o desenvolvimento da Imprensa. Os folhetins, direcionados principalmente a elas, impulsionaram a vendagem dos jornais. O sucesso dessas publicações era garantia de venda do jornal.²⁹³ Dessa forma, a leitura dos jornais pelas mulheres deve ser levantada como um primordial aspecto não só para a História das Mulheres, pois as coloca como agentes nesse processo, como também para a História da Imprensa no Brasil, na medida em que sua realização foi essencial para a trajetória de muitos jornais.

Concluimos que, na província, ainda em fase de consolidação, e onde a imprensa dava seus primeiros passos, apesar da forte tradição oral presente na região e do reduzido número de leitores, as mulheres ocuparam importante papel e inseriam-se nesse grupo e, por muitas vezes, contribuíram como colaboradoras dos jornais naquele período.

²⁹¹ *Commercio do Amazonas*, nº 129. Manaus, 1875.

²⁹² MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo, Contexto, 2008, p. 69.

²⁹³ MOREL, Marco. Da Gazeta tradicional aos jornais de opinião. Op. Cit., p. 59.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar a Imprensa em qualquer momento da História sempre se apresenta como um trabalho instigante e desafiador. Através do seu olhar, adentramos em um universo muito particular de visões de mundo. Relações sociais são estabelecidas, enredos são criados e representações são construídas por meio da Imprensa. Perceber como foram construídas essas relações e o que representava a leitura desses impressos para os homens do passado não é tarefa fácil.

A Imprensa amazonense nasceu concomitantemente com a criação da Província do Amazonas. Assim, deu seus primeiros passos e procurou se estabelecer na sociedade da mesma forma que o novo governo. Nas décadas que se seguiram, os habitantes locais viram o surgimento de 124 periódicos publicados na capital e no interior da Província. Esse número de jornais, aparentemente modesto, se compararmos com a produção da Imprensa no período posterior, trazem importantes aspectos sobre a sociedade e cultura amazonense do período estudado.

Ao se trabalhar com os jornais, devemos considerar uma série de fatores, sendo uma deles, a relação entre imprensa e poder. Na análise feita sobre os jornais provinciais, percebemos que essa questão já estava situada nesse momento. Entre os proprietários e os redatores arrolados, identificamos alguns que exerciam outros tipos de atividades além do jornalismo. Entre essas ocupações, estava o funcionalismo público e a política, atividades que estavam ligadas a uma nascente elite amazonense. Essa relação demonstra que, apesar de não ganhar lucros com o jornalismo, essas pessoas já começavam a delinear um papel de destaque na sociedade.

Os jornais provinciais não se restringiam à publicação dos atos oficiais. Era uma imprensa que estava vinculada a interesses próprios, por vezes políticos. Liberais e Conservadores revezaram-se no poder, e, possuíam seus representantes na Imprensa local. Esses interesses refletiam-se em suas páginas, faziam críticas, algumas vezes, mordazes, a seus desafetos, fossem eles figuras públicas, pessoas do governo ou até mesmo os trabalhadores de outros órgãos da Imprensa. Sendo que as contendas entre os membros da Imprensa chegavam a ultrapassar os limites da redação.

Além de uma Imprensa que se posicionava contra ou a favor de um determinado governo, ela também trazia olhares sobre a cidade a partir de suas denúncias e

reclamações. Suas denúncias agiam no sentido de moralizar a sociedade, construindo representações acerca de determinadas práticas dos populares. As reclamações, principalmente relacionadas à prestação de serviços, eram anseios de quem estava vivenciando aquela época.

Assim, além de uma imprensa atuante, que defendia ou atacava quando fosse preciso, também tivemos jornais que construíam valores e representações sobre a sociedade, valores que, por vezes, convergiam com os anseios das elites. Mas não poderíamos discorrer sobre o papel dos periódicos sem analisar esses personagens fundamentais que eram os leitores. Personagens estes que representavam um papel primordial nesse cenário. Eles mantinham uma relação estreita com os jornais, através das cartas enviadas e da leitura dos mesmos. Considerável também tentar compreender o que representava para essa sociedade, tradicionalmente baseada na comunicação oral, a leitura desses impressos que se configuravam como único veículo de comunicação. Uma reflexão que temos a clareza de que foi apenas o início da discussão sobre o tema.

A partir dessas análises, podemos afirmar que os jornais provinciais não podem ser reduzidos a determinadas características, como oficiais e elitistas. Tal fato seria limitar suas experiências. Eles nos apresentaram uma riqueza de ideias e ideais, o que tornou difícil a tarefa de caracterizá-los em conjunto. Apesar dessa dificuldade, seria correto afirmar que a Imprensa passou pela fase embrionária e de consolidação, quando estabeleceu-se como veículo de comunicação na sociedade amazonense, apesar das dificuldades enfrentadas pela produção jornalística daquele período. Outro fato é que estava em consonância com os jornais de outras províncias, contudo apesar das semelhanças, trilhava seus próprios caminhos.

Importante destacar também que as questões levantadas pelos jornais amazonenses, como a Modernidade e o discurso do Higienismo, e as características apresentadas pelos mesmos, ainda estavam em sua fase incipiente. Faziam parte de um processo que se consolidaria para a cidade de Manaus em fins do século XIX. Interessante é observar que essas questões já estavam presentes nos jornais desse período.

Apesar da riqueza de informações trazidas pelos jornais, essa discussão, sobre a Imprensa Amazonense durante o período provincial, ainda tem muito a ser estudada. Esperamos ter contribuído minimamente para a construção dessa história. Cientes de que apenas iniciamos a reflexão sobre esses impressos, que muito representaram para a

Província do Amazonas, finalizamos da mesma forma como escreveu Sandra Pesavento, “*acabamos, sem acabar*”.²⁹⁴

²⁹⁴ PESAVENTO. Sandra Jatahy. *Uma Outra Cidade*, Op. Cit., p. 356.

FONTES

1. Periódicos

Amazonas -1866-1889
Abolicionista do Amazonas -1884
O Americano - 1889
Apollo – 1882
O Aristarcho – 1884
O Artista – 1886-1888
O Catechista -1862-1871
Cinco de Janeiro -1879-1880
O Colibri -1873
Commercio do Amazonas- 1870-1884
Correio da Manhã - 1885
Correio de Manaós -1869-1881
Correio do Norte- 1877
O Corneta - 1888
Diário do Amazonas -1873
Diabinho - 1885
A Epoque – 1889
Echo do Norte - 1887
Echo dos Andes – 1882-1883
Echo Militar – 1878
Equador - 1888
Esperança- 1876
A Estrella do Amazonas- 1852-1866
Evolução - 1888
Futuro -1873
Gazeta de Manáos- 1885-1887
Gazetinha - 1885
Itacoatiara 1874 – 1875
A Imprensa Unida -1888
Jornal do Amazonas- 1875-1891
Jornal do Rio Negro -1867-1868
Monitor do Norte -1878
Morcego 1869-1870
O Norte do Brasil - 1888
A Província do Amazonas- 1888
A Palestra – 1882
O Paiz- 1886
Quinze de Agosto – 1881
Revista do Amazonas - 1876
O Rio-Mar – 1877
Rio Branco- 1886-1888
A Voz do Amazonas -1866-1867

2. Outras Fontes

Coleção de Relatórios de Presidentes da Província do Amazonas – 1851-1870.

Código de Posturas – 1872

Censo de 1872

Álbum da Cidade de Manaus – 1848-1858

Almanaque Administrativo - 1884

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANHA, Bento. *Um Olhar pelo Passado*. Manaus: Imprensa Oficial, 1987.
- BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica: técnicas de jornalismo*. Vol. 1 e 2. São Paulo: Ática, 1990.
- BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil, 1800-1900*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.
- BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BARBOSA, Marialva. *Os Donos do Rio: imprensa, poder e público*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2000.
- BARBOSA, Marta Emília J. Sobre História: Imprensa e Memória. In: ALMEIDA, Paulo R.; KHOURY, Yara A. e MACIEL, Laura A. (Orgs.). *Outras histórias: memórias e linguagens*. São Paulo: Olho D'Água, 2006.
- BARROS, José D'Assunção. *O Campo da História*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- BASILE, Marcello Otávio N. de C. O Império Brasileiro: Panorama Político. In: LINHARES, Maria Yedda (Org.). *História Geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1990.
- BITTENCOURT, Agnello. *Dicionário Amazonense de Biografias: vultos do passado*. Rio de Janeiro: Conquista, 1973.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História ou Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Lisboa: DIFEL, 1989.
- BRAGA, Genesino. *Chão e Graça de Manaus*. Manaus: Fundação Cultural do Amazonas, 1975.
- BRESCIANI, Maria S. Cidade e História. In: OLIVEIRA, Lucia Lippi (Org.). *Cidade: História e Desafios*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2002, p. 16-35.
- BURKE, Peter (Org.) *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.
- BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Contexto/Edusp, 1994.
- CASTRO, Mavignier de. *Síntese Histórica e Sentimental da Evolução de Manaus*. Manaus: Tipografia Fênix, 1948.
- CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
- CHALLOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte Imperial*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

- CRUZ, Heloísa de Faria. “Na Oficina do Historiador: Conversas sobre História e Imprensa”. *Projeto História*, São Paulo, n° 35, 2007, p. 255-272.
- CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em Papel e Tinta: periodismo e vida urbana 1890-1915*. São Paulo: EDUC, 2000.
- DAOU, Ana Maria Lima. *A Cidade, o Teatro e o “Paiz das Seringueiras”*: práticas e representações da sociedade amazonense na virada do século XIX. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Rio de Janeiro: Museu Nacional/ UFRJ, 1998.
- DARNTON, Robert e ROCHE, Daniel (Ed.). *Revolução Impressa: A Imprensa na França, 1775-1800*. São Paulo: Edusp, 1996.
- DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- DARNTON, Robert. *O Grande Massacre de Gatos e Outros Episódios da História Cultural Francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- DE LUCA, Tânia Regina. História Dos, Nos e Por Meio Dos Periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 111-153.
- FARIA E SOUZA, João Batista de. *A Imprensa no Amazonas: 1851 a 1908*. Manaus: Tipografia da Imprensa Oficial, 1908.
- FENELON, Déa Ribeiro. Cultura e História Social: Historiografia e pesquisa. *Projeto História*, São Paulo, n° 10, 1993, p. 73-90.
- FONSECA, Silvia Carla Pereira de Brito e CORREA, Maria Letícia (Orgs.). *200 anos de imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 22ª Edição. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- FREIRE, José Ribamar Bessa (Coord.). *Cem Anos de Imprensa no Amazonas (1851-1950)*: Catálogo de Jornais. Manaus, Calderaro, 1990.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GOMES, Ângela Castro. Cultura política: História e historiografia. In: *Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.
- LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. Portugal: Editorial Estampa, 1994.
- LEAL, Davi Avelino. *Entre Barracões, Varadouros e Tapiris: os seringueiros e as relações de poder nos seringais do Rio Madeira*. Dissertação de Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia. Manaus: UFAM, 2007.
- MACIEL, Laura Antunes. De “Do Povo não Sabe Ler a uma História dos Trabalhadores da Palavra”. In: ALMEIDA, Paulo R.; KHOURY, Yara A. e MACIEL, Laura A. (Orgs.). *Outras histórias: memórias e linguagens*. São Paulo: Olho D’Água, 2006.
- MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MAUAD, A. Maria e LOPES, M. F. de Brum. História e Fotografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 265-281.

- MESQUITA, Otoni Moreira de. *La Belle Vitrine: O Mito do Progresso na Refundação da cidade de Manaus (1890/1900)*. Tese (Doutorado em História). Niterói: UFF, 2005.
- MONTEIRO, Mário Ypiranga. *Roteiro Histórico de Manaus*. Vol. 2. Manaus: EDUA, 1998.
- MOREL, Marco e BARROS, Mariana Monteiro de. *Palavra, Imagem, Poder: O surgimento da Imprensa no Brasil no Século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- MOREL, Marco. Da Gazeta tradicional aos jornais de opinião: metamorfoses da imprensa no Brasil. In: NEVES, Lucia Maria B. P. (Org.). *Livros e Impressos: retratos do setecentos ao oitocentos*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009.
- PEREIRA, Nasthya Cristina Garcia. *Relações Homem-Natureza: o discurso político sobre agricultura e extrativismo na Província do Amazonas (1852-1889)*. Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2008.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. “Muito Além do Espaço: por uma história cultural do urbano”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 8, nº 16, 1995, p. 279-290.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Uma Outra Cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 2001.
- PINHEIRO, Geraldo Pantaleão Sá Peixoto. *Imprensa, Política e Etnicidade: portugueses letrados na Amazônia (1885-1936)*. Tese de Doutorado em História. Porto: Universidade do Porto, 2012.
- PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto e PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Gavroche: Boletim de Pesquisa do Laboratório de História da Imprensa no Amazonas*. Manaus, vol. 1, nº 1, 2005.
- PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A Cidade Sobre os Ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus, 1889-1925*. Manaus: Valer, 2001.
- PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Folhas do Norte: Letramento e Periodismo no Amazonas (1880-1920)*. Tese de Doutorado em História. São Paulo: PUC-SP, 2001.
- POLLAK, M.. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 5, 1992.
- PROST, Antoine. *Doze lições sobre a história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- RABELO, Ana Paula de S. *Do tempo de Taipa ao Templo de Pedra: a construção da Igreja Matriz de Manaus (1858-1878)*. Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2008.
- RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar*. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- REIS, Arthur César Ferreira. *História do Amazonas*. 2ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1989.
- RÉMOND, René. *Por que a história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ / Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tomo III. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papirus, 1997.

- SAMPAIO, Patrícia Maria Melo. *Os fios de Ariadne: tipologia de fortunas e hierarquias sociais em Manaus: 1840-1880*. Manaus: EDUA, 1997.
- SANTUCCI, Jane. *Cidade Rebelde: as revoltas populares no Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra.
- SCHWARCZ, Lilia M. *Retrato em Branco e Negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- TAVARES NETO, João Rozendo. *A República no Amazonas: disputas políticas e relações de poder (1888-1896)*. Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2011.
- THOMPSON, Edward Palmer. *A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros: Uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo, PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha e KHOURY, Yara Maria Aun. *A Pesquisa em História*. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2007.
- VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo et. al. A Imprensa Como Fonte Para a Pesquisa Histórica. *Projeto História*, nº 3. São Paulo, Educ, 1984, p. 47-54.
- WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- ZICMAN, Renée Barata. História Através da Imprensa: algumas considerações metodológicas. *Projeto História*, nº 4. São Paulo, Educ, 1985, p. 89-102.

ANEXOS

A – RELAÇÃO DE JORNAIS DO PERÍODO PROVINCIAL (1871-1889)

JORNAL	PERÍODO DE PUBLICAÇÃO	PERIODICIDADE	PROPRIETÁRIOS	OBS
<i>Abolicionista do Amazonas</i>	1884	3X por semana	Club emancipador	
<i>Actualidade</i>	1874			
<i>Ajuricaba</i>	1878-1879			
<i>Amazonas</i>	1866-1921	3X por semana	Empresa Tipográfica e Jornal do Amazonas	
<i>O Amazonense</i>	1889			
<i>Amazônia</i>	1884-1885			
<i>O Americano</i>	1889	Semanário		
<i>Apolo</i>	1882			Manuscrito
<i>Argos</i>	1870-1872			
<i>O Aristarcho</i>	1884	Semanário		
<i>O Artista</i>	1886-1888	3 X por semana	Associação artística	
<i>Ave Libertas!</i>	1884			Homenagem ao Ceará
<i>O bem Público</i>	1889	3X por semana	Souza & Rocha	
<i>O Bilontra</i>	1888			
<i>Bilontra Júnior</i>	1888			
<i>Carapanã</i>	1884			
<i>O Catechista</i>	1862-1871	Semanal		
<i>Censor</i>	1880-1881			
<i>O censor do censor</i>	1880	Semanário		Substituído pelo palmatória
<i>Chechéo</i>	1861			
<i>Chicote</i>	1882			Efêmero
<i>Chrysalida</i>	1871			24º. Periódico
<i>Cidade de Manaus</i>	1888-1889	3X por semana	Empresa da oficina V. Silva	
<i>Cinco de Janeiro</i>	1879-1880			
<i>Cinco de Setembro</i>	1851	Semanário	Manoel da silva ramos	Mudou o nome para Estrela do Amazonas
<i>Cinco de setembro</i>	1888			Edição Ext. Homenagem ao 13 de maio
<i>O Cipó</i>	1888			Circulou apenas o n. 1
<i>Colibri</i>	1873			Pouca duração
<i>O Colibri</i>	1888			Apenas 2 números
<i>Commercio do Amazonas</i>	1869-1904	Diário	Gregório José de Moraes	
<i>Commercio do Madeira</i>	1884-1885			Cidade de Manicoré
<i>Commercio do Purus</i>	1886-1887			Cidade de Lábrea
<i>O Condor</i>	1886			
<i>A Constituição</i>	1888			
<i>O Corneta</i>	1888	Semanário	Oscar J. D Oliveira	
<i>Correio do Madeira</i>	1885-1891			Cidade de Manicoré
<i>Correio da Manhã</i>	1885			
<i>Correio de Manaus</i>	1869-1881			Desapareceu em 1869 e reapareceu em 1881
<i>Corsário</i>	1889			Manuscrito
<i>A Democracia</i>	1878			
<i>16 de Julho</i>	1868	Semanário		
<i>Diabinho</i>	1885	Semanário		
<i>O Diabo</i>	1885			Curta duração
<i>Diário do Amazonas</i>	1873-1915	Diário	Antonio da cunha Mendes &filhos	
<i>Echo</i>	1870			
<i>Echos dos Andes</i>	1882-1883			
<i>Echo do Norte</i>	1887	Semanário	Uma associação	
<i>A Epocha</i>	1889-1890	3X por semana	Acrísio Gomes da Silva	
<i>Equador</i>	1888	Semanal	De uma associação	
<i>Esperança</i>	1876			
<i>Espião</i>	1889			Manuscrito
<i>A Estrella do Amazonas</i>	1852-1866	Semanário	Manoel da Silva Ramos	Substituiu o 5 de setembro
<i>Estudante</i>	1882			Manuscrito
<i>Evolução</i>	1888	2X por semana	Oscar J D Oliveira e Cel. Elias Souto	

<i>A Fé</i>	1869			Dois números
<i>Foz Madeira</i>	1876-1877	Semanal		Cidade de Itacoatiara
<i>Futuro</i>	1873			Apenas 20 números
<i>Gazeta Literária</i>	1889			Manuscrito
<i>Gazeta de Manáos</i>	1885-1887			
<i>Gazeta de Manicoré</i>	1886-1887			Cidade de Manicoré
<i>Gazetinha</i>	1885			
<i>Homenagem</i>	1889			Ed. Especial
<i>A Imprensa</i>	1887-?	Diário		
<i>A Imprensa Unida</i>	1884	Ed única		Vários jornais se uniram para defender a abolição
<i>A Imprensa Unida</i>	1888	Edição Única		
<i>Itacoatiara</i>	1874-1875		Cap. Felisardo Joaquim	Cidade de Itacoatiara
<i>Jornal do Amazonas</i>	1875-1891	Tri-semanal	Ernesto Vieira e Domingos Queiroz	
<i>Jornal do Comercio</i>	1869			Poucos números
<i>Jornal do Commercio</i>	1887			
<i>Jornal do Norte</i>	1871-1872	Diário		
<i>Jornal Oficial</i>	1882	Bi-semanal		
<i>Jornal do Rio Negro</i>	1867-1868	Diário	Moraes e Cia	
<i>Labrense</i>	1888-1891	Semanal	Gustavo Brígido	Cidade de Lábrea
<i>Leão</i>	1889			Manuscrito
<i>Lei</i>	1867			2 números
<i>Liberal do Amazonas</i>	1873-1874			
<i>Lobo</i>	1889			Manuscrito
<i>Luneta</i>	1889	Semanário		Manuscrito
<i>Luz da Verdade</i>	1889	Bi-semanal	Uma associação	
<i>Maluco</i>	1889			Manuscrito – alunos do ginásio
<i>Manáos</i>	1887-1890	Tri-semanal	Joaquim Neves	
<i>O mantenedor</i>	1888 - ?		Soc. Da Ordem, Mant. Do Direito	
<i>Mercantil</i>	1868			Precedeu o Commercio do amazonas
<i>O Mérito</i>	1889	Edição Única		
<i>Moleque</i>	1889			Manuscrito
<i>Monarquista</i>	1870	Quinzenal		
<i>Monitor do Norte</i>	1878			
<i>Morcego</i>	1869-1870			
<i>O Mucuí</i>	1888-1898			
<i>Município do Lábrea</i>	1889-1890	Semanal	Jaime Simões e A. de Menezes	Cidade de Lábrea
<i>O Norte do Brazil</i>	1888	3Xsem.	Miranda Lima & Cia	
<i>O Paiz</i>	1886	Semanal		+ de 30 números
<i>Palestra</i>	1882			Poucos números
<i>Palmatória</i>	1880-1881	Semanário		Poucos números
<i>O Pão</i>	1889			
<i>Papagaio</i>	1889			Manuscrito
<i>O Papagaio</i>	1889	Semanário	Correia de Sá	
<i>Pensamento</i>	1886			Manuscrito
<i>Petiz-jornal</i>	1888			
<i>Pitorra</i>	1888			1 número
<i>O Progressista</i>	1863			Curta duração
<i>O Propagador</i>	1889-?	Mensal	Pharmacia Amazonas	
<i>A Província</i>	1878-1885			
<i>A Província do Amazonas</i>	1886			Constituiu-se em uma Polyanthéia
<i>A Província do Amazonas</i>	1887-?	3X por semana	J.A.Paraguaçu	
<i>O Purus</i>	1886-1894			Cidade de Lábrea
<i>Quinze de Agosto</i>	1881-1883	Anual		
<i>A Reforma Liberal</i>	1868-1881	Bi-semanário		
<i>Reverbero</i>	1889-?			Existência curta
<i>Rio Branco</i>	1886-1888	Diário		Boa Vista
<i>Rio de Madeira</i>	1881-1883	Semanário		Manicoré
<i>O Rio Mar</i>	1877			
<i>O Rio Mar</i>	1889-1901			
<i>Rio Negro</i>	1873-1874			
<i>Saltimbanco</i>	1889			Manuscrito
<i>Saudades Perpétuas</i>	1884			Dedicado à memória do poeta Adelino Fontoura
<i>A Sciencia</i>	1889-1890			

<i>O Século</i>	1889-1890			
<i>Sensitiva</i>	1863-?			Saíram poucos números
<i>A Tesoura</i>	1889	Semanário		Apenas dois números
<i>Vigilante</i>	1859	Semanário		
<i>Vinte Um de Abril</i>	1882			Homenagem a Tiradentes
<i>A Voz do Amazonas</i>	1866-1867	Bi-semanal	João Marcellino Taveira	Publicaram 35 números
<i>Voz do Povo</i>	1881-1882			
<i>Voz da Razão</i>	1889-?			Saíram poucos números

Fonte: FREIRE, José Ribamar Bessa (Coord.). *Cem Anos de Imprensa no Amazonas (1851-1950)* – Catálogo de Jornais. Manaus: Calderaro, 1990.


B – ANEXO FOTOGRÁFICO

1 – A Estrella do Amazonas

BRASIL IMPERIO

NUMERO 2. PROVINCIA DO AMAZONAS. ANNO DE 1852.

QUARTA-FEIRA 14 DE JANEIRO. 1.º TRIMESTRE. — ANNO I.



ARCHIVO PUBLICO DO Imperio

A ESTRELLA DO AMAZONAS.

A ESTRELLA DO AMAZONAS, publica-se todas as Quartas-feiras, e para ella subcreve-se na sua typographia na rua Formoza caza n.º —: o preço da assignatura he de 2\$ r.º por trimestre, pagos no recebimento do 1.º numero de cada trimestre. As folhas avulsas custarão 200 réis; cada linha de avisos 100 réis, e sendo para assignante, até 20 linhas gratis, e d'ahi para cima 80 réis.

IMPRESSO NO AMAZONAS, NA TYP. DE M. DA S. RAMOS, RUA FORMOZA N. — 1852.

PARTE OFFICIAL.

PROVINCIA DO AMAZONAS.

— Expediente do dia 2 de Janeiro. —

Circular. — Determinando ás Camaras Municipaes da Capital, Maués, Barcellos, e Ega, e aos Collectores das rendas provinciaes da Capital, Silves, Serpa, Maués, Villa Nova, Canuman, Borba, Moura, Barcellos, Marabitanas e Ega, que continuão em vigor, nesta provincia, as Leis e Regulamentos promulgadas pela Assembléa e Presidencia da provincia do Graõ-Pará, em quanto a Assembléa desta não começar a funcionar, e revogal-as.

Officio. — Ao Contador do Correio da provincia do Pará, em Contaissaõ nesta, determinando que comece os seus trabalhos, estabellecendo a marcha regular, promptidaõ do expediente, e a escripturaõ conveniente para bem dos interesses da Fazenda Nacional, e das partes, na Administraõ do Correio desta Capital.

Portaria. — Criando provisoriamente huma Administraõ do Correio nesta provincia com o pessoal e vencimento designado na Tabella que a acompanha.

Tabella á que se refere a Portaria ácima: Administrador Thezoureiro com 500\$000 rs. d'ordenado: Ajudante Contador com 400\$000 réis: Praticante servindo de Porteiro com 300\$000 réis.

Portaria. — Nomeando interinamente para servirem os lugares designados na Tabella á cima, a Antonio Pereira Lima, Administrador Thezoureiro: José Bento da Silva, para Ajudante Contador, e Raymundo José Ferreira d'Alcantara, para Praticante servindo de Porteiro. Passaráõ-se as respectivas Provisões.

Dita. — Nomeando interinamente á Manoel Thomaz Pinto, Thezoureiro de Fazenda, Maximiano de Paula Ribeiro, Procurador Fiscal, Silvestre Tenreiro Aranha, 1.º Escriptuario, Aristides Justo Mavignier, 2.º Escriptuario, e Fernando Felix Gomes Junior, Official da Secretaria, todos da Thezouraria de Fazenda. Passaráõ-se no mesmo dia as respectivas Provisões.

Dita. — Organizando provisoriamente a Secretaria do Governo, com hum Official-maior com 700\$000 réis, dous Amanuenses, e hum Porteiro servindo de Continuo, com 400\$000 rs. cada hum.


Dita. — Nomeando interinamente a Joaõ d'Oliveira Seixá para Amanuense da Secretaria, e a Ricardo José Corrêa de Miranda para Porteiro servindo de Continuo: expediráõ-se os Titulos.

Officio. — Ao Dr. Chefe de Policia remetendo para seu conhecimento, e para remetter aos seus Delegados, e Subdelegados copias das Circulares expedidas pelos Ministerios dos Negocios da Guerra e Marinha em 23 de Agosto e 4 de Outubro ultimos.

Dito. — Ao Commandante do Vapor Guapiasú enviando copias dos Avisõs expedidos pelo Ministerio da Marinha em 10 de Setembro e 4 de Outubro ultimos para terem a devida observancia: comunica-lhe haver tomado posse da Presidencia, e pede esclarecimentos e requisições a bem do importante serviço, ou os embaraços que se tenham de sentir e remover, para a navegacão da Barca de seu Commando entre esta e a Provincia do Pará. Agradece-lhe, e á seus Officiaes, o louvavel porte com que se distinguiráõ durante a penosa viagem, e as mostras de consideracão com que nella e aqui o tem honrado.

Dito. — Ao Sr. Inspector da Thezouraria communicando haver mandado passar nomeações aos Cidadãos por elle propostos em officio da mesma

Estrella do Amazonas, nº 2. Manaus, 14 jan. 1852.



BRASILEIRO DOMINGO, 4 DE MAIO DE 1884 PORTUGUEZ

ABOLICIONISTA DO AMAZONAS

Anno I PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE Num. 1

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS NA CAPITAL Trimestre 34000 Semestre 62000 Por anno 104000	Os macteroses na lista, Faltas, check de gloria, O hyman de uma virtosa.	PREÇOS DAS ASSIGNATURAS DO INTERIOR Trimestre 13500 Semestre 25500 Por anno 44000
--	--	--

ABOLICIONISTA DO AMAZONAS

MANAUS, 4 DE MAIO DE 1884.

Programma.

Surgindo hoje a luz da publicidade, este periodico dedicado exclusivamente a fazer propaganda das ideias que se propõem advogar, faz completa abstenção das questões politicas ou administrativas, que não se envolvam com o mesmo assumpto. Elle será publicado uma vez por semana, aos domingos, ou mais vezes se a necessidade assim o exigir. Desconhece completamente os partidos melitantes dedicando-se unicamente a causa da abolição do elemento servil n'esta provincia. Para o desempenho de sua missão pede o concurso e collaboração de todas as pessoas que se interessam por tão justa causa.

Recebe para dar publicidade qualquer escripto tendente a emancipação, devendo aquelles que envolvam accusações ser legalisados na forma da lei, sem o que não se lhes dará publicidade. Recebe tambem qualquer outra publicação que não se opponha a este programma.

Os escriptos com que se nos queira honrar, deverão ser dirigidos até nocio dia das quartas-feiras de cada semana ao escriptorio da typographia do *Commercio do Amazonas*.

Podemos as pessoas a quem for distribuido o 1.º numero de nosso periodico e que não o queiram assignar o obsequio de remetel-o ao escriptorio da mesma typographia.

—♦—

A provincia do Amazonas é a

locomocão, e a opulencia de suas florestas encravadas de preciosidades, attrahem sobre si as vistas e admiração do velho mundo.

E ella de frente para o Oriente, não pôde reprimir o sol do meio dia que a envolve n'uma grinda de luz.

Assim ella consagra os principios da democracia moderna como flos de sua unidade e igualdade social.

Os Poderes Publicos, impulsivados pela iniciativa individual e collectiva, acabam de firmar o pacto da liberdade consorciada com a lei, decretando os meios para extincção da escravidão na Provincia.

A Lei n. 632 consagrando em sua integra os principios de igualdade e justa compensação, delineando a revolução economica do trabalho, iniciou uma nova era de prosperidades a Amazonia.

Portanto o dia 24 de Abril de 1884 é a data legendaria de uma conquista para a historia da Provincia do Amazonas.

« As leis sabias fazem um povo feliz ».

Houa e preito aos Representantes da Provincia no biennio de 1884 a 1885, como benemeritos batalhadores em prol das grandes causas.

Concluimos trasladando para nossas columnas a

—♦—

«LEI AUREA»

Eis a integra da lei, que na respectiva colleção vae tomar o n.º 632, votando o fundo de 300:000 réis para auxilio da libertação dos escravos desta provincia :

« Art. 1.º—Com o fim de auxiliar a iniciativa da liberdade individual e collectiva, os sentimen-

bertos os escravos actualmente existentes na Provincia e matriculados e averbados nas repartições fiscaes respectivas até a data da presente lei.

« Art. 4.º—O Presidente da Provincia no regulamento que expedir para execução d'esta lei determinará o processo de emancipação pelo fundo de Abolição AMAZONENSE tendo em attenção as seguintes bases :

« § 1.º—O valor de cada escravo para a libertação será aquelle em que acordarem a commissão municipal nomeada pelo Presidente com o respectivo proprietario.

« § 2.º—A commissão se comporá de tres ou mais cidadãos, fazendo sempre parte d'ella o Presidente da Camara Municipal.

« § 3.º—Fixado o preço, será elle pago logo que seja homologado pelo Presidente da Provincia e depois de passada a carta de liberdade pelo proprietario.

« § 4.º—Para classificação e determinação de preferencias servirão de modelo as decisões geraes, que forem adaptaveis á distribuição do fundo de Abolição AMAZONENSE.

« § 5.º—As matriculas e averbações feitas até a data da lei servirão de base para o calculo estatistico da população escrava da Provincia.

« Art. 5.º—Todo o escravo que mudar de residencia de um para outro municipio d'esta Provincia, por virtude de qualquer contrato ou acto juridico translativo da propriedade ou a elle equivalente, fica sujeito á averbação na estação fiscal do municipio para onde se der a mudança.

« § 1.º—A taxa da averbação será de 100\$000 réis por cada escravo, naes e noerorioraet no

za Chaves, Lourenço Pessoa, Alvaro Botelho da Cunha Junior, directores da sociedade abolicionista PRIMEIRO DE JANEIRO, têm a subida honra de cumprimentar ao Exm. Sr. commendador Guilherme José Moreira, e pedir-lhe o seu valioso concurso para maior brilhantismo da festival de 24 do mez de Maio vindouro, promovida pelas nossas illustres confrades da sociedade AMAZONENSES LIBERTADORAS, conduzindo ao baptismo da liberdade os nossos irmãos que ainda em captiverio existem em poder de

V. Exc. »

—♦—

tos justifica a epigraphie desta noticia.

—♦—

Ação benemerita

O sr. Antonio Sabino da Silva e sua virtuosa consorte a exm.ª sr.ª d. Amalizes Gonçalves de Campos, no chegar a esta capital, no dia 28 do corrente, deram liberdade sem onus ou condição alguma, a sua escrava de nome Raymunda com 28 annos de idade.

Actos desta ordem estão acima de todo o elogio, por isso nos emprimos a registral-o, publicando em seguida a referida carta :

pela directoria em libertação de escravos.

6.º

Os bairros do Espirito Santo, S. Sebastião, Remedios e de Nazareth serão subdivididos em tantas secções quantos forem os quarteirões de que cada um se compozer.

7.º

Em cada uma destas haverá uma commissão de 2 membros para receber as mensalidades e fazer aquisição de objectos para os leilões.

8.º

Todos os associados são obriga-

Silvio Pellico da Cruz Araujo, Ambrosia Maria de Araujo, Raymundo Antonio Fernandes, Antonio Carlos Ferreira dos Santos, Severiano de Souza Coelho, Francisco José de Castro e Costa, Gentil Augusto Bittencourt, Raymundo de Vasconcellos.

(Continua.)

AMAZONENSES LIBERTADORAS.

ACTA DA FUNDACÃO DA SOCIEDADE « AMAZONENSES LIBERTADORAS ».

Aos vinte e quatro dias do mez de Abril de mil oitocentos e oiten-

Abolicionista do Amazonas, nº 1. Manaus, 4 maio 1884.

N. 18. Manaus 12 de Julho de 1862. Anno I.



O CATECHISTA.



Folha Commercial, Noticiosa e Analytica.

Publica-se este jornal uma vez por semana, e subscreve-se na sua typographia, travessa da Olaria n.º 5 As correspondencias ou outras quaesquer publicações, deverão vir legalizadas no forma da lei. Os annuncios dos Snrs. Assignantes eraõ gratis até 20 linhas.

Preço das Assignaturas.	
Por anno	8\$000
„ semestre	4\$500
„ trimestre	2\$500
Folha avulsa	\$240

O CATECHISTA.

O Vapor *Belem* da Companhia do Amazonas, tendo entrado no porto d'esta Capital no dia 6 do corrente, pelas 7 horas trouxe-nos a noticia da realitta do ministerio de 24 de Maio.

Com quan o sahido fosse do seo do parlamento, os membros que o compunhao, e parecendo possuir a sua confiança, apenas quatro dias esteve o Gabinete na gorenca dos negocios publicos.

Amatoria ficticia que lhe deo vida e que o pojava, ou parecia apoiar-lo, tornou-se em memoria; e não podendo por consequencia continuar no poder, demittio-se, tendo antes propozte a corda este alvitre, ou a dissolucao da camara que foi por ella recessado.

Foi ehando o Sr. Senador Marquez de Olinda para organizar novo ministerio que ficou composto da maneira seguinte:

Présidente do Conselho, e ministro do imperio, o sr. senador Marquez de Olinda.

Ministro da justiça, o sr. visconde de Maranhão.

Ministro da fazenda, o sr. visconde de Albuquerque.

Ministro da marinha, o sr. deputado Joaquim Raimundo De Lunnre.

Ministro da guerra, o sr. Brigadeiro Polydoro da Fonseca Quintanilha Jordão.

Ministro d' agricultura commercio e obras publicas, o sr. senador João Elias Vieira Cansaução de Siniubú.

CARTA PASTORAL.

ANNUNCIADO A PRIMEIRA VISITA GERAL DA DIOCESE. D. Antonio de Macedo Costa, por merce de Deus e da Santa Se Apostolica, Bispo do Gram-Pará, do Conselho de S. M. O Imperador, que Deus Guarde etc. etc.

Ao clero, o povo fiel do Pará e Amazonas, saudo e benção em Jesu-Christo, Salvador nosso,

Eis chegado enfim, irmãos e filhos amados, o tempo de emprendermos a primeira visita geral d'esta vasta diocese, confiada, ainda que imnercidamente, aos Nossos cuidados pastoraes.

De ha muito ter-amos já roado para Nossos filhos, que habitam fóra d'esta capital, tão ardente e odesejo que sempre tivemos de conhecê-los, de animá-los, de nutrí-los com a palavra de vida, de os consolar em suas penas, e os dirigir pelos verdadeiros caminhos da salvação. Mas pelo rigor da estação pluviosa, devendo tornar-se por demais incommoda a reunião dos povos nos diversos centros parochiaes, foi mister sobrestar na realisao da tão almejado intento. Livre, porém, agora d'este e outros graves embarços, podemos, nos transportes de nossa paternal alegria, annunciar-vos que em pouco tempo se apraz ao Senhor, estaremos no meio de vós.

Feliz se preencheremos os intuitos da santa igreja catholica quando estabeleceu a lei saudavel da visitação pastoral! Feliz se depois de haver o Pastor feito ouvir a sua voz ás ovelhas e as ter conhecido, como as ovelhas ao pastor (1), marcharmos todos na unidade da fé, no vinculo da paz (2) e da caridade, sob a inspiração do mesmo Espirito vivificante, para o consequimento do fim sobrenatural á que estamos destinados.

Amados filhos, não somos vossó Pastor senão para obter a todo custo vossa salvação. Esta é a vontade de Deus, que vos santifiqueis, (3) que vivais todos como bons e fieis christãos, não offendendo a ninguem (4), obedecendo á lei do

(1) *Et cognosce (oves) meas et cognoscunt.* Jan X 14
 (2) Ephes. IV. 3.
 (3) Thees. IV. 3.
 (4) *Nemini dantes ullam offensionem.* II. ad Cor. VI. 3.

Anno I. Manaus 1 de Julho de 1870. Numero 259.

COMMERCIO DO AMAZONAS

Propriedade de Gregorio José de Moraes

ASSIGNATURAS (Capital.) Por trimestre 5\$500 N.º avulso 200	Publica-se todos os dias, excepto nos immediatos aos santificados e de festa nacional.	ASSIGNATURAS (Interior) Por trimestre 6\$000 Porte franco
--	--	--

PARTE OFFICIAL.

REGULAMENTO PARA A ARRECADACÃO DO IMPOSTO DO SELLO

(Concluzido.)

CAPITULO IV.

Da fiscalisação.

Art. 35. As estações encarregadas da cobrança não poderão fazer exame nos cartorios ou em repartições, para averiguarem faltas de pagamento; devendo, no caso de infração, requisitar das autoridades competidas ou exames para procederem contra os infractores.

Art. 36. Os delegados, subdelegados e juizes de paz são fiscaes do procedimento dos seus escrivões, como recebedores do sello.

Art. 37. O juiz, chefe de repartição publica, ou qualquer autoridade civil, ecclesiastica ou militar, geral, provincial ou municipal, a quem fór presente algum processo administrativo ou judicial, no qual existão papeis, que não tenham pago o sello ou a revalidação nos prazos legais, exigirá por despacho no mesmo processo, antes de lhe dar andamento, que a falta seja supprida.

Os processos, de que trata o art. 59, e os que estiverem submettidos aos tribunaes judiariarios, militares e ecclesiasticos, ás thesourarias de fazenda gerais e provinciaes, ao thesouro e ás secretarias do estado, poderão todavia ser ahí despachados antes de pago o sello, ficando deste dependentes os effeitos dos despachos.

Art. 38. Os directores ou gerentes de sociedades anonymas são obrigados a apresentar, quando o chefe da estação fiscal o exigir, os titulos de nomeação dos respectivos empregados, considerandose verificada a hypothese do art. 44 § 3º, no caso de recusa.

Art. 39. Os contratos ou estatutos das sociedades anonymas não serão recebidos nos tribunaes e conservatorios do commercio, sem que conste delles o assentamento do sello do capital.

Art. 40. As autoridades, empregados, juizes, tabelães, escrivões e officiaes publicos a quem fór presente titulo ou papel sujeito á revalidação, ou donde conste alguma das infrações de que tratão

os arts. 43 e 47, o remetterão ao chefe da estação fiscal do districto ou a quem competir proceder sobre elle.

Art. 41. As decisões serão dadas por despacho no proprio titulo, no requerimento da parte ou comunicação official.

Art. 42. Se o contribuinte não pagar logo o imposto, ou se além da revalidação houver multa, ser-lhe-ha, não obstante, devolvido o titulo, ficando cópia authentica do mesmo e do despacho nello proferido para os effeitos legais.

§ 1º. De autos e escriptos lavrados ou registrados em livros de cartorios e repartições publicas, e de papeis de grande volume não se extrahirá copia, mas sim extracto contendo os factos justificativos da decisão.

§ 2º. Este artigo não é applicavel aos titulos e papeis, de que trata o art. 45, os quaes, decidida definitivamente a questão pela autoridade administrativa, serão enviados a quem de direito fór para instauração do processo criminal.

CAPITULO V.

Das multas.

Art. 43. Ficão sujeitos á multa de 50 a 250, além das penas do codigo criminal, os empregados na arrecadação do sello que receberem ou lançarem no livro de receita taxa maior ou menor do que a devida.

Art. 44. Incorrerem na multa de 100 a 500, além das penas do codigo criminal:

§ 1º. Os juizes que sentenciarem autos ou assignarem mandados e quaisquer instrumentos e papeis que nenhum sello tenham pago, ou em que a verba tiver sido feita e o sello adhesivo inutilisado por pessoa incompetente.

§ 2º. Os empregados que, sem prévio pagamento do sello, fizerem assentamento, em folha, de titulos de nomeação.

§ 3º. O juiz, autoridade civil, ecclesiastica, militar ou municipal, chefe de corporação de mão-morta ou director de sociedade anonyma que der posse e exercicio a qualquer empregado publico, sem que o titulo de nomeação esteja sellado.

§ 4º. O chefe de repartição publica, juiz ou outro funcionario que assignar contratos ou nomeações, attender officalmente ou definir requerimento no papel instruido de documentos não sellados, ou fizer guardar e cumprir ou que produza

Commercio do Amazonas, nº 259. Manaus, 1º jul. 1870.

CORREIO DE MANAOS

ANNO I. Terça-feira 7 de Setembro de 1869. N. 1.

<p>ASSIGNATURAS.</p> <p style="text-align: center;">CAPITAL.</p> <p>Por anno. 16\$000</p> <p>Por trimestre. . . . 4\$300</p>	<p>PROPRIETARIO E REDACTOR</p> <p>O Bacharel Alfredo Sergio Ferrara.</p> <p>EDITOR—Rogerio Antunes Garcia.</p> <p><i>Publica-se nas Terças e Sextas.</i></p> <p><i>Pagamentos ánteados.</i></p>	<p>ASSIGNATURAS:</p> <p style="text-align: center;">INTERIOR E PROVINCIAS.</p> <p>Por anno. 18\$000</p> <p>Por trimestre. . . . 6\$300</p>
--	--	--

<p>SUMMARIO.</p> <p style="text-align: center;">COLLABORAÇÃO</p> <p style="text-align: center;">FACTOS DIVERSOS</p> <p style="text-align: center;">CORRESPONDENCIAS</p> <p style="text-align: center;">LITTERATURA</p> <p style="text-align: center;">Comparação de peso e medidas</p> <p style="text-align: center;">ANNUNCIOS</p> <p style="text-align: center;">COLLABORAÇÃO.</p> <p style="text-align: center; font-size: small;">Manáos 7 de Setembro de 1869</p> <p>A imprensa é sem duvida o pilar destinado a civilização dos povos.</p> <p>O progresso, esse indevelvel semente da actividade humana, já mais prescindirá da mageste a a lavança do immortal Gutenberg que derramando o conhecimento das letras, sciencias e artes, per correndo d'esde a vetusta Europa tem se entranchado aos mais reconditos imperios d' Africa e Oceania, cultivando os seus povos e dando-lhes um nome no mund scientifico.</p> <p>A imprensa multiplica o pensamento e o conserva infinitamente; ella, só, tem creado a civilização e só ella a impedirá de perecer.</p> <p>Uma invasão de barbaros se meliante a aquella que destrua a civilização Romana quando o Christianismo havia atingido a seu apogeo de gloria e poder não poderia fazer retrogralar a actividade humana mais, que o aniquilamento da imprensa, da arte d'imprimir.</p> <p>Nas mais complicadas agitações dos povos, nas maiores difficuldades do corpo social, nas grandes lutas civis, nas interminaveis conflictos inter-nacionais a imprensa sempre terá e terá a mais proeminente lugar.</p> <p>E' por ella que a liberdade tem sido levada aos povos, é por ella que se tem derramado a ins-</p>	<p>rução por toda a parte, e que o commercio tem florescido no raizes cultos, e é n'ella finalmente, que a Igreja, a unica e verdadeira crença de nossos pais, tem encontrado grandes barreiras a invasões das seitas dessidentes e a religião de Christo sempre dominando.</p> <p>A imprensa tem um caracter sagrado, uma autoridade sobre natural para dominar as paixões reprovar a indolencia, elevar a ignorancia obstinada e a selvagem independencia do homem primitivo.</p> <p>Ella serve de cimento as associações, de moral ao desenvolvimento do homem; tem servido de alieceres á instituições duradouras e creado poderosos interesses; tem feito paralisar principios que se desenvolvendo impunemente na sociedade inconvenientes e traria fateses consequencias.</p> <p>Exercendo seu imperio sobre a vida material dos povos tem levado grandes monumentos, que demonstrão a grande actividade do homem, o gosto pela architectura, imprimindo na materia o que a de bello no espirito humano.</p> <p>Quando a imprensa domina quando n'ella ha uma ideia popular que tem plantado profundas raizes nas instituições humanas, ella tem em si um caractere beneficencia providencial, um resultado eminentemente salutar, que sem sua influencia não conseguiria.</p> <p>Sem a imprensa pois, não podemos ser livres, sem ella não ha liberdade, não ha commercio, industria e finalmente é ella o grande cargo da civilização moderna.</p> <p>E' pois n'essas condições, n'um emprego d'ella que a nossa constituição em seu art. 179 é a consagra e que o <i>Correio de Manáos</i> inceta a sua vida que será longa ou breve conforme destinadas a ampulheta dos impenetraveis segredos e vacillações da existencia d'uma sociedade nova, a cujos andrajos dorme uma reemascada que começa a estremer na longa e penosa vida politica do mundo.</p> <p>A provincia do Amazonaço quanto nova é de grande futuro, falta-lhe porém vida propria, falta-lhe a instrução, com-</p>	<p>mercio directo, e imprensa, ver lajeiros elementos de progresso.</p> <p>Destinada a representar um lugar igual ao de suas irmãs ella tem recursos naturaes, elementos poderosos para um dia arguer a sua autorisada voz nas margens do Rio Negro.</p> <p>Cumpre pois que cada um de nós procure aperfeicoar esses elementos, que lancemos mão d'esses recursos ou que pelo menos sejamos meros operarios do grande edificio do seo aperfeicoamento moral e material.</p> <p>O <i>Correio de Manáos</i> como modelo da imprensa fará a sua missão erguendo sua fraca voz em prol da civilização, do commercio e do lado material da provincia.</p> <p>Em seo caminho abstém-se de politica apaixonada e frenetica e se abraçará e discutirá os interesses que tendão ao melhoramento e engrandecimento da provincia para que tenha um nome distinguo nas sciencias e artes, no commercio e industria e enfim na seo progresso!</p> <p>Jamais aceitará discussões inconvenientes que sempre acarretão e produzem um mal moral sem nenhum resultado favoravel, mas as suas columnas sempre estarão abertas para tudo quanto "defeza" esse direito nuncantedado ao homem.</p> <p>O <i>Correio de Manáos</i> jamais e quecerá a familia.</p> <p>Na falta de um jornal recreativo destina uma parte de suas columnas para n'ella as moças de familias beberem alguma instrução, utilizarem o mundo pela phantasia, pelas exaltações da intelligencia do homem, e descendo a praticar encarar o mundo como elle é, com essas vaidades e prejudicios vicios da nossa sociedade.</p> <p>A mulher é hoje um ser social. Na instrução da mulher está o honor da familia, o seo primeiro cuidado.</p> <p>Filho d'um estado Catholico Apostolico Romano, sahido do meio dos sentimentos mais freneticos pela fé de Christo o <i>Correio de Manáos</i> é o defensor, quando for preciso, das santas instituições das leis do Messias.</p> <p>No desempenho de sua altissima e nobre missão aceita d'argos e truanos todos os escriptos que tendão a seo fim.</p> <p>Tenha o <i>Correio de Manáos</i> o</p>
---	---	---

7 DE SETEMBRO

Apparecendo o *Correio de Manáos* no dia de hoje, **7 de Setembro**, dia da Independencia do Imperio, saúda ao Brasil com enthusiasmo e fervorosos votos para que sempre á sombra d'esse grande principio — de amor pela patria — floresça e veja reproduzir-se novos dias que mostrem ilustre o padrão de gloria que tem sabido guardar.

O dia **7 de Setembro** desperta um dia de abrasado fogo de enthusiasmo para os brasileiros e não devemos deixar arrefecer o desfecho dos acontecimentos d'esse grande dia, para que não se apague na pagina da historia das nações.

Não devemos legar a posteridade o indifferentismo d'um movimento grandioso erguido nas ruínas do despotismo d'um povo que calia e com o hymno de victoria de uma nação que se erguia.

Hoje fazem 47 annos que nas margens do Ypiranga, pequeno recanto nas visinhanças de S. Paulo o principe D. Pedro, anuio os de olhos de illustres brasileiros, cingido a sua fronte com a legenda — INDEPENDENCIA OU MORTE — fazendo repercutir por todo o Brasil esse pensamento tão gloriosamente aureado tornando recommendado o seu nome a gratidão do Brasil e de todos os brasileiros.

O dia **7 de Setembro** comemora ao Brasil o dia amonicionado por um povo que pela sua grandeza não podia deixar de ser livre, marcando a era de sua Independencia; lembra á posteridade o largo caminho de prosperidade; aponta as nações o grande marco de seo progresso e civilização, porque é esse dia celebre tambem por ter n'elle sido franqueado aos estrangeiros as portas do vasto mar mediterraneo que se denomina AMAZONAS e finalmente o dia **7 de Setembro** recorda a provincia do Amazonaço o apparecimento do nosso jornal, que deseja occupar um lugar dis-

Correio de Manáos, nº 1. Manaus, 7 set. 1869.

Anno I	Manaus, 11 de Setembro de 1887	N. 1
ECHO DO NORTE		
ORGO NOTICIOSO, LITTERARIO E CRITICO		
AMAZONAS	PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO	BRAZIL
<p style="text-align: center;">EXPEDIENTE</p> <p style="text-align: center;">--- ASSINATURAS</p> <p>CIT. A. --- POR MEZ 1.000</p> <p style="text-align: center;">---</p> <p>INTERIOR --- SEMESTRE 4.500</p> <p style="text-align: center;">---</p> <p>Numero do dia 100 reis, numero an- tador 160 reis.</p> <p style="text-align: center;">---</p> <p>Para qualquer publicação ou infor- mação, podem dirigir-se á esta typo- graphia, que encontra-se com quem tratar.</p> <p style="text-align: center;">---</p> <p style="text-align: center;">Publica-se aos Domingos</p> <hr/> <p style="text-align: center;"><i>ECHO DO NORTE</i></p> <hr/> <p style="text-align: center;">Manaus, 11 de Setembro de 1887</p> <p>Levantando nessa voz na gra- de tribuna da imprensa, não temes em vista os sentimentos de fanatismo de nenhum dos partidos políticos que apoião a monarchia, com o seu despótico absolutismo desfrin- do em ridicula apparencia de constitucionalidade; não.</p> <p>O nosso fim apparecendo na are- na jornalistic, e simplesmente desider a causa da justiça e do direito, onde quer que ellas estejam; pugnar pelas classes laboriosas desta provincia, que o esqueci- das têm sido dos poderes; preli- gar os abusos das autoridades, o desperdicio dos dinheiros publicos, a afilhadagem, o patronato, etc.</p> <p>Em nós, o crime, o vicio en- contrar o sem, re um inimigo, um acensador.</p> <p>No cumprimento de nossa mis- são não teremos apego ás conve- niencias particulares, quaesquer que</p>	<p>que sejão; o nosso dever falará mais alto que tudo.</p> <p>Não sabemos <i>flores de retho- rica</i>: em nossa phrase franca o pa- ife é patife o boi é boi.</p> <p>No presente seculo a imprensa tem sido o representante das ideas mais adiantadas e o guia do povo em todas as evoluções sociais; co- mo o sol da cidade a luz por da a parte, na cabana do pobre, o palacio do rico, na assembleia dos doutos e na multidão publica. No desempenho de seus deveres, quantas amarguras, quantas perseguições não sofre a im- prensa!</p> <p>A arcação dos potentados que comprão a justiça a peso de ouro, o odio dos malfidantes que encler- gão nella em estorvoas as virtudes e crimes, a calumnia da policia sem de somma que deturpa do que o vae de encontro aos seus interesses mesquinhos, estão á todo momento procurando occa- são para lançar-se contra a im- prensa que não prostitue a sua in- dependencia.</p> <p>Nos comprehendemos tudo isso, mas nada nos amedronta, nada nos parará sahir do caminho que traça- mos.</p> <p>Contemos com o apoio do hon- rado publico.</p>	<p><i>O sr. José Arthur</i>, fazendo compara- ção do estado actual do Amazonas com o de 1850, salientando o progresso de hoje, e como filho desta provincia, não pode deixar de saudar tão memo- ravel data;</p> <p><i>O sr. José S. Subrinho</i>, comprimen- tando em nome da provincia das Ala- goas, patria dos Tavares Bastos e dos Moraes, a provincia do Amazonas na pessoa do distincto Amazonense o sr. Pedro Assis, pelo acontecimento do 5 de Setembro;</p> <p><i>O sr. Domingo Soares</i> manifestando o seu prazer por ver a reunido com que a Sociedade reuniu-se para festejar a data de 5 de Setembro; e lança a que não seja convocada tam- bem uma sessão para o dia 7 de Se- ntembro, com de se lançar na acta um voto de pesar pelo facto que aquella data recorda;</p> <p><i>O sr. Pedro Assis</i>, agradecendo em nome do Amazonas ao sr. José Soares.</p> <p><i>O sr. dr. padre Israel</i>, em nome do Ceará, sua provincia natal, felicitando o Amazonas por se terido-se a ultima par- te do discurso do sr. Domingos. São a estes termos em pôde o sr. padre Israel, como a sociedade não é políti- ca, e os sr. Soares entendem que o dia 7 de Setembro é uma data de luta para a liberdade brasileira, outros ha que a comemoração o dia da patria gloria na cidade;</p> <p><i>O sr. Domingos Soares</i>, como vando a sua opinião a respeito do aconteci- mento da margem do Ypiranga; e diz que nunca poderá ser uma gloria o facto de um escravo haver passado, por compra, das mãos de um senhor para as de outro, pelo contrario é um acto vergonhoso, tanto mais quanto esse escravo é um povo que se quer dizer civilizado;</p> <p><i>O sr. Torquato Ribeiro</i>, como filho do Amazonas, congratulando-se com os provinciaes;</p> <p><i>O sr. dr. padre Israel</i>, emarranto a sessão, propõem que se inscreva na acta de hoje um voto de louvor e de homenagem a todos os cidadãos que trabalharão para a criação da pro- vincia do Amazonas.</p> <p>As 2 e 1/2 horas da tarde levantou- se a sessão.</p>
Noticiario		
Christalida Litteraria		
<p>Em comemoração ao dia 5 de Se- ntembro, a sociedade—Christalida Litter- aria—reuniu-se em sessão solenne no dia 11 de Setembro, ás 11 horas da manhã, sob a presidencia do Illu. Sr. dr. padre Israel Freire.</p> <p>Durante a sessão oração:</p> <p><i>O sr. Pedro Assis</i>, congratulando-se com a sociedade amazonense pelo facto que a data de hoje relembrava;</p>		
Exposição amazonense		
<p>Continua aberta a exposição até o dia 18 do corrente.</p>		
Circo Chileno		
<p>Teve lugar no domingo, 4 do cor-</p>		

ANNO IV. Manaus, 1 de Janeiro de 1870. N.º

PREÇO D'ASSIGNATURA CAPITAL		PREÇO D'ASSIGNATURA INTERIOR	
Por um anno...	12\$000	Por um anno...	14\$000
• Semestre...	6\$500	• Semestre...	7\$000
• Trimestre...	3\$500		
Folha avulsa...	320		

AMAZONAS

O JORNAL DE PROPRIEDADE DE ANTONIO DA CUNHA MENDES & FILHOS.

Publica-se uma vez por semana e mais se convier, em sua typographia á rua do Palácio canto da travessa da União — Ao Aterro.

A assignatura pode começar em qualquer dia, mas termina sempre em março, junho, setembro e dezembro.

DIRECTOR DA OFFICINA E EDITOR — RAYMUNDO FERREIRA DA SILVA LOBO — CIDADÃO BRASILEIRO.

AMAZONAS comprimenta a seus leitores, pelas boas festas, e entrada de anno novo; desejando que gozem de todas as Dns. que almejam.

ACTOS OFFICIAES

GOVERNO DA PROVINCIA

ADMINISTRAÇÃO DO EXM. SR. TENENTE-CORONEL JOÃO WILKENS DE MATOS.

Expediente do mez de Dezembro

DIA 15 OFFICIOS

2.ª Secção. — Ao commandante das armas. — Sirva-se v. s. de mandar apresentar ao dr. chefe de policia, uma força composta de seis praças e um inferior, armadas e municiadas com dez cartuchos cada uma, atanhã as 8 e meia horas da noite, para uma diligencia de que vai incumbido o delegado desta capital. Ao commandante da Flotilha requisito que mande prestar uma ração as ditas praças, apresentando-me a conta para ser-lhes descontada da cota.

— Ao capitão-tenente commandante da Flotilha. Sendo necessario mandar uma diligencia a Tapachessau, a requisição do chefe da policia, haja vme. de mandar apresentar uma das lanchas, que deverá partir amanhã as 9 horas da noite. A demora della não excederá de tres dias, e terá de conduzir seis praças e um inferior, as quaes vme. mandará prestar as rações de padrão, fornecendo-me uma conta das despesas que, nas cautelem, hem como outra de que ficar a lancha, para ser esta paga pelos estab. provinciais e aquella pelo ministerio da guerra.

Responden-se o officio do dr. chefe de policia n.º 345.

DIA 16 OFFICIOS

3.ª Secção. — Ao dr. chefe de policia. — Manoel da Gama Francisco, quem em dia do 30 do novembro proximo passou em uma sorte de terras, que já occupava, a terra de que Pedro Pizango e outro individuo de nome Antonio, seus vizinhos, por occisão de lhes prestar o titulo das mesmas terras, retomou a força e importando este facto uma perturbação á paz do referido Gama e da paz de sua familia, e como conveniente que v. s. se sirva de providuar para que não só lhe seja restituído o titulo, e torquido, como que não seja o queixoso inquirido.

DIA 17 OFFICIOS

1.ª Secção. — Estaria, nomeando o cidadão José Casimiro Cabido Palheta para interinamente servir o lugar contador do correio geral desta provincia.

Fizeram-se communicações do estylo.

DIA 18 OFFICIOS

3.ª Secção. — Ao inspector da thesouraria de fazenda provincial. Tendo eu approvado nesta data o plano e orçamento para a casa que terá de servir do estado publico nesta capital, haja vme. de mandar assignar pelo prazo do art. 20 do regulamento n.º 20 de 17 de julho ultimo, o contrato da mesma casa.

Na repartição das obras publicas será exhibido o plano da obra a quem o quizer examinar.

1.ª Secção. — Ao director das obras publicas, dizendo que mande examinar o telhado da casa em que esta o lyceo, e fazer os reparos necessarios para evitar que continue a chover na casa, como communica o director da instrução publica.

Responden-se o officio do dr. director da instrução publica e disse-se-lhe que fica transferida a distribuição dos premios aos alumnos do lyceo para o dia 1.º de janeiro do anno proximo vindouro.

DIA 23 OFFICIOS

3.ª Secção. — Partaria. O presidente da provincia, tendo a vista a demonstração de credito que com officio n.º 422 de 17 do corrente lhe apresentou o inspector da thesouraria provincial, da qual se vê que o credito consignado no § 5.º da lei do orçamento provincial vigente é insufficiente para occorrer as despesas da respectiva rubrica, até o fim do exercicio, resolve, de accordo com a referida demonstração, augmentar o dito credito com a quantia de 492,051,20 réis, que se faz necessaria aquella lei.

Communiquou-se. — Communiquou-se.

— Idem, augmentando os creditos votados nos §§ 2.º, 5.º e 6.º da lei do orçamento municipal em vigor com a quantia de 886,016,00 réis, sendo para o 1.º dos referidos §§ 346 e 420 rs., para o 2.º 452,860 rs. e para o 3.º 86,880 rs., augmentos necessarios para occorrer as despesas feitas e a realizar até o fim do exercicio.

Communiquou-se á camara da capital em resposta ao officio n.º 81.

OFFICIOS

2.ª Secção. — Ao dr. chefe de policia. A *Reforma Liberal* n.º 59, de 16 deste mez, insiste em afirmar que fora agarrado na rua, e conduzido á força para bordo do vapor *Icambiaba*, ha poucos dias, um rapaz de nome Manoel, aggregado do reverendo padre Manoel de Cupertino Salgado, e attribui esse acto violento a ordem da policia. Convidando tirar a limpo esse facto, para que seja devidamente aquilutada a denuncia do orgão da opposição, que não duvida afirmar — que esse acto abusivo fora praticado por ordem da policia; haja v. s. de exigir, e transmitir-me com a possivel brevidade, das autoridades policiaes desta capital, as seguintes informações:

- 1.ª Si alguma dellas interveio na apprehensão do individuo nomeado por aquelle periodico e o fez levar para bordo do vapor *Icambiaba*.
- 2.ª No caso affirmativo, si esse individuo fora ex-officio ou á pedido de algum apprehendido.
- 3.ª Mas, si nenhuma intervenção houve da parte das mesmas autoridades, para a apprehensão e condução do sobredito individuo, si ellas tiveram conhecimento ou noticia de haver sido empregado o nome da policia para effectuar-se o constrangimento, por quem, e quando.

Além destas informações se servirá v. s. de exigir todas as que lhe parecerem necessarias para esclarecer este assumpto sobre o qual espero que v. s. quando transmitir-me tais informações, haja de interpor sua opinião, parecendo-me conveniente, que v. s. logo que chegar o vapor *Icambiaba*, mande vir á sua presença o referido individuo, e com as formalidades que julgar legais e forem convenientes, o interrogue sobre a sua apprehensão, e mais circumstancias que possam determinar luz neste assumpto, que é de toda necessidade de seja exposto ao publico tal qual elle for.

— Ao juiz de direito da capital dr. Augusto Elizio de Castro Fonseca. — Tendo vme. exercido as funcões de chefe de policia desta provincia desde 3 de maio até 12 de agosto, e de 13 de dezembro até 24 de dezembro do anno de 1867 estar, sem duvida, habilitado para informar-me sobre os seguintes pontos:

- 1.ª Se ao assumir vme. pela primeira vez o cargo de chefe de policia, teve noticia que existia no archivo da respectiva secretaria um auto de corpo de delicto feito no cadaver de uma escrava de nome Raymunda, que, em 1867, se diz ter fallecido em consequencia de uma queda.
- 2.ª No caso affirmativo qual o parecer dos peritos que examinaram o cadaver.
- 3.ª Se o mesmo auto deixava fora de duvida a existencia de um assassinato, quaes as indagações feitas pela policia, e se estas tambem existiam na secretaria dessa repartição.
- 4.ª Se vme. o remetteu ao juiz municipal do termo para que procedesse contra o culpado na forma da lei.

O orgão da opposição afirma, que esse auto de corpo de delicto e algumas averiguações que foram feitas, desapareceram da secretaria da policia. Sendo indispensavel esclarecer esse facto criminoso, haja vme. de informar-me mais:

- 1.ª Si quando vme. deixou o exercicio de chefe de policia passou ao seu successor o dito auto de corpo de delicto e o resultado das averiguações a que se procedeu acerca do facto, e qual o magistrado que substituiu a vme. n'aquelle cargo.
- Ao de Parintins dr. Romualdo de Souza Pires de Andrade. — Tendo vme. servido o cargo de chefe de policia interino desta provincia desde 20 d'agosto até 26 de novembro de 1868, haja de informar-me, pela primeira occasião, sobre o seguinte:

 - 1.ª Qual o magistrado que o procedeu na chefatura de policia.
 - 2.ª Si durante o tempo do seu exercicio teve vme. conhecimento da existencia no archivo da secretaria da policia de um auto de corpo de delicto, feito em principio do anno de 1867, em um cadaver de uma escrava de nome Raymunda, que fallecera em consequencia de uma queda.
 - 3.ª No caso affirmativo, si vme. viu esse documento, o lêo e lembre-se qual o parecer dos peritos.
 - 4.ª Si ao deixar vme. o exercicio do referido cargo ainda existia no archivo aquelle documento.

Mutatis mutandis ao dr. juiz municipal do termo da capital.

1.ª Secção. — Ao capitão Raymundo Antonio Fernandes. Tendo vme. servido o cargo de subdelegado de policia do districto desta capital no anno de 1867, e constando-me, que fora vme. que se presidiu ao exame e corpo de delicto de nome Raymunda, e que esse documento fora por vme. entregue ao chefe de policia, desse tempo, dr. José Maria d'Albuquerque e Mello, haja de informar-me com brevidade acerca do seguinte:

 - 1.ª Si foi vme. quem presidiu aquelle exame e corpo de delicto, quaes os peritos nomeados para o acto, e qual o parecer dellas.
 - 2.ª Si praececa vme. ex-officio ou á requisição da parte, e quem ella.

1875

JORNAL DO AMAZONAS

PROPRIEDADE DO BACHAREL ERNESTO RODRIGUES VIEIRA

DEFENDE A CAUSA DA VERDADE, DA JUSTIÇA, DO PROGRESSO E DA CIVILIZAÇÃO.

ASSIGNATURAS CAPITAL	ANO I MANAUS, 16 DE ABRIL DE 1875.	N. 2.	ASSIGNATURAS INTERIOR
Um anno 15,000			Um anno 18,000
Sesz mezes 10,000			Sesz mezes 12,000
Trimestre 6,000			Folha avulsa 500

Todos os pagamentos adiantados.

Publicar-se-ha por enquanto uma vez por semana.

Accetta-se com extremo agrado a obsequiosa collaboração dos bons escriptas de interesse geral. Os que forem portes de outro interesse particular serão inser-
tos mediante accordo previo com a Redacção.—Os annuncios dos tra assignantes terão um abtamento razoavel.

JORNAL DO AMAZONAS

Manaus, 15 de Abril de 1875.

Em o numero anterior de nossa folha, seguindo a trilha habitual dos adeptos do journalismo, inserimos, sob a forma de programma, o artigo, a que damos o titulo de prospecto, e que servio de portico ao edificio que leramos intuito de erguer.

Nelle deixamos entrever o systema normal que nos propomos manter na realisacão do empenho que iniciamos.

Crendo mui pouco na lisura das convicções humanas, nos apresentamos talvez em scena com opiniões bem singulares.

As lutas de partidos, o cívico assas commum dos debates da imprensa, já dissemos, não nos demoverão do nosso proposito.

Talvez abundassemos, neste sentido, como é natural, em considerações triviaes e sem relevô, destituidas do vero alcance que é de mister em tal caso, para prender a attenção porventura gasta do continuo roçar em materia já tão exhaurida e fastidiosa.

Se bem ou mal nos expressamos, toca aos grammaticos casuisticos, o agorentarem os desaccertos que provavelmente li forão aos feixes, relevando-nos todavia sem exatidão a nossa impericia em materia tão ardua quanto inegotavel.

Nós apenas quizemos, em guisa de programma, exigido pela praxe diuturna do journalismo, fazer scientes o quanto nos affastamos do sentir geral, quando em nosso provavelmente extraxulo pensar nos definimos quer nas graves materias da politica, quer já em outros assumptos de não somenos valia social.

Por isso, quer nos parece que nos hão de predoar essa liberdade sentio licença de assim nos expres-

sar-nos, e de tudo ajuntar á capricho.

E verdade que hoje, ante o aspecto constante e uniforme das leis sciencias facilmente estabelecidas pelos usos e costumes recebidos e acatados, o apparecimento de um periodico sem matiz partidario, se affigura logo uma cousa extranha, uma sorte de entidade hybrida que escapa ao dominio e contingencias do tracto social.

Mas, nós, supposto conscios de uma tão rude quanto importuna verdade, nos socorremos a ella um pouco refractarios.

Talvez nos cheguem ainda os enthusiasmos que sobrecixida a acrimonia do sangue, fazendo-nos arremessar no seio das pendencias partidarias.

Mas, por ora, merecê de Deos, ainda não nos quizerão visitar.

Demais, nós já nos confessamos de muito apoucada percepção nas variadas e complicadas questões que envolve essa palavra magica que se chama politica, e abstermos de bom grado, de muito excogitar de sua excessiva comprehensibilidade.

Atendendo não sei, a que principios que nos parecemo razoaveis, resolvemos apartar-nos das devesas apertadas e sinuosas que lhes escondem o complicado mecanismo, para trilharmos uma senda mais larga e desobedi a dos obices que lhes são inherentes.

Neste intuito assentamos dever inscrever no frontal de nossa folha, uma legenda que, como a imponente portada de um templo, symbolisasse o adlylo santo dos principios que defendemos.

Sob a inspiração desses principios cantamos proseguir a jornada que encetamos; e por certo, que seremos ajudados dos bons peregrinos que igualmente se destinão á essa nove terra da promissão.

Esta provincia em que ora habitamos, fadada pela providencia de uma natureza fausta e exuberante de vida larga, regios que,

pela sua constituição topographica, e condições climatericas, assas doces, offerece á avidéz humana um vasto repositorio de riquezas que ali jasmem escondidas, atravez o sem numero de veredas e vias fluvias, as quens faculto-lhe ingresso até as suas mais reconditas paragens, esta provincia repito, reclama a attenção dos bons espiritos que timbrão em promover a lei do progresso e da civilização.

O luxo e opulencia de sua vegetação que se ostenta adherencia da dos mais preciosos productos aproveitaveis ás necessidades do homem, só aguarda o concurso cumulativo do seo espirito e esforço, para turbar o famigerado prestigio dos mais bem fadados países do mundo.

E nós, que nos cingimos do tábulo que estampamos em a frente de nossa folha, empenhargmos neste sentido, os nossos minguaos esforços contribuindo, quanto nos caiba, para a realisacão do grandioso porvir que lhe está reserçado no futuro.

No entanto cumpre que os seus filhos e habitantes, attendendo ás suas necessidades mais urgentes, não se descuidem, de applicar-lhe especifico energico.

A industria agricola que se nos affigura o seu elemento primordial de grandesa, deve-se confessar, ainda é infante, se é que não está em germen.

Qual o motivo? E o que convem averiguar. E a questão que deve ser affecta á todos os que têm interesse na prosperidade e progresso da provincia.

Que cada um por seu turno se empenhe em dar a devida solução ao problema.

Finalizando em o numero anterior o nosso prospecto deixamos entrever o que pensamos sobre este assumpto.

Felizmente já não é mais ignota a cousa para que seja preciso debater-se longamente sobre ella.

Quem não sabe, que para o immenso territorio que a provincia occupa no imperio, a sua população é sobre maneira exigua?

A emigração pois é o poderoso foveiro que ha de restaurar a sua constituição poderosa minada porrem, de uma desoladora enenia que a vai definhando á olhos nus.

Alguns amigos que se offerecerão a segundar-nos com a sua obsequiosa e illustrada collaboração, opinando de modo analogo, propoem-nos estudar mais accuradamente a materia.

Em a secção de collaboração, verão já os leitores que temos razão de confiar do bom auxilio dos amigos.

COLLABORAÇÃO.

Favoreza do Amazonas.

“Vimos com prazer a illustre Associação Projeic ‘iniciou’ pela iniciativa do mediano, a proteger a creação da imprensa, dando deste modo melhor prova de sua sollicitude pelos interesses de seus concitadãos.

Beneficios desta ordem appliciem sobre seus sutores a gloria da sua dedicacão, e tornem-se credores da sympathia geral do povo que representão.

Sentimos entretanto a atiguidade do quantum proposto e como isso parece ter justificacão nas circumstancias financeiras e actuaes, vamos lembrar algumas razões tendentes á demonstrar que mais se poderia fazer.

E’ certo que os encargos presentes da Provincia já são superiores á sua receita, encargos estes que entendom com outros melhoramentos de interesse geral: porém a questão é esta: apparece dantes encargos, que do pouco excedem a receita publica, será conveniente contrahir-se outros para favorecer a lavoura? é a isto que vamos responder.

A creação da lavoura, bem como a protecção de qualquer industria, sobre-tudo que tenha por fim a utilisacão dos productos naturaes da Provincia, é a questão presentemente de maior vi-

Anno I. Manaus, 28 de Agosto de 1867. N. 50.

JORNAL DO RIO NEGRO

1867

HE PROPRIEDADE DE MORAES & C.^a — EDITOR E PRINCIPAL REDACTOR O BACHAREL MANUEL PEREIRA DA SILVA, BRASILELA.

Publica-se todos os dias, menos nos immediatos aos santificados. Subscreeve-se nesta typographia rua de S. Vicente n.º 12, a 500⁰ por trimestre, pagos adiantados. — Os srs. assignantes terão 10 linhas gratis em seus annuncios, e pelas excedentes pagarão na razão de 80 rs. por linha. As publicações de interesse particular fazem-se por ajuste, e pagamentos sempre adiantados. Folha avulsa 160 rs.

JORNAL DO RIO NEGRO.

MANAÓS, 28 DE AGOSTO DE 1867.

COMPANHIA FLUVIAL DO ALTO AMAZONAS.

Pelo senhor *Manóas* chegou o sr. Alexandre Paulo de Brito Amorim, que o anno passado foi xado sua familia, amigos e negocios nesta capital do Rio de Janeiro a boogar a causa da sua empresa de navegação a vapor nos rios Madeira, Paú e Negro, e que por fim teve o bom exito, que era de esperar, pelas grandes vantagens que á prosperidade desta provincia, offerece uma tal empresa.

O sr. Amorim emballa to pelas primeiras impressões que causava á boa aacceptação da sua empresa no Rio de Janeiro, onde as acções da companhia poderiam ficar, como as da *navegação e commercio do Amazonas*, porque o commercio d'aquella praça, os capitalistas e mesmo os particulares patentearam grandes desejos para que fossem ali ellas emitidas, lançou primeiro as suas vistas para esta provincia e esquecendo propositas de grandes montas, que todos os dias lhe fiziam, veio offerecel-as ao povo amazonense assim de que só elle podesse uzo fruir as vantagens que a companhia viesse dar um dia nos seus accionistas.

A provincia do Paú, não menos interessada pelo desenvolvimento do rio gigante, do que esta provincia, está disposta a consumir o numero de acções da *companhia fluvial do alto Amazonas*, que por ventura não possa ser mais emitido na circulação da mesma tão limitada quaõ pequena praça de commercio.

Cheio do mais vivo prazer noticiamos este acto generosissimo do sr. Amorim, assim como chamamos a attenção de todos os habitantes do Amazonas, a que envidando todas as suas forças não se escusam de ficar com as acções dessa companhia, que já vê n'um horizonte de rozas brilhar a sua prosperidade e futuro.

NO RIO.

REGATA. — No salão d' sociedade "Thalia" devem reunir-se hoje as pessoas que desejarem concorrer a essa grande festa maritima, que deve ter lugar no dia 7 de setembro. Poucas são as pessoas que possuem canoas proprias para esse acto, e por isso, essas mesmas pessoas não se deverão furtar de comparecer a reunião, visto como só ellas são os auxiliares mais poderosos para a não quoter tão bella idéa de festejo, no dia da abertura dos portos do rio gigante, do rio das Amazonas.

Depois da reunião daremos conta dos prazeres que occurrerem do plano da regata e da hora para que for marcado.

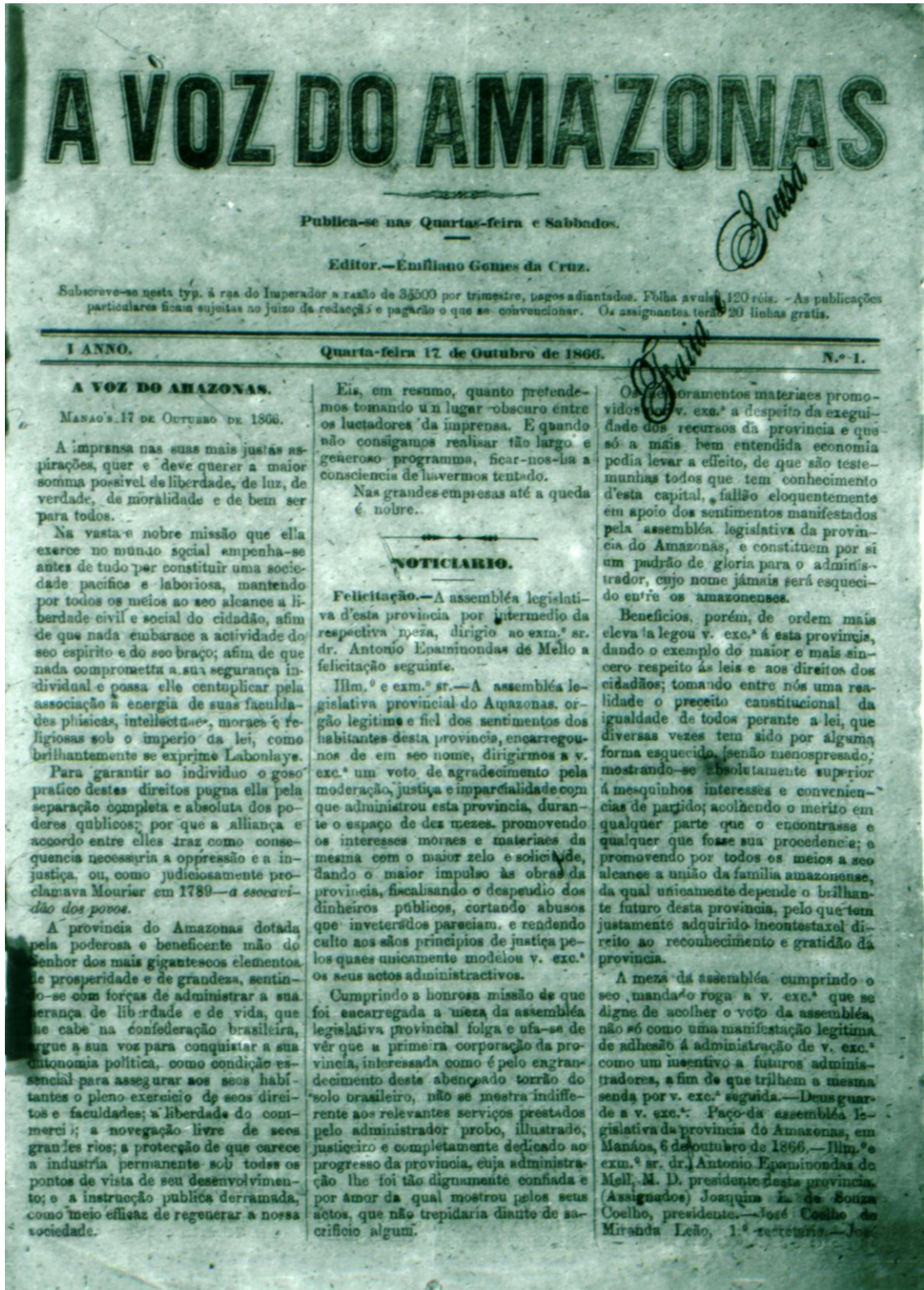
Damos abaixo publicidade á proclamação, que por occasião de ficar prisioneiro, dirigio o infeliz principe Maximiliano ao povo do Mexico, onde como se sabe, as ambições de Bonaparte o levaram até a um solo intruso, e que por este facto perdeu o direito que tinha a casa de Austria!

Feliz será a familia do desventurado principe se as ambições do partido democrata mexicano não o levarem até ao patibulo, como já se falla em toda a Europa e America!

Eis a proclamação:

" Compatriotas. Agora que o valor e o patriotismo das forças republicanas destruíram o meu reinado vencendo-me n'este lugar, depois de uma tenaz defesa, indispensavel para salvar a honra da minha causa e a dignidade da minha familia, agora que este sanguinolento cerco proveu o valor e a abnegação dos soldados imperiaes e republicanos, eu devo explicar-me para convosco.

Vim ao Mexico, não sómente animado com a melhor fé de assegurar a felicidade de todos e de cada um de vós, como tambem chamado e protegido pelo actual imperador da França. Elle, para vergonha d'essa grande nação, abandonou-me covarde e ignominiosamente a pedido dos



A VOZ DO AMAZONAS

Publica-se nas Quartas-feira e Sabbados.

Editor.—Emiliano Gomes da Cruz.

Subscreve-se nesta typ. á rça do Imperador a razão de 33500 por trimestre, pagos adiantados. Folha avulsa, 120 réis. — As publicações particulares ficam sujeitas ao juizo da redacção e pagação o que se convencionar. Os assignatos terão 20 linhas gratis.

I ANNO.

Quarta-feira 17 de Outubro de 1866.

N.º 1.

A VOZ DO AMAZONAS.

MANAUS, 17 DE OUTUBRO DE 1866.

A imprensa nas suas mais justas aspirações, quer e deve querer a maior somma possível de liberdade, de luz, de verdade, de moralidade e de bem ser para todos.

Na vasta e nobre missão que ella exerce no mundo social ampenha-se antes de tudo por constituir uma sociedade pacifica e laboriosa, mantendo por todos os meios ao seu alcance a liberdade civil e social do cidadão, afim de que nada embarace a actividade do seu espirito e do seu braço; afim de que nada comprometta a sua segurança individual e possa elle centuplicar pela associação a energia de suas faculdades phisicas, intellectuaes, moraes e religiosas sob o imperio da lei, como brillantemente se exprime Laboulaye.

Para garantir ao individuo o gozo pratico destes direitos pugna ella pela separação completa e absoluta dos poderes publicos; por que a alliança e accordo entre elles traz como consequencia necessaria a oppressão e a injustiça, ou, como judiciosamente proclamava Mourier em 1789—*a escravidão dos povos.*

A provincia do Amazonas dotada pela poderosa e beneficente mão do Senhor dos mais gigantescos elementos de prosperidade e de grandeza, sentindo-se com forças de administrar a sua herança de liberdade e de vida, que lhe cabe na confederação brasileira, ergue a sua voz para conquistar a sua autonomia politica, como condição essencial para assegurar aos seus habitantes o pleno exercicio de seus direitos e faculdades; a liberdade do commercio; a navegação livre de seus grandes rios; a protecção de que carece a industria permanente sob todos os pontos de vista de seu desenvolvimento; e a instrução publica derramada, como meio eficaz de regenerar a nossa sociedade.

Eis, em resumo, quanto pretendemos tomando um lugar obscuro entre os luctadores da imprensa. E quando não consigamos realizar tão largo e generoso programma, ficar-nos-ia a consciencia de luvemos tentado.

Nas grandes empresas até a queda é nobre.

NOTICIARIO.

Felicitação.—A assembléa legislativa d'esta provincia por intermedio da respectiva mesa, dirigio ao exm.º sr. dr. Antonio Epaminondas de Mello a felicitação seguinte.

Ilm.º e exm.º sr.—A assembléa legislativa provincial do Amazonas, orgão legitimo e fiel dos sentimentos dos habitantes desta provincia, encarregou-nos de em seu nome, dirigirmos a v. exc.º um voto de agradecimento pela moderação, justiça e imparcialidade com que administrou esta provincia, durante o espaço de dez meses, promovendo os interesses moraes e materiaes da mesma com o maior zelo e soliciude, dando o maior impulso ás obras da provincia, fiscalizando o despendio dos dinheiros publicos, cortando abusos que inveterados pareciam, e rendendo culto aos seus principios de justiça pelos quaes unicamente modelou v. exc.º os seus actos administrativos.

Cumprindo a honrosa missão de que foi encarregada a mesa da assembléa legislativa provincial folga e ufa-se de ver que a primeira corporação da provincia, interessada como é pelo engrandecimento deste abençoado torrão do solo brasileiro, não se mostra indifferente aos relevantes serviços prestados pelo administrador probo, illustrado, justiciero e completamente dedicado ao progresso da provincia, cuja administração lhe foi tão dignamente confiada e por amor da qual moestrou pelos seus actos, que não trepidaria diante de sacrificio algum.

Os elementos materiaes promovidos por v. exc.º a despeito da exeguidade dos recursos da provincia e que só a mais bem entendida economia podia levar a effeito, de que são testemunhas todos que tem conhecimento d'esta capital, fallão eloquentemente em apoio dos sentimentos manifestados pela assembléa legislativa da provincia do Amazonas, e constituem por si um padrão de gloria para o administrador, cujo nome jámais será esquecido entre os amazonenses.

Beneficios, porém, de ordem mais elevada legou v. exc.º á esta provincia, dando o exemplo do maior e mais sincero respeito ás leis e aos direitos dos cidadãos; tomando entre nós uma realidade o preceito constitucional da igualdade de todos perante a lei, que diversas vezes tem sido por alguma forma esquecido, senão menosprezado; mostrando-se absolutamente superior á mesquinhos interesses e conveniencias de partido; acolhendo o merito em qualquer parte que o encontrasse e qualquer que fosse sua procedencia; e promovendo por todos os meios a seu alcance a união da familia amazonense, da qual unicamente depende o brillante futuro desta provincia, pelo que tem justamente adquirido ineontestavel direito ao reconhecimento e gratidão da provincia.

A mesa da assembléa cumprindo o seu mandado roga a v. exc.º que se digne de acolher o voto da assembléa, não só como uma manifestação legitima de adhesão á administração de v. exc.º como um incentivo a futuros administradores, a fim de que trilhem a mesma senda por v. exc.º seguida.—Deus guarde a v. exc.º. Paço da assembléa legislativa da provincia do Amazonas, em Manaus, 6 de outubro de 1866.—Ilm.º e exm.º sr. dr. Antonio Epaminondas de Mello, M. D. presidente desta provincia. (Assignados) Joaquim L. de Souza Coelho, presidente.—José Coelho de Miranda Leão, 1.º secretario.—José

A Voz do Amazonas, nº 1. Manaus, 17 out. 1866.